

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO  
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS E DISCURSIVAS**

**SUJEITOS E SABERES: REDES DISCURSIVAS EM UMA  
ENCICLOPÉDIA ONLINE**

**GLÁUCIA DA SILVA HENGE**

**ORIENTADORA: PROFa. DRa. SOLANGE MITTMANN**

Dissertação de Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2009**

*Para Rafael,  
por todo o apoio,  
companheirismo e incentivo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, pela compreensão nas ausências e apoio nos momentos decisivos.

Agradeço ao meu marido, por todo o amor e a paciência, motivando-me sempre, mais e mais.

Agradeço ao Instituto de Letras/PPG/UFRGS, por todo o aprendizado proporcionado.

Agradeço ainda mais à área do Discurso, na figura de todas as professoras (desta e de outras instituições), das quais seus fazeres transformaram meu modo de perceber o mundo das palavras.

Agradeço, em especial, à profa. Solange Mittmann por me acompanhar nessa caminhada, sempre destinando uma palavra amiga e estimulante, ofertando críticas sábias e produtivas.

E agradeço, por fim, ao CNPq, pela bolsa concedida.

## RESUMO

Este trabalho investiga uma enciclopédia online, a Wikipédia, enquanto espaço virtual de agregação e materialização de discursos, uma vez que ela se configura como um dos “meios materiais” nos quais a inerente busca pelo conhecimento (em seu modo específico de perceber conhecimento) mobiliza os gestos de interpretação dos sujeitos. Assim, através da convocação do dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso de linha Francesa, lançamos um olhar sobre as redes discursivas que se tecem ao longo dos artigos que formam esta enciclopédia. A Wikipédia agrega conflitos da ordem do discursivo, nos quais diferentes formações discursivas se relacionam sob a égide da Formação Ideológica do Saber, e sujeitos, interpelados pela ideologia, dotados de inconsciente e afetados pela língua, entram no jogo de forças entre sentidos possíveis, na busca da adequação a um lugar discursivo estabelecido na imagem do Wikipedista e sob um modo de escrita que se configura como autoria colaborativa. Discutimos aqui, portanto, a historicidade da cibercultura e do hipertexto, as formações que determinam os discursos em torno da noção de conhecimento, as relações dos sujeitos entre si e com os saberes mobilizados, além do percurso da autoria colaborativa que marca o modo de formulação da própria Wikipédia. Através das análises de verbetes, na Wikipédia chamados artigos, observamos como se dá o processo discursivo no qual a construção da enciclopédia online se faz, sob determinações ideológicas, numa idealização de neutralidade e de possibilidade de registro de todo o conhecimento existente.

## RESUMÉ

Ce travail examine une encyclopédie sur ligne, la Wikipédia, en tant qu'espace virtuel d'agrégation et matérialisation de discours, une fois qu'elle se constitue comme un des « moyens matériels » dans lesquels l'inhérente quête de la connaissance (ayant son propre moyen de perception de la connaissance) mobilise les gestes d'interprétation des sujets. Faisant appel donc aux présupposés théorique-analytiques de l'Analyse du Discours française, nous regardons les réseaux discursifs se tissant au fil des articles composant cette encyclopédie. La Wikipédia réunit des conflits de l'ordre du discursif, dans lesquels des différentes formations discursives sont mises en rapport sous l'égide de la Formation Idéologique du Savoir, et des sujets – interpellés par l'idéologie, dotés d'inconscient et affectés par la langue – entrent dans le jeu de forces des sens possibles, à la quête de l'adéquation à un lieu discursif établi dans l'image du Wikipédien et sous un genre d'écriture qui se configure comme une production collaborative. Nous discutons ici par conséquent l'historicité de la cyberculture et de l'hypertexte, les formations déterminant les discours autour de la notion de connaissance, les relations des sujets entre eux et avec les types de savoir mobilisés et aussi le parcours de la production collaborative marquant le mode de formulation de la Wikipédia même. À travers les analyses des entrées, dans la Wikipédia appelées articles, nous observons comment se développe le procès discursif par lequel la construction de la Wikipédia est faite, suivant des déterminations idéologiques, dans une idéalisation de neutralité et de possibilité de registre de toute la connaissance existante.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
1 A WIKIPÉDIA: UM ESPAÇO VIRTUAL DE SABERES EM DISCURSO.....	09
1.1 O objeto de estudo “Wikipédia”.....	09
1.2 A materialidade da Wikipédia: internet e hipertexto.....	13
1.3 A Wikipédia e a noção de enciclopédia.....	26
1.4 As relações entre os saberes, a memória e o arquivo na enciclopédia on-line.....	28
2 O PROCESSO DE DISCURSIVIZAÇÃO DA WIKIPÉDIA.....	44
2.1 As condições de produção.....	49
2.2 As formações envolvidas: social, ideológica e discursiva.....	51
2.3 A heterogeneidade e a determinação dos sentidos.....	55
3 O PAPEL DO SUJEITO NA ENCICLOPÉDIA ON-LINE.....	67
3.1 A imagem do Wikipedista.....	67
3.2 O sujeito na perspectiva discursiva.....	70
3.3 O sujeito na/da Wikipédia: o wikipedista.....	81
4 A DISCURSIVIZAÇÃO DA AUTORIA COLABORATIVA.....	97
4.1 A autoria e a interpretação nos processos discursivos da Wikipédia.....	99
4.2 Uma análise do percurso de autoria colaborativa.....	111
4.2.1 O artigo como efeito-texto.....	112
4.2.2 O artigo como processo colaborativo.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	142
ANEXOS.....	147

## APRESENTAÇÃO

Vivemos tempos em que com poucos cliques em frente ao computador, um universo de textos se revela aos nossos olhos. Com mais alguns cliques, realizamos buscas e percorremos inúmeras páginas, caindo, mais cedo ou mais tarde, num website de buscas. Onde encontrar algo? O que significa tal coisa? E o website nos encaminha para uma “enciclopédia online”. Essa narrativa, simples e óbvia, ocorre milhares de vezes todos os dias, quando um estudante recebe um tema para pesquisa, quando um internauta quer obter alguma informação, quando alguém quer uma definição rápida que “sane” sua dúvida ou curiosidade. Tempos de internet. Tempos de rapidez.

Nesse movimento de busca/encontro de “conteúdos, o conhecimento emerge como algo que se busca e que se “pega”. Uma enciclopédia online onde todos podem escrever e pesquisar torna-se um sucesso de acessamentos, pois disponibiliza “tudo”. Como encarar tudo isto do ponto de vista discursivo?

Como esses efeitos de sentido se cristalizam como evidências? Ao tomarmos uma enciclopédia online, então, como objeto de estudo, percebemos que redes discursivas se estabelecem, se enredam e se sobrepõe na configuração dos sentidos e dos sujeitos envolvidos nessa trama. E é disto que tratamos nessa dissertação.

O conhecimento, o saber sobre, está diretamente ligado à noção de ciência, sapiência, e envolve uma busca incessante do sujeito. Segundo Orlandi (2001a, p.30)

A necessidade de saber é constitutiva da forma-sujeito-histórica e as novas tecnologias de linguagem, disponíveis, concorrem para a configuração material dessa circulação, dessa divulgação da ciência. Essas novas tecnologias ao produzirem uma nova forma de autoria concorrem para a produção de um novo efeito leitor e isto pode ser feito com qualidade. Depende de seu modo de funcionamento.

Ao pensar as novas tecnologias no discurso de produção e circulação da ciência, Orlandi aponta para a possibilidade de uma nova forma de autoria como fruto dessa inovação, mas salienta que a qualidade disto está ligado ao modo de funcionamento. A internet, sem dúvida, inclui-se nessa gama de novas tecnologias da linguagem e mobiliza, em seu entorno, redes de discurso acerca da acessibilidade, liberdade e universalidade dos conteúdos nela dispostos. A enciclopédia online enquanto espaço virtual de agregação e materialização de

discursos é mais um dos “meios materiais” nos quais a necessidade de saber constitutiva se problematiza e mobiliza os gestos de interpretação dos sujeitos. Portanto, tomá-la como objeto de estudo implica investigar seu funcionamento discursivo.

Assim, ao longo deste trabalho, procuramos analisar discursivamente, as redes de discursos que se estabelecem na enciclopédia online “Wikipédia” através da relação entre os sujeitos e os saberes nela materializada. Como sistematicidade dessa investigação, dividimos nossa análise em quatro grandes momentos.

No primeiro, buscamos situar, mediante as condições de produção em que se instauram, as relações entre o computador, o hipertexto a memória e o saberes mobilizados por uma enciclopédia online, e a própria noção do que seria uma enciclopédia online.

Em seguida, procuramos definir nosso dispositivo teórico-analítico frente às exigências de sua configuração dado o objeto em estudo e assim percorremos a determinação e os deslocamentos de sentido que ocorrem na Wikipédia e as formações (discursivas, ideológicas e imaginárias) que os suscitam.

Realizada essa desnaturalização do que seria a enciclopédia e como os saberes são mobilizados pelo trabalho da memória na determinação dos sentidos, passamos olhar detidamente os sujeitos envolvidos e o trabalho da história na língua em suas práticas de discursivização.

Para então, determo-nos num ponto crucial, mencionado por Orlandi no excerto acima, que diz respeito às novas tecnologias colaborarem para o surgimento de nova forma de autoria e de um novo efeito autor em suas materializações. Sobre isto, investigamos, pois, como se dá a autoria na enciclopédia online, as relações do sujeito com sua função autor e a possibilidade haver, ou não, um efeito autor.

Longe de percorrermos todos os aspectos passíveis de investigação do ponto de vista discursivo por sobre a Wikipédia, esperamos estar, de algum modo, contribuindo para uma melhor compreensão desses nossos tempos onde tecnologia, saberes e sujeitos se relacionam de modos tão diferentes.



# 1 A WIKIPÉDIA: UM ESPAÇO VIRTUAL DE SABERES EM DISCURSO

## 1.1 O objeto de estudo “Wikipédia”

Ao longo dos anos, a internet tem ocupado cada vez mais espaços significativos na produção e circulação de saberes, chegando a constituir, segundo muitos autores, uma revolução na relação dos indivíduos com o conhecimento. Marcada pela velocidade e pela atualização, a navegação na rede mundial de computadores se configura como um modo diferenciado pelo qual os sujeitos se relacionam com outros sujeitos, com seus textos e com outros textos. Novos conceitos e formatos são formulados constantemente, como resposta a tantas inovações no espaço virtual. Porém, há muito que investigar nesse “novo” universo de saberes.

Uma das grandes influências da internet no cotidiano social e cultural de uma sociedade (como a brasileira) se dá no espaço da educação. A pesquisa, marca de todo processo pedagógico, passa por uma mudança radical: milhares de estudantes recorrem diretamente à internet para realizar suas buscas, prescindindo dos acervos impressos, às bibliotecas... Assim, as referências, antes apenas bibliográficas, passaram a ter endereços eletrônicos colocados lado a lado de livros, enciclopédias e dicionários impressos.

A própria relação do indivíduo com a escrita vem sendo modificada. A facilidade em fazer circular seus textos, bem como a quantidade de espaços para expressar opiniões foi enormemente ampliada pela internet. A autoria, popularizada e acessível, também passa por mudanças importantes. Em tese, qualquer internauta pode se colocar na posição de autor, publicar (postar) seus textos, ou ainda construir textos coletivos em parceria com outros internautas. Assim como o autor, o leitor também se reconfigura. O volume de informações, a gama de possibilidades de textos a serem lidos, a rapidez de atualização..., tudo isto faz com que leitores e autores de meio eletrônico se constituam como tais de modo diferenciado, uma vez que se instalam em um meio também diferenciado.

Torna-se, portanto, fundamental investigar o ciberespaço a partir do ponto de vista científico-acadêmico. É necessário lançar um olhar acurado sobre essas novas formas de produção e circulação de discursos, isto é, novas discursividades, próprias da internet e dessa

cibercultura que a engloba, bem como sobre o leitor e o autor virtuais e sobre a relação entre a interpretação e os saberes mobilizados. Assim, a noção de ciberespaço que subsidia toda essa dissertação é a definição a partir da perspectiva discursiva proposta por Mittmann (2008, p.113) ao pontuar que “ciberespaço abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos, mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção”.

Uma pesquisa nacional divulgada pelo IBGE<sup>1</sup> mostra que 71,7% dos usuários freqüentes de internet utilizam-na para fins de educação e aprendizado. Todas as demais finalidades (comunicação, transações bancárias, compras etc.) ficam abaixo desse percentual. Neste mesmo contexto brasileiro, há em toda busca efetuada na web, através de sites de busca como Google, Yahoo etc., a apresentação da enciclopédia virtual Wikipédia<sup>2</sup> como um dos resultados mais recorrentes. Em um ranking divulgado no site especializado em Informação da Web, Alexa<sup>3</sup>, entre os cem sites mais visitados em todo o Brasil, a Wikipédia ocupa o 17º lugar, ficando atrás apenas de sites de busca, email e serviços; ela é, inclusive, o mais bem colocado entre todos os sites com “conteúdo educativo”. Fica evidente, portanto, que a internet, longe de ser mero meio de comunicação, está se tornando um agregador e gerenciador de conhecimentos e saberes e que deve ser estudado. Esse ambiente de sites colaborativos tem alcançado maior amplitude ao longo dos últimos anos. A Wikipédia tem por proposta ser um banco de informações confiáveis onde todos possam escrever e reescrever seus conteúdos (uma vez que há membros da comunidade que por colaborarem muito com o site, tornam-se administradores e editores do conteúdo disponibilizado, impedindo o uso de palavrões, posicionamentos tendenciosos ou geradores de preconceito ou mentiras).

A enciclopédia virtual é um universo de possibilidades de novos modos de relação entre os sujeitos e entre eles e o conhecimento nos campos: acadêmico, escolar, interpessoal, político, econômico, tecnológico etc. A presente pesquisa busca contribuir nesse sentido, tomando como objeto de estudo uma modalidade da web (os sites de escrita colaborativa) a qual tem influência no ensino escolar e na circulação de conhecimento na sociedade. É importante frisar que, apesar de não ser o tema principal nesta dissertação, a questão do conhecimento está imbricada na própria configuração da enciclopédia, sendo necessário, portanto, percebermos que o conhecimento enquanto saber “é produzido porque se reporta a

---

<sup>1</sup> IBGE. <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/comentarios.pdf) - 2007-03-23>. Acesso em dez/2007.

<sup>2</sup> WIKIPÉDIA: <<http://pt.wikipedia.org>>

<sup>3</sup> ALEXA. [http://www.alexa.com/site/ds/top\\_sites](http://www.alexa.com/site/ds/top_sites)>. Acesso em jan/2008.

outras produções, porque filia sua prática a uma prática de décadas e séculos” como pontua Guimarães (2001, p.08). A noção de conhecimento está diretamente ligada a esse movimento de repetição e, de repetição da repetição que vincula ao longo dos tempos os sentidos, ora configurando-os de um modo, ora de outro, discursivamente o conhecimento é o saber repetido, modificado, alterado, em redes de filiações de enunciados que se atualizam em formulações outras; conhecimento é o efeito de sapiência.

Eleita como o objeto de estudo, a Wikipédia passa a ser estudada nesta dissertação a partir da Análise do Discurso. Perspectiva esta que teve, historicamente, a característica de envolver-se com questões de cunho social, cuja amplitude sempre se estendeu para além das questões teóricas de pertinência apenas lingüística. Alicerçada no tripé história/lingüística/psicanálise, a AD permite pensar noções como hipertexto, links, textos virtuais, subjetividades etc. de modo amplo e complexo, uma vez que considera que os sentidos constituem-se e circulam nesse espaço virtual mobilizados por sujeitos historicamente interpelados e afetados pela língua.

Uma vez que a produção e a circulação dos saberes ocorrem de modos diversos na web e que selecionamos como objeto um desses modos, “a enciclopédia on-line”, para, então, um melhor aprofundamento, optamos por encaminhar a discussão pelo viés dos saberes e dos sujeitos envolvidos, além da autoria, já que, sem estas, não há a própria confecção da Wikipédia, tampouco do hipertexto. Priorizamos, aqui, a enciclopédia, que concebemos como objeto material historicamente proposto como um único ou um conjunto de livros nos quais estão organizados e dispostos os conhecimentos das coisas do mundo, que fora “transposto” ou “recriado” para o ciberespaço. Entre as enciclopédias virtuais, o formato wiki se tornou popular no mundo inteiro, apresentando-se em diversos idiomas e disponível gratuitamente. Os Wikis são sites de escrita colaborativa, ou seja, de conteúdo aberto, escritos e reescritos por uma comunidade virtual de usuários. Assim, um website como este se tornou referência do trato com o conhecimento na web, em que os conteúdos são formulados, corrigidos e controlados pelos seus próprios usuários.

Em 1999, Jimmy Wales, um profissional envolvido com a questão das informações com licenças livres na web, isto é, sem a necessidade de pagamento de taxas ou mensalidades para hospedagem e criação de sites de conteúdo, desenvolveu o conceito de uma enciclopédia que fosse distribuída livremente, criando com outros parceiros, a Nupedia, mas, pela exigência de qualificação para os editores e ao extenso trabalho de revisão de cada artigo, a Nupedia acabou sendo pouco acessada, o que a tornou um verdadeiro fracasso. A mesma equipe continuou trabalhando nesse conceito e inaugurou, em 2001, a Wikipédia, sendo esta

um sucesso imediato. Em 2003, fundou-se então a **Wikimedia Foundation Inc.**, uma organização sem fins lucrativos e situada nos EUA, que gerencia a Wikipédia e os demais projetos do grupo.

Longe de ser mera obra de “caridade intelectual”, uma fundação como esta mantém em jogo um combate mais amplo em termos de internet, o das licenças de uso e circulação dos saberes. Assim, ao adotar o formato wiki (que se trata de um sistema simples no qual as edições são realizadas pelos próprios visitantes, as alterações são atualizadas imediatamente e não há a necessidade de profundos conhecimentos em programação e criação de páginas) um modo específico de gestão dos saberes se estabelece: qualquer visitante pode acessar, editar e compartilhar os conteúdos do site wiki.

A Wikimedia coordena e apóia o desenvolvimento do Mediawiki, que é um software livre utilizado nas páginas wikis. Além da Wikipédia, que é seu carro-chefe, ainda possui outros projetos como Wikicommons (repositório de imagens), Wikinews (notícias), Wikibooks (livros e manuais), Wiktionary (dicionários) e Wikiversity (ferramentas de aprendizado). A fundação é financiada por doações de indivíduos simpatizantes ao projeto, conta com subsídios na forma de servidores e hospedagem e não utiliza propagandas publicitárias. Diz ter como missão “capacitar e unir pessoas ao redor do mundo para coletar e desenvolver conteúdos educacionais sob uma licença livre ou que estejam sob domínio público, distribuindo-os de forma efetiva e global”<sup>4</sup>. Mas fica a reflexão acerca de quem seriam essas pessoas ao redor do mundo, ou ainda, o que seriam esses conteúdos educacionais e como isto se dá na prática...

A Wikipédia, como visto, é uma recurso de pesquisa e circulação do conhecimento na internet. Dada a abrangência e influência do universo virtual nos atuais dias, é indiscutível a relevância de se debruçar sobre esse objeto tomando-o a partir da perspectiva discursiva. Deste modo, buscaremos a análise e a reflexão acerca do modo de formulação e circulação do conhecimento sob a forma de **conteúdos** disponibilizados pelos **internautas** na Wikipédia, ou seja, como os discursos estão dispostos e emaranhados nesse universo, em redes, e como os sujeitos os fazem emergir a partir da autoria.

Parece-nos produtivo, portanto, investigar as discursividades e seu funcionamento em um site de escrita colaborativa através dos deslizamentos e controle de sentidos nos processos de autoria e interpretação. Assim, o presente trabalho se dá pelo viés do sujeito enquanto autor que mobiliza saberes, tomando a produção do material discursivo disposto como verbete

---

<sup>4</sup> [http://wikimediafoundation.org/wiki/Sobre\\_a\\_Wikimedia](http://wikimediafoundation.org/wiki/Sobre_a_Wikimedia), Acesso em 27/02/2009.

por sujeitos sob a modalidade “colaborativa”. Isto porque cremos estar na figura do autor, isto é, daquele que lança o material na web, o cerne da questão referente ao funcionamento da modalidade apresentada como “escrita colaborativa” bem como da própria problemática da formulação e circulação de saberes na internet.

Porém, antes de “invadirmos” o universo da produção de discursos na Wikipédia, cabe-nos uma primeira reflexão sobre este objeto em seu âmbito maior: onde ele se constituiu e do que é constituído; assim como da questão ampla do papel do computador enquanto “invenção revolucionária” do século.

## **1.2 A materialidade da Wikipédia: internet e hipertexto**

A Wikipédia é uma “enciclopédia on-line”. Nessa breve definição, há a convergência de duas definições que carecem de maiores reflexões: o que é uma enciclopédia (tratada na seção anterior) e, o que é ser on-line. Essa primeira desnaturalização de sentidos leva-nos a observar melhor o contexto histórico-social em que é possível emergir algo assim. Precisamos, num primeiro momento, considerar o meio em que a Wikipédia ocorre, ou melhor, a sua concretização enquanto tal: a internet.

Quando algo nos parece plenamente integrado ao nosso cotidiano, como naturalmente pertencente à nossa vida, é preciso parar e repensar esse já-lá tomado como óbvio. E assim é percebida a internet hoje em dia. Fortemente divulgada, tomada como uma revolução, a internet tem tons de “fatalidade”: não há como dela escapar. Estamos fadados a integrá-la em nossos hábitos, modificando-os: reaprendendo a ler (na tela), a escrever (no teclado) e até a ver e falar (no microfone e na webcam)...

Cabe, portanto, uma primeira reflexão acerca do papel tão aclamado (ou criticado), mas jamais negado, desta chamada *rede mundial de computadores* ou *world wide web* em nossa sociedade: o de ser uma revolução nas relações sociais e na circulação de discursos, colocando em rede diferentes pessoas de diferentes lugares do mundo em tempo real. Longe de delinear definições, buscamos aqui problematizar esse papel, investigar o caráter de revolução muitas vezes atribuído aos computadores e também dialogar com esse suporte para o nosso objeto de estudo.

Marco da evolução tecnológica do final do século XX, a informática é, sem dúvida, uma significativa influência nos paradigmas de relação entre sujeitos, pela linguagem. Seria ela algo completamente inédito ou traria consigo elementos amplamente difundidos nos

espaços comunicacionais das sociedades, isto é, seu caráter de novidade se aplica realmente a todos os seus funcionamentos?

Nesta primeira reflexão, convocamos um pensador que, preocupado com as mutações antropológicas e a história da linguagem, propõe que “a escrita, o alfabeto, a imprensa, o ciberespaço, cada estágio, cada camada integra a sua precedente e conduz a uma nova diversificação e expansão do universo cultural” (LÉVY, 2004, p.163), marcado pelo antigo, pelo que lhe é anterior e, conseqüentemente constitutivo. É nesse sentido que cabe pensar a Wikipédia (e a própria internet): longe de uma criação “do nada” ela é produto de sua história precedente e traz consigo essas marcas.

Percorrendo momentos marcantes da história da escrita, podemos relacioná-los com aspectos importantes da era tecnológica representada pela internet.

A escrita na argila ou barro dos sumérios de 3500 a.C. foi um importante passo na busca pela permanência dos significantes pelo homem. Isto é, ainda rudimentares, os registros pela escrita, marcam a ânsia humana em fazer-se perene, em gravar/grafar sua percepção do mundo e da vida, simbolizando. Já hoje, quando a escrita está disposta em tela, contida num espaço virtual que pode desaparecer a um simples clique, essa mesma ânsia humana desdobra-se em liquidez, volatilidade e fugacidade.

Enquanto a criação do alfabeto pelos fenícios entre 1800 a.C. e 1700 a.C. foi motivada pela necessidade de registro das pequenas transações de um comércio em franco desenvolvimento, a internet surge como uma estratégia militar de interligação entre diferentes núcleos de controle. Assim, ainda hoje, poder e valor permanecem no cerne dos processos sócio-intelecto-culturais que culminam em grandes “invenções” para a humanidade.

Já o surgimento da escrita e o seu posterior aperfeiçoamento pelo alfabeto foram aspectos cruciais na história da linguagem (LÉVY, 2004, p.164), uma vez que a escrita permitiu uma lembrança autônoma, passível de registro e “retorno a”, e o alfabeto permitiu maior fluidez na leitura e escritura. E o surgimento da imprensa foi o marco seguinte na relação sujeito/escrita. A letra padronizada, reproduzida mecanicamente em quantidades nunca antes imaginadas, sem a necessidade do trabalho árduo e especializado dos escribas, compôs um novo momento da História. Hoje a digitação e as máquinas impressoras domésticas marcam a autorização dos não-especialistas em produzir seus textos e fazê-los circular pelo mundo.

A acessibilidade ao texto, a publicação e a circulação dos exemplares impressos redimensionaram, no século XVI, áreas diversas do conhecimento humano, impulsionando-o, ao mesmo tempo em que a hegemonia da Europa, se concretizou na relação de domínio da

técnica e das certezas. A ciência e a religião encontraram na imprensa e no livro o veículo ideal para registrar e divulgar dogmas, certezas, descobertas...

Já no século XX, a invenção do computador pontuou mais um marco da relação sujeito/escrita. Agora intermediada pela tela do monitor, a disposição da escrita no formato eletrônico, sofre mais algumas transformações significativas que levam pensadores como Lévy (2004, p.165), defensor de uma idéia de humanidade em evolução, a afirmar veementemente que, com o ciberespaço há uma integração de todas as mídias anteriores a ele (a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio...) a ponto de o ciberespaço não ser um meio, mas sim, “um metameio”. Exagero? O papel do computador (e por consequência da noção de ciberespaço ou espaço virtual) na sociedade contemporânea ainda exige que se o pense a partir de sua própria historicidade.

O computador, como é conhecido hoje, criado em 1944 nos Estados Unidos, tem suas origens nas máquinas construídas durante séculos a partir do ábaco (4000 a.C.) com o objetivo da realização de cálculos numéricos. Historicamente, portanto, o computador é resultado da busca do homem pela solução matemática e sua exatidão, elementos propulsores desse equipamento, conjuntamente com a disputa tecnológica travada pelo período de Guerra, quando poder e domínio prevalecem regendo o desenvolvimento científico; daí, sua própria etimologia apontar a palavra latina *computare*, ação de computo, isto é, contar, calcular (KOEHLER, 1960, p.63), ou seja, dominar pela exatidão.

Motivadas pelo controle dos bens, instigadas a calcular os valores, decididas a controlar os números, as sociedades desenvolveram-se, e as condições materiais de suas existências determinaram, por certo, a forma e o funcionamento desses elementos marcantes da civilização: a escrita, o livro, o computador. Fica clara, então, a importância da economia, dos valores financeiros na regência das grandes mudanças. Assim, podemos refletir melhor sobre o jogo de forças que regula a internet, onde conhecimento/ciência/valores humanos estão submetidos ao peso histórico do *valor de mercado*.

Como analistas de discurso, precisamos, portanto, observar, interpretar, compreender essa trama estabelecida entre sujeitos e máquinas, interdições e liberdades, legitimações e desautorizações...

Com o desenvolvimento dos transistores e dos chips, o primeiro microcomputador comercial (os outros ocupavam salas inteiras) foi lançado em 1965 e partir daí inúmeros progressos marcaram a vertiginosa propagação e popularização dos computadores. Nos anos 70, Bill Gates e outros jovens estudantes criaram os softwares, programas que facilitavam o manuseio das máquinas, pois dispensavam um conhecimento profundo de programação. Este

constitui o primeiro passo na popularização do computador, a possibilidade de uso por leigos. Há também aí um aspecto fundamental do computador, o equipamento isolado, os dispositivos desligados... nada oferecem aos indivíduos. É a presença e o funcionamento dos softwares que proporcionam o uso do computador. Assim, o elemento fundamental do computador é o sistema operacional, que serve de interface entre o homem e a máquina, isto é, entre o usuário e o computador.

Através dos sistemas operacionais, é possível encontrar aplicativos, programas, que vão permitir o contato com as informações armazenadas no próprio computador, externamente em dispositivos (cd-rom, DVD-rom, pen drives etc.), ou ainda em outros computadores. Nesse último caso, é preciso um navegador, isto é, um programa que permita essa troca... através desse funcionamento é que se obtém a atual, e tão comentada, rede mundial de computadores, a WWW (World Wide Web). Os computadores que estão interligados à rede conseguem trocar dados entre si, sendo que os computadores que armazenam blocos de dados (também conhecidas como páginas) são tomados como “servidores”, isto é, aqueles que servem os dados aos “clientes”, que são os computadores comuns, domésticos. Assim, através de um navegador (browser), os blocos de dados que estão armazenados e codificados no servidor são decodificados, ficando visíveis na tela de um computador (ou celular, ou ipod etc.).

Todo esse funcionamento parece apagado, esquecido, quando simplesmente se acessa a internet e digita-se um endereço www, para em seguida, começar-se a acessar outros endereços por meio de cliques de mouse sobre o texto (verbal ou não-verbal) que surge na tela. Nesse gesto, diz-se estar entrando (ou navegando) pela internet: “A WWW (World Wide Web ou, simplesmente, Web) é a parte multimídia da Internet, portanto, possibilita a exibição de páginas de hipertexto”<sup>5</sup>. Se o acesso aos dados é possível pela interligação dos computadores dispostos em redes (net em inglês), a internet comporta diferentes formas de mídia (imagem, som, texto gráfico, vídeo etc.), sendo assim, multimídia. A Wikipédia, inclusive, congrega um grande conjunto de textos gráficos, imagens, tabelas, e aponta para links onde há vídeos, animações, sons... Todos os dados estão dispostos em um formato tomado como hipertextual. Enquanto o sistema de funcionamento da web é bastante técnico, a noção de hipertexto gera uma série de indagações pertinentes, uma vez que é pelo hipertexto que os internautas “tocam” a web.

---

<sup>5</sup> ARTIGO <<http://www2.ufpa.br/dicas/net1/int-www.htm>> Acesso em 20/06/08



A Wikipédia, como os demais sites constituídos por suas inúmeras páginas na internet, se apresenta sob a forma de hipertexto. A disposição da materialidade discursiva (seja por textos, imagens, vídeos, sons etc.) está toda organizada sob esse “formato”, chegando-se a defini-lo como o modo próprio de funcionamento da internet. Logo, faz-se necessária uma breve reflexão sobre o mesmo.

Em 1945, a idéia de hipertexto foi divulgada em um artigo chamado “As we may think”, escrito por Vannevar Bush. Bush coordenava equipes de técnicos responsáveis pelo desenvolvimento de uma calculadora analógica rápida, além de chefiar o organismo encarregado pelo esforço de guerra dos cientistas americanos, como conta LÉVY (1993, p.28). O que Bush propõe em seu artigo é uma crítica aos sistemas de indexação até então existentes, pois, segundo ele, a ordenação das informações ao se dar por uma hierarquia de classes, subclasses etc.; distinguia-se profundamente do pensamento humano, uma vez que este funcionava por associações. Assim, Bush idealizou um dispositivo, chamado Memex (Memory Extender), no qual se mecanizaria a classificação e seleção das informações por associação. Para tanto, segundo Bush, seria preciso ainda um reservatório (de imagens, sons, textos, etc.) dos documentos e uma miniaturização dele, ocupando pouco espaço (cerca de um móvel de escritório). Ou seja, a noção de hipertexto surge do esforço de criação de um **arquivo** no qual toda a organização deixasse de ser por hierarquização e passasse a ser por associação.

Ainda Lévy (1993, p.29) comenta que Bush retrata o usuário do seu dispositivo imaginário “traçando trilhas transversais e pessoais no imenso emaranhado continente do saber. Estas conexões, que ainda não se chamavam hipertextuais, materializam no Memex (...) uma parte fundamental do próprio processo de pesquisa e de elaboração de novos conhecimentos”. Bush, sem dúvida, em seu afã tecnicista em plena Segunda Guerra Mundial, permitiu-se imaginar um futuro de máquinas capazes de simular a mente humana, arquivando e processando conhecimento, como se esse funcionamento se desse puramente entre peças (ou neurônios). Nesse sentido, Memex, isto é, o “extensor da memória”, seria um ícone da possibilidade de máquinas gerirem, armazenarem e disponibilizarem às pessoas um maior número de informações, gerando “novos conhecimentos”. Na verdade, a grande preocupação de Bush, conselheiro do Presidente Roosevelt em questões científicas, como pontua Nielsen (1990, p.31), era a explosão de informação científica e como lidar com isso enquanto pesquisador, como armazenar todos os conhecimentos e desenvolvimentos em uma disciplina... O dispositivo Memex nunca foi de fato construído por Vannevar Bush, mas sua

concepção se tornou o marco referencial da noção de hipertexto pelo modo com que as informações estariam dispostas ao usuário.

Ainda que a idéia de funcionamento hipertextual tenha sido elaborada por Bush em 1945, foi em 1965 que o termo “hipertexto” foi elaborado, também nos Estados Unidos e também por um cientista, Theodore Nelson. Conforme Lévy (1993, p.29), Nelson inventou o termo hipertexto “para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática”. Em seu projeto chamado Xanadu, Nelson buscava criar uma “imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo”. Nielsen (1990, p.33) chama a atenção de que Nelson via o hipertexto como um meio literário (a literary médium) em que tudo estaria profundamente interligado. Assim, o funcionamento de Xanadu implicaria a disponibilidade, em tempo real, de um volume sempre crescente de informações, dispostas em documentos e possíveis de ser acessadas por diferentes usuários, cada um em seu computador local... Esses documentos seriam constantemente revistos, substituídos, atualizados.

Toda essa perspectiva acerca da hipertextualidade - onde a organização se daria por associação e todas as informações “do mundo” poderiam ser armazenadas e acessadas - aponta para um sentido muito forte na relação entre os sujeitos e os saberes: àqueles cabe apenas o acesso, ou seja, há uma via de mão única que parte do gerenciador para o internauta comum.

O desejo de ampliar a memória humana (cognitiva) e a ânsia de concentrar todo o conhecimento do mundo, que é como mostram as propostas de Bush e Nelson, são as bases da formulação do termo “hipertexto”, pois, estaria na informática, mais especificamente em suas máquinas, o meio material para a criação de uma memória (grande, extensa) através da escrita. Essa escrita, porém, não poderia ser linear, devido à necessidade de associações e atualizações entre imensos volumes de informação.

Nielsen (1990, p.1) esboça através de uma imagem como se estrutura um hipertexto. Assim, antes de uma definição, o autor busca “enxergar” melhor o objeto de sua reflexão.

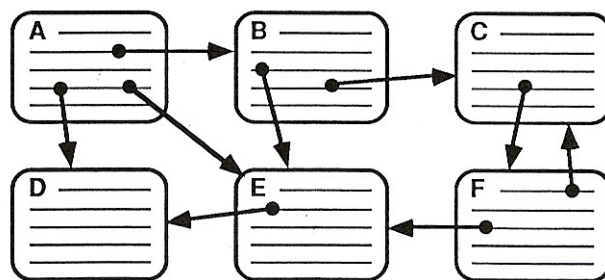


Figure 1.1. Simplified view of a small hypertext structure having six nodes and nine links.

Figura 1 – estrutura do hipertexto (NIELSEN, 1990)

Segundo o autor:

“Hypertext consists of interlinked pieces of text (or other information). These pieces are illustrated as computer screens in Figure 1.1, but they can also be scrolling windows, files, or smaller bits of information. Each unit of information is called a *node*. Whatever the grain size of these nodes, each of them may have pointers to others units, and these pointers are called *links*.”<sup>6</sup> (NIELSEN, 1990, p.2)

Assim, nó é a porção de texto que emerge como algo a ser lido na tela do computador para o usuário. Cada nó pode conter um número diverso de elementos, sejam eles palavras, imagens ou outras formas gráficas, que funcionam como dispositivo de deslocamento, isto é, são as ligações de um nó com o outro, a partir do clique sobre um link é que se começa a navegação propriamente dita na internet. Interessante notar que é a noção de link o grande marco do hipertexto, sem ele, não haveria relação entre os nós disponíveis, e a cada bloco de informação a ser acessada seria necessária a digitação de todo o endereço eletrônico que se gostaria de ler.

Nielsen (1990, p.1) comenta que, no hipertexto, é o leitor que determina em que seqüência o texto deve ser lido, através de escolhas entre as alternativas possíveis de links que lhe são disponibilizadas a cada nó. Há, portanto, como característica primeira do hipertexto não ser seqüencial. Para o autor, isto já ocorria em textos tradicionais (impressos) nas notas de rodapé: “since readers have to determine upon reaching the footnote marker whether to continue reading the primary stream of text or to branch off to pursue the footnote. Therefore hypertext is sometimes called the *generalized footnote*”<sup>7</sup> (NIELSEN, 1990, p.2), Desta forma,

<sup>6</sup> Tradução nossa: “O hipertexto consiste de pedaços de textos (ou outra informação) interligados. Esses pedaços são ilustrados como telas de computador na figura 1.1, mas eles podem também ser janelas percorridas, arquivos ou bits menores de informação. Cada unidade de informação é chamada um *nó*. Seja qual for o tamanho desses nós, cada um deles deve ter indicadores para outras unidades, e estes indicadores são chamados *links*.”

<sup>7</sup> Tradução nossa: “visto que leitores têm que determinar quando chegam a um marcador de uma nota de rodapé se eles continuam lendo o fluxo primário do texto ou se desviam para perseguir a nota de rodapé. Portanto o hipertexto é, às vezes, chamado de *nota de rodapé generalizada*”.

essa mobilidade do olhar leitor e a possibilidade de traçar percursos de leitura diferentes, interrompendo o texto, indo para a nota de rodapé, voltando algumas páginas anteriores, para então retomar o texto... são um modo hipertextual de leitura, que vai além do texto presentemente lido.

Não basta haver mistura entre textos, gráficos e vídeos em um sistema multimídia para que ele seja considerado hipertexto, para Nielsen. Se o usuário permanece passivo, sem navegar em um espaço informacional, não se trata de hipertexto: “only when users interactively take control of a set of dynamic links among units of information does a system get to be hypertext” (NIELSEN, 1990, p.10)<sup>8</sup>.

Porém, é importante perceber que ao tomar as remissões como atos materiais do leitor frente ao texto, clicando, há aqui a noção subjacente do texto como algo limitado, cujas bordas são visíveis e (in)transponíveis. O hipertexto em si poderia até ser considerado uma nota de rodapé generalizada, mas cabe salientar que, enquanto para este autor, o papel do usuário é que determina o hipertexto, para o analista do discurso a historicidade e a ideologia determinam o papel do usuário. Logo, o hipertexto é tão determinado quanto qualquer outra modalidade textual e essa liberdade de navegação entre “notas” é relativa.

Não é exclusiva de Nielsen a certeza de que um modo hipertextual de ler, “além-texto principal”, seja anterior aos computadores. Para Lévy (1993, p.37) o hipertexto toma emprestado traços de outras mídias, traços estes que ele chama de interfaces, além de dispositivos próprios de impressão. Para o autor, a leitura não-linear é possível e comum em: mapas ou esquemas detalhados com legendas, notas de rodapé ou remissões a glossários, enciclopédias, verbetes de dicionário... mas “o que, então, torna o hipertexto específico quanto a isto? A velocidade, como sempre. (...) a quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não-linearidade” (LÉVY, 1993, p.37).

Ainda que este autor defina hipertexto como “um conjunto de nós ligados por conexões” considerando que “os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular” (LÉVY, 1993, p.33), sem dúvida, para ele, a velocidade é a grande distinção entre esse conjunto de nós ligados por conexões e outras mídias existentes.

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: “somente quando usuários interativamente tomam o controle de um conjunto de links dinâmicos entre unidades de informação é que um sistema se torna um hipertexto.”

Para outro autor, Landow (1995, p.15), o hipertexto implica “un texto compuesto de fragmentos de texto – lo que Barthes denomina *lexias* – y los nexos electrónicos que los conectan entre si” e, enfatizando essa noção de conexão entre fragmentos textuais, propõe o paradigma de *rede*. Para compreender o termo *rede*, o autor elenca quatro significados possíveis no contexto da informática: (1) rede enquanto equivalente eletrônico do texto impresso conectado eletronicamente; (2) rede enquanto conjunto de textos, de documentos; (3) rede como sistema de cabos e conexões físicas entre máquinas; e (4) rede como totalidade de termos para os quais não há termo e que são representados por outros termos até surja algo melhor e os abarque. Este último, encarado como o mais completo, evidencia que “para obtener información hará falta tener acceso a algún tramo de la red. Para publicar en el mundo hipertextual, hará falta tener acceso, aunque sea de forma limitada, a una red”. (LANDOW, 1995, p.39).

Não tão preocupado com a definição do hipertexto, Landow detém-se no sentido de trama, de rede, que o hipertexto oferece quando este coloca em relação os textos eletrônicos, reforçando (ou explicitando) a intertextualidade presente em todo e qualquer texto. Ainda assim, a não linearidade também é considerada pelo autor como um marco essencial do hipertexto.

Esta quase “unanimidade” de tomar o hipertexto como não linear vem sendo questionada, uma vez que todo percurso (ainda que complexo e diverso de todos os outros) estabelece uma certa linearidade. Já que é o usuário quem navega e determina o hipertexto tecendo conexões em alta velocidade, é ele também que delimita seu texto através dos nós percorridos na rede relacionados entre si pelos links. É como Liestøl (1997, p.130) vê o hipertexto entre a não-linearidade e a multiplicação das linearidades: “la no linealidad solo existe como posiciones em el *spacio*, distintas alternativas que uno puede escoger, pero sólo *de una a una*”, assim, a não-linearidade existe como alternativas, mas assim que o usuário passa a navegar (e a construir hipertextos) “en el momento en que uno se sumerge en la no linealidad, sólo con hacer clic sobre un icono de la representación gráfica, reduce la no linealidad a linealidad”.

Ainda pontuando que o tempo é linear, Liestøl (1997, p.130) chama atenção que na interseção tempo/espaco de um clique, a não-linearidade só é experimentada indiretamente, só existindo “como negación lógica, y a cierta distancia, en el tiempo y el espacio”, já que o usuário se coloca no tempo e traça seus percursos de navegação partindo de um nó da rede, e daí em diante, múltiplas linhas podem ser traçadas, mas sempre mantem um fio, ainda que muito tênue, que as mantém tramadas entre si. Inclusive, existem recursos para revisar os

percursos traçados (o *histórico* do navegador, por exemplo) bem como marcações dos links selecionados (mudança de cores)...

Há, como visto, um consenso em considerar *hipertexto* como conjuntos/porções de texto (lexias) na tela que se relacionam entre si por links, através da navegação. Frente a essa abordagem acerca do hipertexto, cabe ressaltar os aspectos mais relevantes nessa definição: a conexão entre nós através dos links, a não-linearidade, a disposição em rede. São esses aspectos que merecem uma reflexão maior a partir da perspectiva discursiva de que nos valem.

Logo, deslocando essas discussões para a perspectiva discursiva, podemos perceber que, se o hipertexto funciona a partir de conexões entre nós, é porque há algo ou alguém, e aí reside um duplo sentido: os nós, os laços que atam os textos, mas também nós, os sujeitos que navegamos, que estabelece essas ligações (links) seja pela determinação de que palavra/forma/imagem será um link, seja pela ação de optar por clicar ou não sobre esse link. Há aqui, portanto, um primeiro indício de que o formato hipertextual recai mais sobre o sujeito do que sobre a letra propriamente dita. E mais do que isso, há uma relação desigual de poder e determinação entre os sujeitos envolvidos: há os que “escolhem” o que será link, exercendo o poder de apontar ou não para outras relações potencialmente possíveis; e há aqueles que apenas escolhem sobre qual link clicar quando expostos ao conjunto já determinado de possibilidades concretizadas. Se os sujeitos são o cerne dessa relação hipertextual, é necessário que eles sejam abordados a partir do que os constituem: ideologia e inconsciente, para que se possam perceber as relações de força e poder imbricadas em cada texto e em cada link.

Outro aspecto importante é a não-linearidade. Esse “lugar comum” na descrição do hipertexto exige também uma abordagem mais crítica: de que natureza é essa não-linearidade, como ela se concretiza, nesse universo de sentidos possíveis que sempre existiu em outros formatos textuais já não existia a possibilidade da remissão, da mudança, do retorno, da relação com “algo” além da letra? Ou ainda, o que se toma por linearidade, nada mais é que um efeito de linearidade construído pelo sujeito no fio do discurso, assim como a não-linearidade também emerge como efeito de não-linearidade (BARRIQUELLO, 2009) no discurso. Sem dúvida, mais uma vez a figura e a percepção de quem são esses sujeitos envolvidos e do que é um texto fazem-se fundamentais. Se o texto for tomado como simples seqüência de sintagmas articulados compondo um todo completo e finito, com certeza, torna-se quase inviável transpor essa categorização para o texto da internet, onde há remissões entre blocos e não se estabelece um ponto final definitivo, um fim de folha seguido do espaço em

branco... Porém, se o texto for tomado com um recorte de um universo de sentidos, onde cada bloco recortado remete a algo também presente em outros lugares, outros textos, e com os quais mantém forte relação de dependência ou oposição, pode-se perceber que hipertexto é mais um dos milhares de textos possíveis.

Outro aspecto, a disposição em rede, aponta também para essa mesma relação acima explicitada de que, dispostos em espaços virtuais, os sujeitos tramam entre si, pelo computador/servidor/hipertexto, um emaranhado de contatos reais, como num tecido onde um simples puxão de um fio, resulta no movimento em outros, em aproximação ou distanciamento entre os outros fios, ou ainda, como na rede do pescador onde a trama permite a captura ou a fuga de certos peixes, a captura ou a fuga dos sentidos.

Enquanto que para Lévy (1993, p.25), os hipertextos são “mundos de significação” nos quais “os atores da comunicação ou os elementos de uma mensagem constroem e remodelam universos de sentido”, assim, o hipertexto da era da internet é uma metáfora, segundo o autor, para todas as vezes em que “significações estejam em jogo”; a perspectiva discursiva esclarece que esse universo de sentido posto em jogo pelo hipertexto, na verdade ocorre sempre em todo dizer, não sendo, portanto, exclusividade do formato hipertextual.

Já San Martín (2003) ao pensar o hipertexto com uma possibilidade na educação, mais especificamente na arte, afasta-se dessa descrição feita por Lévy e descreve os aspectos da escrita e leitura na hipermídia, isto é, quais os atributos essenciais a essa materialidade, e chega às seguintes qualidades imprescindíveis ao hipertexto: a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade.

A leveza é imprescindível, segundo a autora, para evitar o excesso de peso, de sobrecarga de imagens, sons, textos verbais que se somam, não sendo só um problema de peso de arquivo, mas também da própria composição do sentido. A rapidez, por sua vez, não tem como aspecto relevante a velocidade da conexão entre os textos, mas sim, o aspecto da naturalização de uma velocidade estranha aos nossos tempos vitais que afeta profundamente nossos comportamentos. As imagens, os sons e os textos são tão abundantes, comenta a autora, que tanto em sua forma quanto em seu significado, eles não geram atenção, riqueza de sentido; não convidam a ler, escutar nem observar, é a exatidão. A visibilidade se refere à questão de como recuperar a força das imagens que atualmente estão invisíveis em um contexto audiovisual sobressaturado e que a opção pela multiplicidade emerge como enfrentamento à impossibilidade da completude, a não-verdade, a soma do fragmentário; assim como nosso conhecimento, segundo a autora, é intertextual porque o intertextual se conforma de fragmentos de textos.

É interessante perceber que essa pensadora aponta para a relação dessa hipermídia com o contexto em que se vive nos tempos atuais. É nesse sentido que ela vai pontuar a leveza como reação diante da sobrecarga, a rapidez como uma realidade naturalizada e aceita, a exatidão como resposta para a falta de sentido e de interesse, a visibilidade como contraponto ao excesso e a saturação das formas, e, por fim, a multiplicidade como resposta à impossibilidade de completude.

Mais uma vez, a perspectiva discursiva se apresenta como rico aporte problematizador dessas relações, pois indo ao encontro das proposições de San Martín, evidencia como esse efeito de leveza se faz necessário não apenas por limitações de arquivo/hospedagem, mas sim, como reação ao exagero, ao excesso da contemporaneidade, onde sempre se precisa de muito, de mais, onde o trânsito é caótico, as ruas são mares de gente, o volume de armazenamento em gigas cresce astronomicamente, as vitrines e os pop-ups são lotadas de garantias de felicidade eterna... e sempre se está em busca de mais. A rapidez também funciona como uma exigência da corrida frenética do consumo, da realização, da onipresença e da informação constante e atualizada, muitas vezes altamente desnecessários... A exatidão, seja de certezas ou da localização, que se esvai quando há dúvida, vacilo, ou falta de sinal para o celular ou GPS, ou ainda quando o Windows trava, páginas não abrem ou arquivos se perdem no universo de um HD... e por fim, a visibilidade do que não se vê mais, ou que o olhar não mais significa, além do excesso das possibilidades, o múltiplo que não completa, que não se extingue, que não acaba e que realimenta os fragmentos que se buscam, para se fazer uno.

O hipertexto, portanto, emerge no final do século XX e se difunde amplamente no século XXI como o meio material de formulação e circulação de conhecimentos, sob esses aspectos tão característicos. Assim, entre as milhares de utilizações e aplicações atribuídas ao formato hipertextual, cabe determo-nos sob a sua existência no universo virtual da internet.

O hipertexto é a materialidade textual por excelência da internet. Ou seja, os saberes e as ações são reguladas e ambientadas sob formas hipertextuais. Ao navegar pela rede, as digitações, as janelas abertas, os cliques e os redirecionamentos são regidos pelas mesmas regularidades do hipertexto. Ou melhor: a navegação nada mais é do que a construção constante de hipertextos. O link é o gesto primeiro e fundamental das relações entre saberes na internet e é a relação entre os nós possíveis, mas também é o bloqueio/a restrição de tudo que ele não põe em relação: os nós impossíveis (não-linkados).

Discursivamente, as porções de texto que constituem um nó, atribuem-lhe um limite, um fechamento, ainda que isto se restrinja aos limites físicos da tela do computador, há sempre uma fronteira, um ponto que marca o fim. Porém, é o próprio nó, restringido pelos



limites da página, que abriga e abarca os links disponíveis. Ou seja, as possibilidades de mudança, de percurso e deslizamento estão contidas e, de certo modo reguladas ou previstas, no próprio texto. Isto nos permite encarar, assim como mencionado anteriormente, o hipertexto como um texto, em toda a complexidade que lhe é própria. Por isto, a noção de linearidade se relativiza quando se pensa o hipertexto do ponto de vista das relações de sentido estabelecidas, uma vez que para o hipertexto de fato existir, é preciso um sujeito que deslize e opte entre todas as potencialidades disponíveis por algumas. Essa escolha, indiscutivelmente é determinada como em todo texto. É a partir do exposto, que podemos afirmar que a internet/o hipertexto não constituem uma nova materialidade, mas sim um novo suporte para a materialidade discursiva, assim, como também o são (e sempre foram) os textos, as imagens, a música.

A Wikipédia, enquanto hipertexto, apresenta construtos discursivos (os chamados “conteúdos”) que podem ser acessados pela digitação de um termo em um campo específico ou pelo gesto de linkagem entre os nós existentes. Cada nó geralmente constitui um “artigo” que nada mais é que um texto de cada verbete da enciclopédia. Esse texto apresenta em seu corpo uma série de links possíveis, cabendo ao usuário optar por uns ou outros, formando assim um percurso de navegação, ou ainda **uma rede hipertextual**, ou ainda **um hipertexto**. Mais uma vez, fica evidente a importância do papel do sujeito nesse processo: seja como o produtor dos textos seja como o produtor dos percursos de navegação/leitura concretizados. Além disso, os nós são linkados a partir da relevância dada aos conteúdos dispostos, ou seja, pela relação de sentidos (possíveis ou negados) entre os textos.

A Wikipédia, nosso objeto de estudo, só tem sua existência no espaço virtual da internet. É ali que ela se constitui como um espaço virtual de produção e circulação de discursos sobre um suporte hipertextual, que é a própria internet.

Sendo a internet um suporte, podemos perceber então que suas páginas comportam a base sobre a qual os sentidos são instaurados. Assim, nos hipertextos (e não na internet em si) nos deparamos com a **materialidade** sobre a qual os discursos se configuram. Isto porque a língua “é o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentidos. Esta materialidade específica da língua remete à idéia de funcionamento” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p.172). A materialidade remete, portanto, invariavelmente, ao funcionamento discursivo, isto é, aos processos pelos quais língua e ideologia determinam os sentidos na interpelação dos sujeitos. Ao tomarmos as páginas da enciclopédia através de suas superfícies lingüísticas, as tomamos como materialidade e não como suporte. Assim, temos a internet como um suporte enquanto meio funcional de transferências de dados, de disposição em rede e de interconexão. Já suas

páginas, seus conteúdos seus hipertextos constituem a materialidade onde os processos discursivos se estabelecem.

### 1.3 A Wikipédia e a noção de enciclopédia

O termo “enciclopédia” nos é muito caro nessa dissertação, isto porque é desta forma que a Wikipédia é definida, portanto, devemos lançar um olhar mais detido sobre ele. Scotta (2008) buscou refletir sobre o que seria uma enciclopédia e o que seria um saber enciclopédico e trouxe contribuições importantes acerca dessas definições. Para a autora, um ponto subjaz à própria enciclopédia: a busca do saber total, personificado miticamente na figura da Biblioteca de Alexandria, lugar onde estariam depositados todos os saberes do mundo. Logo, “este desejo do ‘saber total’ que atravessaria a noção de enciclopédia estaria permeado por duas características conflitantes: ser a soma e o ‘resumo’ de todos os saberes existentes” (SCOTTA, 2008, p.21).

Etimologicamente, enciclopédia tem origem no grego antigo, “*eu-kukliospaideia*” (εὐ-κυκλιος παιδεία) como um círculo (*kuklios*) perfeito (*eu*) do conhecimento (*paideia*). É utilizada em sua forma moderna apenas no século XVI em inglês por Thomas Elyot, e em francês por François Rabelais em Pantagruel, porém o termo só se torna usual no século XVIII quando o “enciclopedismo” se instaura realmente como um movimento. Enciclopédia, portanto, traz em sua origem, uma rede de sentidos que, de certo modo, vem definindo-a historicamente ao longo dos tempos: a circularidade enquanto capacidade de abarcar todo o conhecimento, fechando, como num abraço ou num cerco, a totalidade de saberes. Isto se reforça, inclusive, quando, ao percorrer todo enciclopedismo desde sua origem na Grécia até os dias atuais, Scotta (2008, p.51) constata que “um ideal em específico perpassou praticamente toda a história do enciclopedismo: o ideal do *saber total*” sobre o qual recai uma contradição, a de “ter este artefato de conciliar a pretensão à exaustividade com a exigência da seletividade”.

Na historicização da enciclopédia, seja como artefato ou como idealização, há um imaginário que a acompanha, significando-a: a busca por abarcar todo o conhecimento, todos os saberes. Sem dúvida alguma, esse sentido, marcado e disseminado fortemente no tempo, ratifica uma visão de que o conhecimento possa ser aprisionado, de que todos os saberes possam ser agregados e reunidos em um mesmo espaço/lugar. Por muito tempo, essa busca permitiu a construção de artefatos, os livros ou coletâneas chamadas enciclopédias, ocupando materialmente prateleiras e prateleiras... para então ser “transmutada” para outras

“prateleiras”, as virtuais. Sem dúvida, a utopia do saber total encontra na noção de hipertexto e no universo da web (enquanto espaço virtual de armazenamento ilimitado de informações) um agente instigante e impulsionador: antes reduzido pela margem da folha do livro, pelos custos de edição, pelo trabalho de concisão do enciclopedista; agora liberto para a criação de páginas e páginas em um site, pelo baixo custo dos acessamentos, pela possibilidade de escrita colaborativa.

Portanto, a Wikipédia, enquanto *enciclopédia-online*, se inscreve nessa rede de sentidos que envolvem a busca pela totalidade de saberes, como um ciclo perfeito do conhecimento.

Pfeiffer (2001, p.43) levanta a diferenciação entre intelectuais e cientistas, como lugares aos quais cabem a análise ético-social (aos primeiros) e a análise objetiva e exata (aos segundos) dos fenômenos do mundo, e questiona (centrando no seu tema - o jornalismo científico) "quais processos discursivos estão funcionando na construção de um imaginário de 'conhecimento', 'ciência', 'educação', 'escola', 'professor'...". A partir dessa reflexão da autora, podemos deslocar nosso olhar e perceber que na enciclopédia há exatamente esse esforço de construção de um imaginário de conhecimento, a ponto de podermos assim defini-la. Entretanto, esse imaginário de conhecimento mobiliza discursivizações por sujeitos que não ocupam legitimamente lugares nem de “intelectuais” nem de “cientistas”, tanto na enciclopédia “tradicional”, onde o lugar é ocupado pelo *enciclopedista*, tampouco na enciclopédia virtual onde o lugar é ocupado pelo *wikipedista*<sup>9</sup>.

Diante disso, uma configuração muito própria se estabelece: quais saberes podem (ou devem) integrar esse imaginário de conhecimento, isto é, quais elementos são autorizados ou tomados como saberes de uma enciclopédia, ou ainda, saberes enciclopédicos. Na tênue aproximação entre intelectualidade/cientificidade, mas sem ser nenhuma delas, o conhecimento enciclopédico emerge como aquilo que cabe a todos a saber, vindo a compor, portanto, uma enciclopédia. Como vimos antes, nada mais do que uma rede de repetições historicamente posta em funcionamento. Detenhamo-nos um pouco neste ponto acerca dos saberes e percebamos sua relação com os processos discursivos.

---

<sup>9</sup> O termo “wikipedista” será amplamente discutido no capítulo 3 desta dissertação.

#### 1.4 As relações entre os saberes, a memória e o arquivo na enciclopédia on-line

Quanto à perspectiva discursiva, cabe-nos aqui uma pequena ênfase: sua riqueza enquanto dispositivo teórico e analítico para esta investigação a que nos propomos. Longe de ser pioneira em abordar “discurso”, mas dando-lhe uma configuração específica,

na França, a Análise de Discurso é, de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação (...) o campo da língua (suscetível de ser estudada pela lingüística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica) (GADET, 1997, p.8).

Assim, a Análise do Discurso fundamenta-se na aproximação de dois campos: o da língua e o da história, sendo que é isto que a distinguirá profundamente de outras concepções teóricas.

Ao aproximar língua e história, Pêcheux percebe, desde o princípio, a sua análise automática dos discursos como uma perspectiva teórica-metodológica diferente daquelas que vinham sendo concebidas nas ciências sociais. Para o filósofo “o instrumento da prática política é **o discurso**, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social” (HENRY, 1997, p.24). O discurso enquanto instrumento eleito por Pêcheux (pela sua relação com a prática política) permitia-lhe provocar o rompimento desejado no campo das ciências sociais e oferecia-lhe o meio de intervir teoricamente construindo um dispositivo experimental (HENRY, 1997, p.25).

Nesta dissertação, especificamente, essa percepção acerca do discurso enquanto prática que transforma as relações sociais é altamente pertinente. É essa percepção que permite tomar o espaço virtual como um todo ou a Wikipédia em específico são práticas de transformação, manutenção ou reformulação das relações de poder e das relações de forças existentes. Ou seja, não constituem um universo à parte, virtual (no sentido de oposto à realidade), mas sim, uma parte significativa e completamente determinada pela sociedade que as “utiliza”. É essa percepção utilitarista da internet, como algo que simplesmente se usa através da linguagem, que é desmontada pela noção de discurso. Sendo a internet fruto de seu tempo, os mesmos conflitos sociais “fora da web” estão presentes no ciberespaço, ainda que a internet seja uma tecnologia da liberdade, ela pode “libertar os poderosos para oprimir os desinformados” (CASTELLS, 2003, p.225). Então, para este autor, é preciso situar a ação (dos indivíduos) no contexto específico de dominação/libertação que é a sociedade de rede em

que se vive hoje. Para tanto, a noção de discurso nos parece pertinente, pois coloca sob um foco distinto a relação entre indivíduos e sociedade, problematizando-a, como a relação entre sujeitos e ideologia, pelos processos discursivos.

Por perceber o discurso em sua dimensão de transformador social, Pêcheux nega a noção de linguagem em seu âmbito simplesmente comunicativo, seu aspecto puramente instrumental, explicitando que a ligação entre o discurso e a prática política implica o papel da ideologia: sendo o sujeito o efeito ideológico elementar. Aí é que se chega ao “âmago daquilo que tem de ver com Pêcheux: as relações entre a linguagem e a ideologia” (HENRY, 1997, p.34), ele, munido do paralelo traçado por Althusser entre a evidência de transparência da linguagem e o efeito ideológico elementar (evidência de ser sujeito), expressa a ligação entre a linguagem e a ideologia por aquilo que ele chamou discurso. E é assim, pelo viés do discurso que nós tomamos o objeto Wikipédia.

Os “conteúdos educacionais” da Wikipédia, isto é, os saberes que constituem os artigos, são tomados aqui como discurso, uma vez que neles, pela suposta transparência da linguagem se busca a definição de algo, sob efeito de evidência de que há uma descrição neutra das coisas do mundo, deixando amalgamadas as relações de forças sociais pela relação entre os sujeitos e a ideologia.

Precisamos, então, refletir sobre o que seriam esses conteúdos adequados. A noção do que é um saber, ou melhor, do que são os saberes mobilizados por um efeito de sentido, está relacionada com a definição construída discursivamente na própria Wikipédia, quando seus textos institucionais (tomados como diretrizes para os usuários) buscam definir o que é uma enciclopédia, que enciclopédia a Wikipédia é e o que são os “conteúdos educacionais”.

Para Foucault (2007, p.205) “não há saber sem uma prática discursiva definida”, o que nos permite perceber que, em qualquer prática discursiva, a mobilização de saberes está determinantemente relacionada a ela. No caso da Wikipédia há saberes que são mobilizados nas práticas e que dizem respeito à tentativa de conferir status científico aos conteúdos da enciclopédia. Entretanto, é preciso atentar para a relação entre saber e ciência distinta por Foucault, quando este afirma que “as ciências aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo” (2007, p.206), pois para este autor sua arqueologia percorre o eixo prática discursiva – saber – ciência, o que permite visualizar o percurso de formação de uma ciência, antecedida pela formação de saberes, por sua vez determinada pela prática discursiva.

Se uma prática discursiva determina um saber, podemos agora compreender do que se constitui um saber. Segundo Foucault (2007, p.204) há um conjunto de elementos formados

de modo regular pela prática discursiva, sendo eles: o domínio constituído por diferentes objetos que podem ou não adquirir o status de científico; o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos em seu discurso, o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que aparecem os conceitos (e são definidos, aplicados ou transformados) e as possibilidades de utilização e de apropriação pelo discurso.

Portanto, podemos afirmar que na Wikipédia, de fato, temos saberes estabelecidos por práticas discursivas e que podem, ou não, atribuir-lhe caráter científico, mas que, de um modo ou de outro, são formados por esses elementos que compõem grupos de objetos (que determinam o que vem a torna-se tema de verbete), conjuntos de enunciações (que constroem no fio do discurso as definições ditas enciclopédicas), jogos de conceitos (que mobilizam discursos e se relacionam pelos links) e séries de escolhas (que regulam os posicionamentos e a permanência ou não de certos enunciados).

Courtine (1982, p.250) define como **enunciado** “os elementos de saber próprios à uma formação discursiva<sup>10</sup>, como uma forma ou esquema geral que governa a **repetibilidade** em uma rede de formulações”, sendo que uma rede de formulações “consiste em um conjunto estratificado ou desnivelado de formulações que são todas reformulações possíveis de E [o enunciado]”. Ou seja, o enunciado é um elemento de saber que se repete (se atualiza) nas formulações. Isto porque, ainda para Courtine, o enunciado e a formulação correspondem a níveis distintos do discurso enquanto objeto e correspondem a relações também distintas na seqüência discursiva. O enunciado diz respeito à dimensão vertical do discurso, sua relação com o interdiscurso, dando a permanência estrutural de uma repetição; já a formulação diz respeito à dimensão horizontal do discurso, sua relação com o intradiscurso, onde a enunciação pode produzir variações de conjuntura (COURTINE, 1981, p.48). Daí deduzirmos que os saberes são resgatáveis, pela análise discursiva, extraindo, da formulação, a rede de enunciados que determinam os discursos que a sustentam.

A criação da Wikipédia no início dos anos 2000 teve duas implicações distintas e importantes: (1) a elaboração de uma enciclopédia na web que pode ser constantemente ampliada e reescrita (2) a possibilidade de qualquer internauta criar, escrever e alterar os verbetes dessa enciclopédia. Detenhamo-nos nesses aspectos.

---

<sup>10</sup> Essa noção será discutida no capítulo 2. Neste momento, podemos adiantar que a FD é que regula o que pode e o que deve ser dito, isto é, emergir como efeito de sentido e que os discursos são determinados pelas FDs às quais se vinculam.

Dentro da gama de possibilidades de criação de sites na web, sob diferentes gêneros<sup>11</sup>: chats, servidores de emails, blogs, conteúdo fechado, institucionais, comerciais etc... há a iniciativa de criar uma “enciclopédia on-line”. Assim, transferiram-se para um novo suporte, traços que davam o “molde” historicamente determinado do que é uma enciclopédia. Mais uma vez, lembremos de Scotta (2008) que concebe a enciclopédia enquanto um ‘círculo que se fecha’ e a Wikipédia enquanto uma ‘rede que se abre’, mas que em ambas há a busca pelo saber total. É essa ancoragem de sentido que vai condicionar a configuração da Wikipédia, na ânsia de oferecer aos internautas algo similar ao que eles encontrariam numa enciclopédia em papel, porém ampliada, infinita (como o imaginário que se tem sobre a web). Vemos, claramente, a força do sentido historicizado do que é uma enciclopédia (um imaginário de conhecimento) e o que ela abarca (os saberes enciclopédicos).

Esse sentido do que seria uma enciclopédia vai marcar todo o site em questão, bem como o dizer institucional que o acompanha. Assim, ao acessar a página inicial da Wikipédia, deparamo-nos com a seguinte configuração e chamamos a atenção para os aspectos mencionados:

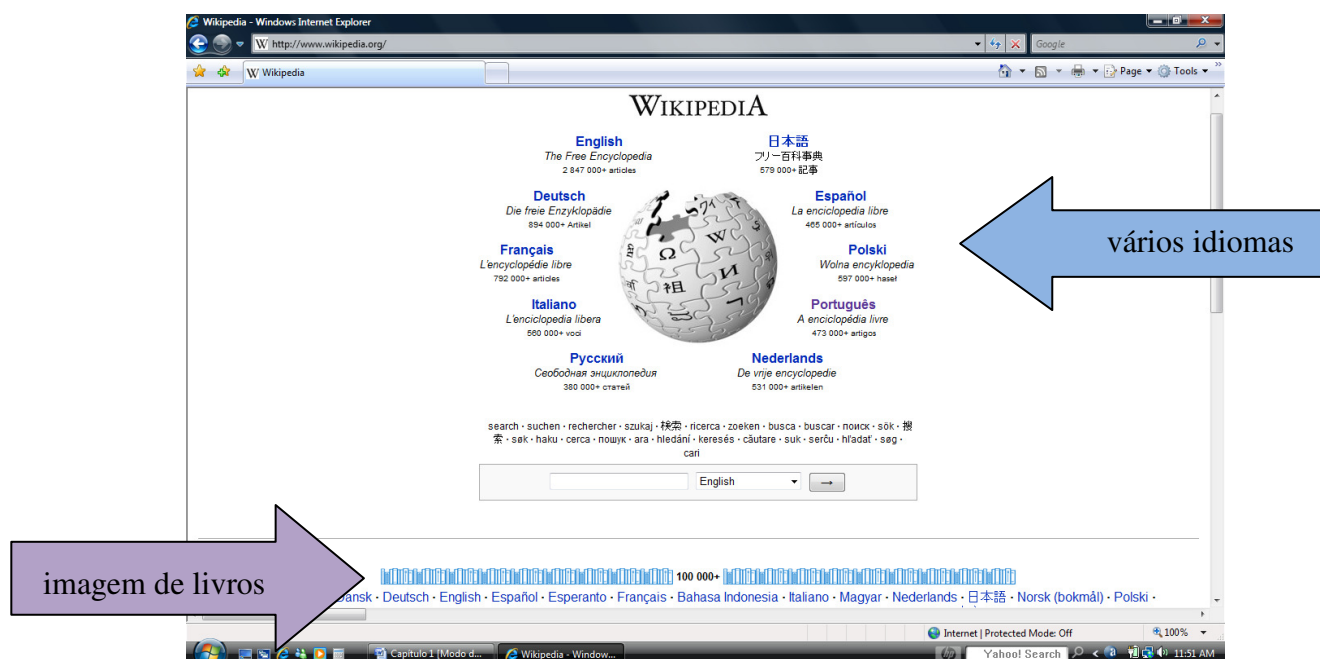


Figura 2 – Página inicial: <http://www.wikipedia.org/>

<sup>11</sup> Consideramos gênero aqui um conjunto de similitudes que atribuem certas características comuns aos sites, atribuindo-lhes um caráter nomeável e de finalidades distintas.

Mesmo tendo sido criado em inglês e a versão neste idioma a que mais verbetes contém na Wikipédia, a busca por ser uma enciclopédia abrangente e de ampla circulação na web implicou na disponibilização de várias outras versões em diferentes idiomas. Ou seja, cada idioma possui a sua Wikipédia, seguindo o mesmo formato, padrão de configuração e regras. Porém, os tais conteúdos vão variar entre si conforme o idioma em que estão disponibilizados, podendo variar deste o tema em si (que dá nome ao verbete) e o número desses temas até aos blocos de textos que os constituem. Associado a cada idioma, está o número atual de verbetes (chamados de “artigos”) naquele idioma, como uma relação direta entre sucesso e quantidade numérica. Para fins de estudo, priorizamos a versão em Língua Portuguesa da Wikipédia<sup>12</sup>, e é a partir dela que discorreremos a análise.

Além do reforço quanto ao número de artigos e a ao número de idiomas em que se apresenta a enciclopédia, há na página de abertura a imagem de uma prateleira de livros acomodados lado a lado. Esta imagem é altamente significativa, uma vez que materializa o discurso determinante do objeto “Wikipédia”. O efeito de sentido atribuído à enciclopédia, pode aqui ser analisado em seus dois níveis distintos como vimos há pouco com Courtine: na formulação, a imagem do livro está ligada aos sentidos atribuídos aos livros enquanto depositários do conhecimento humano, sentidos estes construídos no nível do enunciado enquanto elemento de saber. Aqui podemos perceber o enunciado que emerge em formulações distintas. Ao trazer a imagem dos livros, em detrimento de todas as imagens possíveis ligadas ao suporte (computador, tecnologia, cibercultura etc.) se faz uma amarradura na história, pela figura do livro. A grande quantidade de livros, dispostos juntos, passam a significar um vínculo com o passado, tornando confiável o que é tomado como novo, tecnológico. Essa “confiança” diz respeito ao repetível e acumulável, isto é, ao que já foi, ao longo dos processos discursivos, estabilizado como “o sentido”, e que mais não é do que o discurso dominante tomado como evidência de realidade ratificando a noção de imaginário sobre o conhecimento, capturado nas páginas de um livro, ou seja, o enunciado (sobre o conhecimento) que se atualiza na imagem (formulação).

Ao clicar na versão (idioma) escolhida, abre-se a enciclopédia on-line e pode-se navegar por entre suas páginas.<sup>13</sup> Enquanto as enciclopédias tradicionais apresentam-se geralmente em ordem alfabética, a Wikipédia, enquanto hipertexto, perde esse traço de

---

<sup>12</sup> <http://pt.wikipedia.org>

<sup>13</sup> Outra alternativa para acessar o conteúdo da Wikipédia é através de sites de busca como Google, Yahoo, etc. nos quais digita-se um termo e o link direciona diretamente para o artigo da Wikipédia.



organização, e os artigos estão ligados entre si pelos links, formando uma rede, uma trama de fios, os quais quando se puxa um, outros se movimentam em conjunto, remodelando o tramado. A disposição dos verbetes demonstra a própria disposição dos saberes na Wikipédia: por ligação (link) e não por ordenamento. Comprovando isto, pode-se encontrar ao longo de inúmeros artigos: as palavras que permitem link<sup>14</sup> são marcadas em azul quando remetem a artigos com aquele termo como título, já as que não possuem artigos escritos ainda são marcadas em vermelho. Ou seja, há um lugar, em estado de espera, aguardando para ser “preenchido” com os conteúdos “adequados”. O que já não aconteceria em uma enciclopédia em papel, já que esta teria que vir com páginas em branco para depois serem completadas...

Concentremo-nos no logotipo do site e de seu slogan.



Figura 3 – Wikipédia: a enciclopédia livre

A imagem de um globo incompleto, construído com peças de um jogo de quebra-cabeça cada qual contendo uma letra em diferentes alfabetos do mundo, remete a algo em construção, inacabado, incompleto. Este é um dos sentidos suscitados sobre a Wikipédia: ser elaborada constantemente, aumentando em volume de artigos e nos conteúdos de cada artigo. Ironicamente, esse sentido também destinado à própria web como um espaço em constante ampliação e construção permite que se inquiria sobre quando as peças restantes fecharão o globo (abrangendo todo o planeta?!). E depois, o que virá?

Ainda mais significativo é o slogan utilizado como definidor da Wikipédia. Antes de qualquer coisa, a Wikipédia é uma **enciclopédia**, porém, mais do que isso, é **livre**. Disto percebem-se dois efeitos de sentido, mesmo sendo um website, a Wikipédia não é outra coisa senão uma enciclopédia, e enquanto outras enciclopédias não são livres, ela o é, além de que enquanto outros conteúdos não são livres, o seu é.

<sup>14</sup> As palavras no texto que funcionarão como links são selecionadas pelo editor, isto é, pelo autor que está escrevendo o artigo.

Em sua página institucional encontramos um verbete que não pode ser alterado (enquanto todos os demais podem), isto é, tem o seu conteúdo protegido. Trata-se de “Os cinco pilares que definem o caráter da enciclopédia”<sup>15</sup>. E é lá que encontramos seqüências que vêm a delinear os discursos preponderantes na Wikipédia.

Efeito	Seqüência
<i>Definição de enciclopédia</i>	s.d.1 - “A Wikipédia é uma enciclopédia que compreende elementos das enciclopédias generalistas, das enciclopédias especializadas e de almanaques.”
<i>Definição de enciclopédia livre</i>	s.d.2 - “A Wikipédia é uma enciclopédia de conteúdo livre que qualquer um pode editar.”
<i>A imparcialidade do texto</i>	s.d.3 - “A Wikipédia rege-se pela imparcialidade, o que implica que nenhum artigo deve defender um determinado ponto de vista. (...) Nenhum ponto de vista deve ser apresentado como o ‘verdadeiro’ ou o ‘melhor’”
<i>Definição de princípios indiscutíveis</i>	s.d.4 - “Devem ser seguidos por todos os editores em todas as circunstâncias. São cinco os pilares: enciclopedismo, neutralidade de ponto de vista, licença livre, modo de conduta codificado e liberdade nas regras.”

Há uma idealização do que se almeja com a Wikipédia, ser uma enciclopédia “completa”, uma vez que agregaria elementos de todas as outras enciclopédias (generalistas, especializadas e almanaques). Além disso, fica evidente a noção de liberdade implícita em **livre**, que neste caso significa **possibilidade de qualquer um** e também **ausência de direitos autorais**. Isto é, o conteúdo é livre, porque pode ser qualquer conteúdo, e a enciclopédia é livre porque qualquer um pode escrever ou alterar. O uso recorrente de indeterminantes (qualquer um, nenhum artigo, todos os editores, todas as circunstâncias), discursivamente, mostra que é “nesse espaço de indeterminação que se torna possível a costura com o interdiscurso, o lugar onde o enunciador do texto ‘recolhe’ saberes que externam a visão de mundo de uma determinada posição” (RASIA, 2008, p.167), posição esta que mobiliza esta tão difundida liberdade. Porém, todo e qualquer conteúdo tem a obrigação de ser **imparcial**, sendo que neste caso, parcialidade significa **defesa de um ponto de vista como verdadeiro ou o melhor**.

Percebemos nessas linhas diretrizes para todos os internautas que a percepção do que é a Wikipédia seja a de **um conjunto de conteúdos possíveis que qualquer um pode editar, mas que tenha caráter enciclopédico neutro e padronizado**. Esse é o saber que vai reger

<sup>15</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco\\_pilares](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco_pilares)

todo o funcionamento discursivo da Wikipédia, como um enunciado que se atualiza em diferentes formulações, ora em páginas institucionais, ora nas discussões entre autores, ora no texto que compõe um artigo. A cada alteração, edição ou simples leitura de verbete se pode perceber esse enunciado como um saber que permeia toda a Wikipédia.

Ligado a este saber, está outro muito importante: o que é uma enciclopédia, afinal. Esta definição, entretanto, jamais emerge nas páginas institucionais do site e podemos tomá-la como um silenciamento, um saber não-enunciado e não-enunciável. Infere-se daí duas possibilidades: uma, de que todos tenham tamanha evidência e certeza do que é uma enciclopédia que não seja preciso definir; ou outra, de que não se tenha clareza do que realmente é uma enciclopédia sendo melhor não definí-la. Outro saber que permeia toda a Wikipédia é noção de o que é **conhecimento humano**. Tanto este saber quanto o saber relativo ao que é uma enciclopédia só são trazidos à tona em artigos da Wikipédia, isto é, estão presentes nos artigos disponíveis, não sendo discutidos (problematizados) nas suas páginas “institucionais”. Donde extraímos:

Saber	Seqüência
<i>Enciclopédia</i>	s.d.5 - “Enciclopédia é uma coletânea de escritos em larga escala, cujo objetivo principal é descrever o mais aproximado possível o relativo à concepção atual do conhecimento humano. (...) Comumente é interpretada através de um livro de referência para praticamente qualquer assunto do domínio humano.”
<i>Conhecimento humano</i>	s.d. 6- “O conhecimento humano é uma expressão usada para toda a experiência humana adquirida até o momento. É a soma de todos os pensamentos, criações e invenções da mente humana. Incluindo descobertas em diversas áreas da ciência; matemática, literatura, arte, entre outras”

Nesta conjuntura, conseguimos definir que o saber sobre o que seja uma enciclopédia engloba a noção de **um livro de referência que descreve o conhecimento humano** e que esse conhecimento humano que a enciclopédia registra nada mais é do que **a soma dos pensamentos, criações e invenções da mente humana em diversas áreas**. O conhecimento então é o conjunto de descobertas, experimentações realizadas pelos seres humanos em áreas distintas e identificáveis, logo, a compartimentação, fragmentação em campos (como a matemática, a arte, a ciência) lhe é intrínseca, ou seja, o conhecimento é o ajuntamento de todos esses fragmentos isolados.

Estes três grandes saberes elencados (Wikipédia, enciclopédia e conhecimento humano) são a base de todas as discursivizações do material analisado e que predominam enquanto elementos de saber mobilizados nos discursos. O papel e a força desses saberes

regulam o dizer em cada verbete e suas edições. São esses saberes que também regulam a entrada de todos os outros saberes nos artigos, tomando “a forma” de saber enciclopédico.

Mas, como se dá a determinação do que é um saber enciclopédico, isto é, um saber “digno” de estar numa enciclopédia? Essa determinação é problematizada na Wikipédia, pois seu formato wiki e o amplo espaço de armazenamento agregam a ela a possibilidade de ampliação ilimitada e franca acessibilidade. Inclusive, há posicionamentos que crêem ser esta a grande singularidade da Wikipédia por ter seu conteúdo livre, haveria a possibilidade de criação de verbetes sobre qualquer assunto.

Entretanto, a regulação das coisas a saber que podem “entrar” na Wikipédia, exige que observemos que há mecanismos<sup>16</sup> que inibem, monitoram e proíbem a criação de verbetes ou a edição dos mesmos. O que nos leva a partilhar do que MITTMANN (2008, p.117) propõe quando afirma que “se há um filtro separando o que pode e que não pode entrar em cada bloco do que se deve saber sobre, isso significa que os limites do bloco e as formas de articulação desses saberes são construídos e impostos por quem detém o poder”, ou seja, o próprio **o que se deve saber sobre**, que nada mais é do que, no caso da Wikipédia, a **descrição do conhecimento humano**, carrega em si a contradição de que há o que não é relevante, que não se deve saber ou que não se precisa saber sobre... o que apontaria então para **algo que não é conhecimento**, logo, **não é saber enciclopédico**. E essa regulação/determinação do que é e do que não é saber enciclopédico é imposto por relações de poder, jogos de força entre posições ideológicas distintas.

Mas fica ainda a questão: como os saberes se fazem presentes nos discursos da Wikipédia?

Para compreender a relação dos saberes com os discursos na Wikipédia é preciso perceber o trabalho da memória e o papel do arquivo como fundamentais nos processos discursivos de confecção de todo e qualquer verbete e na própria concepção de enciclopédia. A construção do sentido, bem como as condições de sua produção, está ligada inegavelmente aos modos pelos quais os saberes dão corpo aos dizeres da Wikipédia pela autoria.

Sendo a formulação do sujeito (interpelado pela ideologia e dotado de inconsciente) o lugar de encontro da língua com a história, seus sentidos são estabelecidos pelas famílias de discursos postos em relação, assim, cada elemento de saber passa a ter sentido quando materializado no fio do discurso. Mas de onde viriam esses elementos? Do interdiscurso

---

<sup>16</sup> Na estrutura do site, há políticas de uso e edição da Wikipédia, nas quais se explicita o que a Wikipédia não é.

(lugar do não-sentido e de todos os sentidos possíveis). Mas como esses elementos são trazidos para o fio do discurso? Pela memória.

Assim, para Pêcheux:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (Pêcheux 1999, p.52)

Portanto, a memória é a condição primeira de leitura e interpretação que qualquer texto/discurso traz em si e que o qualifica como tal, isto é, a memória estabelece as condições de legibilidade de todo e qualquer discurso. É trabalho da memória o que vimos anteriormente na imagem dos livros que retornam para significar também a enciclopédia virtual. No texto há ausências que instauram a presença desses implícitos e esse movimento de mostrar o que não está lá, e que o tornam interpretável. Este é o papel da memória: estabelecer trajetos de leitura, fazer soar o eco dos dizeres historicizados, reverberar sentidos que podem ser outros. Ou seja, no caso da Wikipédia, seus sentidos são estabelecidos a partir do trabalho da memória que aciona dizeres relativos aos saberes que a constituem, essencialmente determinando (e resgatando) os dizeres acerca do que cabe a uma enciclopédia “dizer”, mas também é pela memória que dizeres “externos” aos saberes enciclopédicos vão penetrar nos discursos, escapando o controle do sentido e da idealizada neutralidade. Assim, há a presença do político, do econômico, do moral a cada dizer da Wikipédia, pelo trabalho da memória na autoria.

Inclusive a memória também tem seu funcionamento, e Pêcheux aponta para duas modalidades dele: a regularização e o jogo da metáfora (PÊCHEUX, 1999, p.53). Na regularização, há um movimento de mão dupla entre acontecimento e paráfrase, um jogo de forças na memória. Frente a um acontecimento, a memória tenta absorvê-lo e, se possível, dissolvê-lo no campo dos já-ditos, numa “estabilização parafrástica” do acontecimento com os implícitos que ela traz em si. Mas nesse movimento de regularização, há também uma força de “desregulação” que perturba a rede dos implícitos. É nesse ponto que a outra modalidade emerge: o jogo da metáfora. A metáfora é “uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1999, p.53). Ainda que sobre um mesmo acontecimento, a memória opacifica os dizeres e os implícitos acabam sendo irreconstruíveis (plenos e homogêneos) e os sentidos deslizam.

É por isto que Pêcheux então propõe a memória como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.” (PÊCHEUX, 1999, p.56). Sendo a memória esse espaço que estabelece trajetos em todo discurso restituindo-lhes seus implícitos, verificam-se nos artigos da enciclopédia online espaços ora mais estabilizados (como as ciências exatas) e outros menos estabilizados, mas em ambos há a presença do conflito, do embate; uma vez que a memória atua trazendo os dizeres outros, os implícitos e os não-ditos juntamente com os dizeres mais “convenciados” sobre o tema, isto é, sobre o objeto discursivizado.

Afastando uma tomada cognitiva da noção de memória, o mesmo autor esclarece que a memória é “um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído pelas séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpo sócio-histórico de traços” (PÊCHEUX, 1990, p.286). Ou seja, a memória é constituída pelos não-ditos de uma seqüência discursiva, mas que estão presentes pela sua ausência, o que estabelece a legibilidade da mesma. Ao relacionar esse já-pensado (em outro lugar e sem dependência) com o que é pensado a cada formulação, Pêcheux retoma o termo cunhado por Paul Henry como **pré-construído**, que designa “o que remete uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (PÊCHEUX, 1988, p.99). Observemos a seqüência abaixo:

s.d.7 – “A Wikipédia não é lugar para publicar suas **próprias idéias**, nem para colocar informações ainda **não publicadas** por outros meios”<sup>17</sup>.

Nela a memória pode ser percebida como a ausência presente dos não-ditos que remontam um conjunto de implícitos que sustentam a formulação tornando a legível, entre os quais o de que os sujeitos possuem idéias próprias e que as podem fazer circular, bem como há publicações sem anterioridade... É por esta dimensão da memória que Pêcheux critica uma visão cognitivista e identifica-se com a noção de pré-construído.

Para Pêcheux, a condição essencial de produção e interpretação de uma seqüência está na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constituem o espaço de memória da seqüência (PÊCHEUX, 1990, p.289). Esse corpo de traços discursivos é o interdiscurso, que intervém com sua materialidade para constituir a materialidade discursiva da seqüência. Ou seja, o interdiscurso fornece os elementos necessários que constituem o

---

<sup>17</sup> Todos os grifos nas s.d.s são nossos.

espaço de memória de uma seqüência. Longe de ser mero registro formal ou ferramenta lógica operacional, a língua se relaciona com a memória como um espaço privilegiado de inscrição de traços linguageiros discursivos que formam uma memória sócio-histórica (PÊCHEUX, 1990, p.289).

Já Courtine (1999, p.18) distingue dois níveis de descrição do assujeitamento do sujeito falante na ordem do discurso: um diz respeito à situação de enunciação, o eu-aqui- agora dos discursos; o outro nível se refere ao enunciado e é nele que está o interdiscurso. Para o autor, o interdiscurso é “espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos” e possui séries de formulações que se articulam entre si, marcam enunciações dispersas e estabelecem relações de citação, repetição, paráfrase, oposição, transformação. Assim, “a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados ‘pré-construídos’ de que sua enunciação se apropria” (COURTINE, 1999, p.18) é constituída pelo domínio de memória. Diante disso, podemos compreender a produção dos artigos da Wikipédia como enunciados, cuja existência fora viabilizada pela presença do enunciável (ainda que não enunciado), postos em relação pela memória.

Para este autor, o domínio de memória é um espaço de recorrência das formulações, porém, tal recorrência só é possível pelo fato de o interdiscurso contê-las e apresentar desnivelamentos que permitem o apagamento da “origem” de uma formulação. A memória vai dando um tom de homogeneidade à repetição dos discursos, mas sempre deixando indícios<sup>18</sup> que tornam recuperáveis esses discursos. Sendo o interdiscurso uma exterioridade do enunciável, a repetição nesse espaço vertical vai ocorrer como “repetição vertical”, repetindo algo que não é sabido, não é reconhecido, que se desloca e é deslocado no enunciado (COURTINE, 1999, p.21). Essa repetição, segundo o autor, é ausente (pois funciona como desconhecimento) e presente (como uma memória lacunar ou com falhas). É por isto que propomos uma desnaturalização dos sentidos que emergem e circulam sob a modalidade de conhecimento humano na Wikipédia, uma vez que esse funcionamento mascara as relações de desnivelamento entre os discursos, por conseguinte, as relações de poder imbricadas na língua.

Pode-se pensar, portanto, a memória discursiva como o acionamento de discursos outros que estão no interdiscurso e que se repetem no intradiscurso mas apenas com traços que apontam para essa exterioridade, oferecendo, assim, a legibilidade e a interpretabilidade de uma seqüência. Legibilidade esta garantida apenas pela ausência presente dos não sabidos

---

<sup>18</sup> Como o chapéu de Clémentis.

(Courtine) e pela presença ausente dos não-ditos (Pêcheux). Assim, cabe à análise do discurso esse desvelar que relativiza a evidência do sentido e a imparcialidade do dizer, bem como eleva o papel e a força da interpretação.

É pelo trabalho da memória que se tornam legíveis e interpretáveis, seqüências como esta que constitui as páginas institucionais da Wikipédia:

s.d.8 – “Lembre-se que você está numa *enciclopédia*, o que significa que há muito (sic) coisa que ela não é. Os verbetes devem ser de leitura fácil e oferecer explicações claras, não servir de panfletos de propaganda.”

Ou seja, para que se atribuam determinados sentidos (sempre a partir das famílias de discursos, isto é, das formações discursivas como veremos adiante) é preciso que a memória estabeleça as relações entre os discursos. Assim, para que **“lembre-se que você está numa enciclopédia”** seja interpretado é porque a memória já estabeleceu as relações com **“você está em outra coisa”**, **“enciclopédia é...”** etc, relações estas da ordem do não-sabido, que intervém como ausências presentes (Courtine) e que criam as redes de significação que constituem o dizer, que nunca se faz isolado ou único. Além disso, o fechamento dado em **“os verbetes devem ser de leitura fácil e oferecer explicações claras”** só se faz porque a memória aciona elementos do interdiscurso relativos a **“o verbete é um texto”**, logo, **“há textos de leitura difícil”**, **“deve-se dar explicações numa enciclopédia”**, **“existem explicações que não são claras”**, **“as explicações da Wikipédia precisam ser claras, ao contrário de outras”**, etc. O trecho “não servir de panfletos de propaganda”, por sua vez, estabelece uma relação da ordem do não-dito, intervindo como presença ausente (Pêcheux), como implícito, no qual se afirma haver panfletagem na textualização de verbetes.

Enfim, em todo e qualquer dizer há o trabalho da memória na configuração de toda sua materialidade, pelo envolvimento dos ditos, não-ditos e os ainda-por-dizer, que constituem o interdiscurso, uma vez que as regionalizações deste “alimentam” todo e qualquer discurso. Assim, na memória há a diferença entre o que intervém como já-sabido, que vem do interdiscurso como pré-construído e funciona como implícito; e o que intervém como não-sabido, que vem do interdiscurso como o Outro inacessível.

Mas o trabalho da memória enquanto acionamento exige também que se apure o objeto de estudo, para melhor compreender e estabelecer as relações entre os ditos, os não-ditos e os ainda-por-dizer a cada artigo, conferindo-lhe certos sentidos e não outros. Trata-se da delimitação, ou melhor, da compreensão do que é o **arquivo** e como lê-lo. Segundo



Pêcheux (1994, p.57) arquivo é “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Assim, ao deparar-se com conjuntos de “documentos” a ler, os gestos de leitura e, conseqüentemente, a significação, exigem e implicam o trabalho da memória como acionamento de sentidos e também da presença do outro como constitutivo de cada dizer. No caso da Wikipédia, a sua versão em língua portuguesa é tomada como o arquivo a ler. Assim, a partir desse todo de relações entre páginas, links e nós, podemos traçar as relações entre sujeitos e sentido na autoria, verificando-se, pelo arquivo, a presença dos pré-construídos, a formação do fio do discurso, do intradiscurso.

Ao perceber o trabalho da memória e o papel do arquivo na relação entre os saberes em discurso na Wikipédia, podemos costurar algumas noções discutidas sobre o interdiscurso, enquanto eixo vertical em relação com o eixo horizontal, e em sua relação com a memória. Vejamos a seguinte s.d.:

s.d.9 – “A Wikipédia serve para compilar o conhecimento humano. Não é um meio para tornar opiniões pessoais parte do conhecimento humano.”

A partir do discurso sobre “enciclopédia”, é construído o fio do discurso referenciando a Wikipédia como uma enciclopédia. Assim, o discurso sobre o conhecimento humano mantém e lineariza no intradiscurso os efeitos de sentidos, como na relação de inadequação entre opinião pessoal e enciclopédia. Ou seja, constrói-se no fio do discurso, uma série de articulações que retomam o que cabe a uma enciclopédia (enquanto meio) além de excluir o que seria fruto de certos posicionamentos.

Assim, o interdiscurso abastece (via memória discursiva) o intradiscurso, através do encadeamento de pré-construídos na formulação e através da articulação de outros saberes, para formar, no intradiscurso um todo com sentido dada a formação discursiva em que é construído. Como o sentido, sob o trabalho da ideologia, parece único, literal, é preciso ser desnaturalizado, para que os encaixes e as articulações emirjam de forma mais nítida. Enquanto o pré-construído joga com a base contínua e a persistência da memória, o interdiscurso através de saltos sucessivos permite a construção do novo (COLLINOT e MAZIÈRE, 1994, p.187).

Portanto, os discursos, dada a sua heterogeneidade, exigem o trabalho do analista de resgatar os pré-construídos que o configuram, uma vez que o pré-construído se faz “mestre-organizador da constituição do corpus, lugar onde se tece ‘por baixo do pano’ o fio do discurso, construção de base que, sozinha, torna possível o trajeto temático e o evento

semântico” (COLLINOT e MAZIÈRE, 1994, p.186). Daí a importância da clareza de definição do arquivo.

Uma vez que os elementos do interdiscurso são o pré-construído e as articulações (PÊCHEUX, 1988, p.163), distinguindo ambos, Pêcheux mostra que o **pré-construído** corresponde ao **sempre-já-aí** da interpelação ideológica fornecendo a “realidade” e o seu “sentido” sob a forma da universalidade. Isto é, o pré-construído é o elemento de saber que funciona como evidência, realidade. É ele que promove a certeza do sujeito, de estar sabendo o que diz e como está dizendo, quando diz. Já a **articulação** constitui o sujeito na sua relação com o sentido; é a articulação que representa no interdiscurso aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. Isto é, sendo a forma-sujeito a figura reguladora do que pode e deve ser dito na sua formação discursiva, seu domínio sobre os saberes se dá pela articulação no interdiscurso. Essa articulação, ou processo de sustentação, se dá pelo **discurso-transverso**, que nada mais é do que o feito explicativo que põe em relação a parte com o todo, a causa com o efeito etc. na formulação, articulando, encadeando os elementos do discurso.

Assim, enquanto interdiscurso, o discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre os elementos discursivos constituídos pelo pré-construído que fornece a matéria-prima da constituição do sujeito como falante (PÊCHEUX, 1988, p.167). A forma-sujeito, então, “tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intra-discurso, no qual ele se articula por ‘co-referência’” (PÊCHEUX, 1988, p.167).

Podemos buscar os elementos do interdiscurso que constituem o intradiscurso a partir da seqüência:

s.d.7 - “A Wikipédia não é lugar para publicar suas próprias idéias, nem para colocar informações ainda não publicadas por outros meios.”

Deparamo-nos aqui com uma materialidade lingüística, que remete a dizeres que são pré-construídos: sujeitos possuem idéias próprias; informações são inéditas ou não e são colocadas; há meios e a wikipédia é um deles. Estes pré-construídos estão organizados no fio do discurso (de que o leitor tem idéias próprias e tende a publicá-las no formato wiki, de que há informações publicadas anteriormente e em outros meios, garantindo o caráter de cientificidade e isenção...), compondo o intradiscurso, pelos seguintes discursos transversos na articulação que permite ao sujeito a evidência dos sentidos dos dizeres: de que a

Wikipédia é um meio e recebe informações e que a Wikipédia não é lugar das idéias próprias dos sujeitos.

Compreendemos, aqui, como os elementos do interdiscurso são absorvidos no intradiscurso de um sujeito, quando ao falar as evidências da realidade e do sentido estão dadas pelo efeito do pré-construído e a evidência de unidade e referenciação são dadas pela articulação dos discursos-transversos. Na superfície do discurso todos esses elementos diversos entre si são costurados pelo sujeito, em sua relação com a forma-sujeito (como veremos no capítulo seguinte). Antecipemos que, quanto mais suavizado os efeitos da presença do interdiscurso, mas próximo da forma-sujeito da FD em questão e mais clara é a posição-sujeito ocupada. Quanto mais gritantes os efeitos (e os limites de cada elemento do interdiscurso), mais desconexos e desbotados são os sentidos estabelecidos.

Neste capítulo inicial, portanto, vimos que a Wikipédia se caracteriza como *enciclopédia* por buscar abarcar “todo o conhecimento humano de forma imparcial” e *on-line* uma vez que a internet em suas relações históricas com a formulação e a circulação dos saberes é seu suporte e o hipertexto sua materialidade discursiva. Além disso, analisamos os saberes que constituem a Wikipédia (como uma enciclopédia que abarca todo o conhecimento humano) e o trabalho da memória na presença do interdiscurso no intradiscurso dos textos na Wikipédia. Diante disso, os textos na/da Wikipédia enquanto encontro da língua e da história sob o cunho da letra e da imagem, devem ser tomados como materialidades discursivas cabíveis de análise para que, percebendo-se suas determinações, os sentidos sejam desnaturalizados e a “consulta” à enciclopédia se problematize quanto a ser a Wikipédia um simples repositório do conhecimento humano disponibilizado na rede mundial de computadores.

## 2 O PROCESSO DE DISCURSIVIZAÇÃO DA WIKIPÉDIA

Em nossa perspectiva discursiva de abordagem da Wikipédia, para melhor compreender o processo de autoria que se instaura nessa “enciclopédia on-line”, ao tomá-la como objeto de estudo, foi preciso construir um dispositivo teórico e analítico que viesse ao encontro das necessidades de investigação sob o viés proposto. Assim, algumas noções da Análise do Discurso são mobilizadas e a sua organização se particulariza em torno do objeto. Isto porque, em AD, o dispositivo teórico que viabiliza cada análise exige que se construa um dispositivo analítico também diferenciado para dar conta dos questionamentos e das investigações que se buscam realizar sobre um dado objeto discursivo. Assim, os dispositivos nunca são os mesmos, pois, a questão formulada pelo analista frente um discurso a analisar, vai determinar a mobilização de certos conceitos e a realização de certos recortes.

Este é um traço muito próprio da AD: não basta a simples “aplicação” de um conjunto de conceitos já prontos frente um corpus a ser analisado, numa busca de “verificações” de verdade. Em AD, os conceitos são os mesmos, mas sua articulação e agrupamento se dão como uma necessidade peculiar a cada objeto em estudo. É o material escolhido e a problematização do analista que clamam por determinados conceitos, e não outros. Há, portanto, um imbricamento irreversível entre teoria e prática analítica, pois “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material analisado e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2005, p.27).

Assim, o dispositivo teórico-analítico construído pelo analista é composto por diversos elementos, entre eles “a natureza dos materiais analisados, a questão colocada, as diferentes teorias dos distintos campos disciplinares” (ORLANDI, 2005, p.28). Desta forma, a análise que se realiza em AD permite a relação com o simbólico pela interpretação, mas sem negar que se trata de trabalho exercido, no qual as diferenças não são negadas, os sentidos são questionados e a transparência é rejeitada. Portanto, temos aqui um constructo teórico-analítico para trabalhar com a Wikipédia e frente a uma questão específica, isto garante sua especificidade e singularidade. Ainda que se tome o mesmo objeto, sob outros enfoques, um outro analista, cujo olhar esteja voltado para outras questões, ou ainda que a mesma questão seja colocada, mas de outra forma, por certo se terá um novo e muito diferente trabalho de análise.

Frente ao “incômodo” investigativo que suscita os questionamentos motivadores de um trabalho de análise, um primeiro momento é marcado pela delimitação do **universo de discursos** que se pode analisar. Em nosso caso, esse incômodo partiu da ampla e profunda divulgação e utilização da Wikipédia como referência de pesquisas e obtenção de conhecimentos. Mais do que isso, instigou-nos a natureza da escrita dos textos que compunham essa “fonte”, que textos eram esses que, tomados como certeza/verdade sobre um tema, passavam a ser a fonte “segura” citada em trabalhos escolares, acadêmicos e nas mais diversas áreas de nossa sociedade. Se a internet é o espaço onde todo o mundo está interligado, e onde todas as informações estão disponíveis, cabe refletir sobre como isso se constrói, discursivamente, num espaço de internet. Assim, procuramos desnaturalizar os sentidos dados como verdade sobre um tema através da análise de como esses sentidos estão onde estão, ou seja, como os autores da Wikipédia fazem-na ser o que ela é.

Portanto, entre todos os discursos possíveis (político, pedagógico, financeiro, religioso etc.), nosso campo de discursos se limita ao **discurso do conhecimento**; o que não dá conta da possibilidade de discursos que geram conhecimento, mas sim apenas daqueles que se apresentam como conhecimento, aqueles que, em sua formulação e circulação, tomam para si o caráter de portadores de conteúdos encarados como coisas a saber no/do mundo.

Dentro desse universo de discursos, a operação de extração de certos discursos, em um segundo momento, marca a delimitação do **campo discursivo de referência**, “en imposant aux materiaux une série successive de contraintes qui les homogénéisent”<sup>19</sup> (COURTINE, 1981, p.24), sendo que essa homogeneidade, longe de ser um apagamento das diferenças, é na verdade uma identificação de traços discursivos comuns que permeiam e determinam alguns discursos do universo discursivo em questão. Assim, tomamos aqui como objeto discursivo de referência o **discurso de enciclopédia on line**, ou seja, os discursos elaborados por e para internautas sob a forma de uma enciclopédia disponível exclusivamente em meio digital.

Ao tomarmos a enciclopédia virtual Wikipédia como objeto de estudo, seus elementos constitutivos (os artigos) passam a configurar o arquivo, isto é, um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 1994, p.57), mas sendo um arquivo extremamente significativo e numericamente grande, elegemos “questões” que permitem a configuração do campo discursivo de onde são extraídas “les séquences discursives qui seront soumises à l’analyse”<sup>20</sup> (COURTINE, 1981, p.25). A questão

---

<sup>19</sup> “impondo aos materiais uma série sucessiva de restrições que os homogeneizam” Tradução nossa.

<sup>20</sup> “as seqüências discursivas que serão submetidas à análise” tradução nossa.

norteadora nessa investigação é a autoria colaborativa que marcaria a confecção de todo e qualquer artigo (ou verbete) na enciclopédia virtual. Uma vez determinada pelo discurso do conhecimento, a escrita da enciclopédia lida com uma modalidade complexa que é a escrita de um mesmo e único texto por vários autores.

Em AD, o corpus é instável e provisório e não se busca a exaustão do material lingüístico eleito para investigação, ou seja, “a exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não ao material lingüístico empírico” (ORLANDI, 1998, p.10). O texto é a materialidade do discurso, mas a relação não é direta entre o material lingüístico e as discursividades, então, é o trabalho do analista através do dispositivo elaborado que permite o estudo do funcionamento do discurso e os processos pelos quais os sentidos são instaurados.

Assim, como o material empírico, lingüístico ou imagético, constitui textos, cuja produção de sentidos e interpretação são problematizados na análise, aqui são tomados como material empírico os artigos ou verbetes da enciclopédia virtual Wikipédia. Após selecionar o corpus empírico, como resultado das análises, obtivemos o corpus discursivo, que nada mais é do que “um conjunto de textos de extensão variável (ou seqüências discursivas), remetendo a condições de produção consideradas estáveis” (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.239) e é composto pelas seqüências discursivas que abordam a Wikipédia enquanto objeto discursivo bem como as que abordam o processo de autoria na própria Wikipédia.

Desta forma, “o texto é um conjunto de relações significativas individualizadas em uma **unidade discursiva**” (ORLANDI, 1998, p.11), sendo esta individualização a marca da especificidade e ineditismo de cada texto, na sua ilusória formulação como algo novo. Metodologicamente, não é necessário lidar com textos inteiros, exatamente porque, sendo objeto de questionamento do analista, interessam os recortes do material empírico que prendem o olhar problematizador como inscrições de processos significativos relevantes, ou seja, “uma vez detectado um processo significativo relevante para o tema e o objeto da pesquisa, ele deve ser procurado ao longo do corpus, pelos **recortes**” (ORLANDI, 1998, p.11). O recorte, portanto, é um procedimento fundamental em AD, por jogar luz em certos pontos do material empírico, detidamente, e por selecionar alguns (e não todos) os gestos de trabalho da história na língua. Não tivemos, pois, a necessidade de analisar todos os mais de 500.000 artigos disponíveis apenas na versão em língua portuguesa da enciclopédia em questão, mas sim, a necessidade de elaborarmos um método de seleção daqueles que poderiam contribuir mais significativamente para a questão da autoria colaborativa, a questão que fora priorizada.

Portanto, para obtenção dos recortes, entre os artigos da Wikipédia percorremos, em um sentido, todos os artigos ditos “institucionais”, isto é, aqueles que apresentam o discurso da Wikipédia sobre ela mesma, informando o que ela é, como se pode participar, quais os pilares da sua organização, como redigir os textos dos artigos etc. E, em outro sentido, percorremos diversos artigos de “outros temas”, tomando por base a própria disposição e sistematização do “conhecimento” que a enciclopédia adota; como podemos ver no seu índice disposto na página principal do site e que reproduzimos abaixo:



Figura 4: Índice - <http://www.pt.wikipedia.org>

Assim, num gesto analítico mais pontual, debruçamo-nos sobre os artigos da enciclopédia que tratavam sobre a própria Wikipédia e selecionamos também um artigo em específico, sob o tema “globalização”. Esta escolha é uma opção do analista, frente a milhares de artigos possíveis, por trazer em si um campo de possíveis confrontos políticos, econômicos e culturais, apresentando-se produtivo para mostrar certos funcionamentos.

São de três grandes espaços do website o material empírico convertido em objeto discursivo do qual obtivemos os recortes: (1) páginas institucionais; (2) páginas de discussão entre os usuários e (3) a página de um artigo “globalização”.

Deste modo, foram selecionadas as páginas institucionais, em especial a que se chama “cinco pilares”, por reunir em si as “diretrizes” da enciclopédia on-line. Assim, elencamos aqueles que tematizavam o próprio funcionamento da enciclopédia e de sua escrita, bem como as orientações acerca de “como escrever” e “o que escrever” nos artigos. Esta escolha se deve à certeza de que nas orientações para a escrita do verbete e das expectativas em torno do mesmo, afloram os discursos acerca do que é uma enciclopédia e de quem são seus autores, bem como todo o imaginário em torno de sua construção. E selecionamos também artigos de temas diversos, a partir do critério de discussões entre os autores (as discussões possuem um espaço específico no site para este fim, em cada verbete), pois nelas emergem as discursivizações dos sujeitos acerca do tema, da enciclopédia e da própria autoria.

Além disso, selecionamos as páginas referentes ao artigo “globalização”, para acompanhar o percurso de autoria de um verbete específico, ou seja, acompanhamos todas as alterações, mudanças, interferências, etc. desde a sua primeira frase criada até um momento arbitrário para fins de completude da análise.

Montamos então os recortes, uma vez que estes são constituídos por seqüências discursivas tomadas como mais pertinentes às questões investigadas. Estes recortes, longe de constituírem um bloco específico desta dissertação, estão distribuídos ao longo de todo o trabalho, constituindo cada capítulo, de acordo com as necessidades do tema. Como vimos acima, toda análise implica um “olhar sobre”, logo, as noções (da Análise do Discurso) mobilizadas estão intrinsecamente ligadas aos recortes de nosso campo discursivo, não havendo, portanto, como abordar um (a teoria) sem convocar o outro (a análise).

É por isto que, frente aos recortes, cabe ao analista “saber entrar no discurso (nos discursos)” (ORLANDI, 1998, p.21), isto é, promover um deslocamento no olhar que interpreta, movendo-o para a possibilidade da não-transparência do sentido. Ao desnaturalizar o sentido, o seu efeito de evidência, percebe-se a opacidade da língua e as determinações ideológicas que a constituem. Trata-se de, ao tomar o recorte, ver o que está dito, como está dito e por que está dito **desta forma**, e não de outra, e quais seriam os outros não-ditos possíveis e quais os já-ditos que abastecem esse dizer.

Há, a partir do deslocamento do olhar para a alteridade (do sujeito e dos sentidos), um percurso a ser trilhado pelo analista e que haurimos estar aqui trilhando, conforme nos orienta Orlandi (2006):

1º) O analista procede a de-superficialização do material, sua de-sintagmatização. Como resultado, obtém-se o **objeto discursivo**. Neste ponto, já é possível perceber, no objeto discursivo, a detecção dos processos significativos relevantes para o tema e os objetivos da análise, bem como os vestígios de forças das formações discursivas na determinação dos sentidos do material. A chegada ao objeto discursivo é "resultado da transformação da superfície lingüística de um discurso concreto, em um **objeto teórico** (...) produzido por uma análise lingüística que visa a anular a ilusão nº2" (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.180).

2º) O analista trabalha sobre o objeto discursivo investigando de que modo e quais são as relações entre ele as formações ideológicas. Chega-se ao **processo discursivo**. Neste ponto, o material empírico não é mais fundamental, pois já se delinea o **funcionamento discursivo**. Já o processo discursivo como “resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies lingüísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas” começa a anular o efeito do esquecimento nº1”



(PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.181). É fundamental, então, "entender por processo discursivo as relações de paráfrase interiores ao que chamamos a matriz do sentido inerente à formação discursiva" (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.170).

O processo discursivo é traçado quando se consegue perceber que os sentidos são delimitados nas relações entre as seqüências discursivas (os recortes), formando famílias que parafraseiam dizeres, como efeitos de sentidos (discursos), ou seja, a “**família parafrástica** destas seqüências constitui o que se poderia chamar a 'matriz do sentido' (...) é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido" (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.169). Montam-se as matrizes de sentido, identificando-se então as formações discursivas que os determinam e, por conseguinte, as formações ideológicas que agrupam essas formações discursivas.

Após todo esse procedimento teórico-analítico é que se retorna para as questões que incitaram a investigação e buscam-se algumas considerações que possam dar conta dos gestos de desnaturalização dos dizeres e da compreensão dos funcionamentos discursivos do tema escolhido.

É importante lembrar que, ao longo do percurso analítico, os passos tomados são sustentados pela consideração de determinância das condições de produção em que o material foi produzido e pela relação determinante da historicidade em toda e qualquer palavra.

Assim, nosso trabalho de análise percorre essa trilha, partindo da questão norteadora em torno da autoria colaborativa da enciclopédia on-line. Precisamos, portanto, desestabilizar os sentidos aparentemente evidentes acerca de: autoria, autoria colaborativa, enciclopédia, enciclopédia on-line e também (como visto no capítulo anterior) conhecimento. Realizamos as identificações das formações (discursivas e ideológicas) existentes a partir de duas noções importantes e intrinsecamente ligadas: **sujeito** e **autoria**. Isto porque, como queremos investigar como a Wikipédia é escrita e que jogo de forças está estabelecido nesta escrita, parece-nos fundamental perceber que, em torno do discurso do conhecimento estão envolvidos sujeitos sob o prisma da autoria. E essa é a nossa tentativa de “saber entrar nos discursos” de que fala Orlandi.

## 2.1 As condições de produção

Ao tomar a Wikipédia como objeto de estudo, faz-se necessário situá-la em sua realidade sócio- histórica e cronológica, seu contexto mais amplo, enquanto realidade em que circulam os discursos que a atravessam.

Das condições de produção em uma dada conjuntura emerge o processo de produção dos discursos, sendo que em um estado dominante das condições de produção a ele corresponde um processo de produção também dominante, ao qual se chega ao confrontar superfícies discursivas empíricas, isto é, “os pontos de recorte definidos pelos efeitos metafóricos permitirão assim extrair os domínios semânticos determinados pelo processo dominante, e as relações de dependência lógico-retórica implicadas entre esses domínios” (PÊCHEUX, 1997, p.104). Ou seja, as condições de produção vão determinar/indicar as relações de força estabelecidas entre os discursos, resgatáveis pelo dispositivo teórico-analítico. Na Wikipédia e nos discursos que a constituem, como em todo e qualquer discurso, há a força do espaço, do tempo e da realidade social incutidas na língua, do interdiscurso pelo trabalho da memória que se concretiza no intradiscurso, compondo seu fio.

Por isso "é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção" (PÊCHEUX, 1997, p.79). A AD convoca a exterioridade como constitutiva do discurso ao relacionar a linguagem às suas condições de produção. Essa relação ao “exterior” se configura como o modo de “evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido sócio-histórico que o constitui” (MALDIDIER, 2003, p.23).

As condições de produção compreendem, indiscutivelmente, os sujeitos (os protagonistas) e a situação, mas podem ser percebidas em dois aspectos distintos: um mais estrito e outro mais amplo (ORLANDI, 2005, p.30). Em sentido estrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação, é o contexto imediato no qual os dizeres são (ou foram) produzidos. Já em sentido amplo, as condições de produção abarcam o contexto sócio-histórico e ideológico em que os discursos são (ou foram) produzidos. Inclusive, é importante reforçar que “história não é cronologia, não é evolução, nem relação de causa-efeito, mas filiação, produção e mecanismos de distribuição de sentidos” (ORLANDI, 1998, p.09).

Além do contexto (imediato e amplo), a memória é outro elemento fundamental das condições de produção, uma vez que, como vimos, é ela que aciona os saberes discursivos que vão abastecer os discursos, tornando “possível todo dizer e que retorna[m] sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005, p.31).

Podemos então delinear as condições de produção da Wikipédia enquanto contexto estrito e amplo, juntamente com o trabalho da memória. Como contexto estrito e de

interlocução a percebemos como um site em língua portuguesa, localizável no ciberespaço através de um endereço fixo, sem restrições de acesso, cujas páginas comportam “informações” tomadas como relevantes sobre determinados temas. Em um contexto amplo, a percebemos como um construto lingüístico-imagético, fruto de uma era tecnológica e tecnologizante das coisas do mundo, escrita e lida por falantes de língua portuguesa de vários países, sob a égide do formato empregado de “enciclopédia”; além disso, sua criação data do início do século XXI nos Estados Unidos da América, sendo de lá difundida e adotada por todos os outros continentes. Já a sua permanência e continuidade são discutíveis.

## 2.2 As formações envolvidas: social, ideológica e discursiva

Em suas relações de produção, os indivíduos estabelecem as suas condições reais de existência. Ainda que existam partes do globo terrestre ainda preservadas (mesmo que sejam raras) desse modo específico de produção, a grande parte das sociedades contemporâneas estão, em diferentes escalas, atravessadas e formadas determinadamente pelo modo de produção de capitais, ou melhor, pelo capitalismo. Ou seja, as condições reais de existência do Ocidente, por exemplo, são, sem dúvida, regidas pelo funcionamento do capitalismo, mais especificamente, um capitalismo neo-liberalista de intervenções estatais, e ainda que bastante modificada, a luta de classes (classes cada vez mais pulverizadas) permanece sob novas roupagens e nuances. Tudo isto nos leva a crer que continua válida a afirmativa de que “as determinações econômicas determinam em última instância a reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1988, p.143), isto é, em uma dada conjuntura, numa formação social, há a possibilidade de transformação das relações de dominância entre as formações ideológicas. Esse jogo da luta de classes se faz visível na linguagem, uma vez que a história está na língua, pelo trabalho da ideologia. Então, vejamos como isto se dá.

Numa **formação social**, isto é, em um espaço social de relações de produção em dado momento histórico, as situações concretas (de ser e estar no mundo) se relacionam, sempre, com objetos ideológicos construídos em regiões da instância ideológica. A instância ideológica, em sua materialidade, “existe sob a forma de **formações ideológicas** que possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classes” (PÊCHEUX, 1988, p.146). Essas posições de classe existem sob a forma de ligação ao nível ideológico de objetos ideológicos a situações concretas (na Escola, na Família, etc.) sendo que “o próprio desmembramento em regiões (Deus, a Moral, a Lei, a Justiça, a Família, o Saber, etc.) e as relações de

desigualdade-subordinação entre essas regiões que constituem a cena da luta ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1988, p.146).

Assim, em uma determinada formação social, as situações concretas ligam-se à ideologia pelas **práticas sociais** exatamente na figura da interpelação ideológica quando o indivíduo, interpelado em sujeito de discursos, pode realizar e submeter-se às práticas sócio-discursivas. A ideologia<sup>21</sup>, entretanto, comporta regiões distintas, as formações ideológicas, isto é, espaços ideológicos que fornecem os objetos ideológicos distintos e o modo distinto de como se servir deles (PÊCHEUX, 1988, p.146).

A relação entre as regiões é desigual e estabelece “desníveis” quanto à força do objeto e do seu modo de apropriação, assim conforme a materialidade concreta e as relações de produção (ora reproduzidas, ora transformadas), sobressai uma região como a **dominante** entre as outras formações ideológicas de uma formação social.

Ao partir das relações e forças impostas e mantidas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado numa sociedade, Pêcheux mostra o quanto, uma vez havendo em uma formação a reprodução e transformação das condições de produção, há também a reprodução e transformação nas relações de dominância. Assim, o discurso materializa o jogo de forças pelo poder que existe no âmbito social e que se dá pelas práticas, ao mesmo tempo em que sustenta os embates ideológicos entre dominados, dominante, pelo trabalho sobre o sentido. Portanto, em nosso objeto de estudo, nos deparamos com esse jogo de forças para a reprodução ou transformação das relações de dominância, tanto na própria “configuração” de enciclopédia quanto nos artigos, jogo este trazido à tona pela análise discursiva.

Isto posto, ao tomarmos a Wikipédia e o seu processo de autoria, podemos perceber que as discursividades inscrevem-se numa específica região da instância ideológica, região esta já explicitada pelo próprio Pêcheux (PÊCHEUX, 1988, p.146) como vimos acima: lidamos com a **Formação Ideológica do Saber**. Essa região da instância ideológica corresponde no campo ideológico à atual **Formação Social** vigente, sendo que esta formação social deve ser compreendida como afetada, e também constituinte, da internet enquanto suporte de uma possível sociedade em rede, como afirma Castells (2003) e para quem a tendência dominante com relação às relações sociais é a ascensão do individualismo, já que na web há a difusão de ‘comunidades personalizadas’ que representam a ‘privatização da sociabilidade’.

---

<sup>21</sup> No capítulo seguinte detemo-nos sobre esta noção a partir do sujeito dada a sua condição de interpelado.

É a formação ideológica (ou **FI dominante** que oferece os objetos ideológicos para as práticas sociais que compõem e constroem a Wikipédia: desde a noção do que é conhecimento, passando pela noção de enciclopédia até chegar às noções de autor e de informação. Mas, obviamente, permanece a relação desigual desta FI com outras FIs que vão entrar no jogo de forças determinante dos sentidos das práticas sociais e discursivas na/da Wikipédia.

O sentido, enquanto uma evidência de transparência e literalidade para os sujeitos numa formação social emerge da relação entre a língua e as práticas sociais, ou melhor, a língua (materializando a ideologia) determina as práticas sociais.

É este “o caráter material do sentido” (PÊCHEUX, 1988, p.160), isto é, as palavras adquirem seu sentido “em referência às formações ideológicas nas quais as posições [sustentadas por aqueles que empregam as palavras] se inscrevem” (PÊCHEUX, 1988, p.160). Na instância ideológica são as **formações discursivas** que *determinam o que pode e deve ser dito*.

Especificamente, a noção de formação discursiva (ou FD), que é anterior à AD propriamente dita, exige que reflitamos mais detidamente sobre ela, uma vez que ela é imprescindível na análise da autoria da Wikipédia por constituírem-se os discursos e o próprio trabalho de autoria por muitos embates e jogos de poder entre FDs.

Orlandi define as formações discursivas como “diferentes regiões<sup>22</sup> que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (ORLANDI, 1993, p.20). E este é, sem dúvida, um aspecto fundamental na definição do que é uma FD. Orlandi aponta para a ambivalência da FD: sendo uma região, é nesse espaço que língua e ideologia se articulam, se interpenetram, unindo-se para a possibilidade do dizer. Assim, a FD recorta o dizível, permitindo que sujeito e sentido se determinem mutuamente.

Se por um lado, a instância ideológica se regionaliza, constituindo as formações ideológicas, por outro lado, essas mesmas formações ideológicas também se regionalizam, constituindo as formações discursivas. O caráter material do sentido está vinculado à região na qual ele emerge do interdiscurso, via memória discursiva. As regiões são os espaços ideológicos nos quais os objetos ideológicos são significados pelas práticas. Podemos então

---

<sup>22</sup> Althusser é quem primeiramente vai falar em **regiões** quando trata dos Aparelhos Ideológicos de Estado. Pêcheux então retoma “regiões” de Althusser para tratar de FI e Orlandi, por sua vez, retoma de Pêcheux para tratar de FD.

compreender que as supostas “áreas do conhecimento” pelas quais a Wikipédia se organiza (como pudemos observar na figura 4), entre elas “arte”, “biografias”, “ciências exatas, naturais e tecnologia”, “saúde” etc., são a materialização (no plano da língua) de regionalizações (no plano da ideologia). Isto é, a própria significação atribuída ao conhecimento humano distribuído por grandes áreas é o efeito na língua (das práticas que a significam) do trabalho de reprodução e transformação da instância ideológica sobre objetos ideológicos distintos. Tomemos um breve exemplo. Um objeto ideológico como o termo “corpo humano” vai significar e mobilizar práticas distintas, conforme o espaço regional ideológico que o recortar. Assim, temos na própria Wikipédia, “corpo humano” sendo significado diferentemente, pela “filosofia”, pela “medicina”, pela “dança”, pelo “esporte”, pela “religião”... ou seja, o objeto é significado conforme a região em que emerge enquanto objeto do discurso numa prática.

Em nosso objeto de estudo podemos reconhecer e delimitar as formações ideológicas que, pelas práticas sociais, constituem as práticas discursivas da Wikipédia. Chamamos a atenção para a FI do Saber, que é a dominante, mas que está em constante jogo de forças com outras regiões da instância ideológica, como por exemplo, podemos adiantar (como fruto das análises) a FI da Moral, a FI da Religião, a FI do Mercado... Além disso, após esta reflexão acerca da formação discursiva, podemos compreender como, na autoria/escrita dos verbetes da enciclopédia on-line, os sentidos são estabelecidos: pela identificação dos sujeitos com determinada formação discursiva.

Precisamos ainda delinear esse jogo estabelecido entre algumas formações discursivas, nas quais os sujeitos enunciadore se identificam com a forma-sujeito de uma FD específica e pelo efeito-sujeito configuram discursividades. Nessa identificação, o sujeito passa a ocupar uma determinada posição-sujeito, e é nela que os sentidos aparentemente se estabilizam, pelo trabalho da ideologia, no dizer. É preciso alcançar, pela análise, a visualização desse jogo na determinação do sentido. Assim, neste momento, selecionamos seqüências discursivas que nos dão pistas sobre os sentidos atribuídos à própria “wikipédia” das páginas que conveniamos chamar *institucionais*, que nada mais são do que páginas que orientam o leitor/internauta sobre o que seria a Wikipédia. Das páginas institucionais resgatamos as seqüências discursivas abaixo.

s.d. 7 – “Lembre-se que você está numa *enciclopédia*, o que significa que há muito (*sic*) coisa que ela não é. Os verbetes devem ser de leitura fácil e oferecer explicações claras, não servir de panfletos de propaganda.”

s.d.10 – “Por favor, lembre-se que a Wikipédia é apenas uma enciclopédia. Não exija mudanças no seu país, na sociedade e no mundo através da Wikipédia”.

Frente a estas s.d.s podemos perceber que em ambas há o alerta para a lembrança, uma ordem, uma determinação que designa o próprio objeto. É preciso lembrar que se está numa enciclopédia e lembrar que a Wikipédia é apenas uma enciclopédia, assim, haveria muita coisa que não se é, uma vez sendo enciclopédia, e que não se deve exigir mudanças no mundo numa enciclopédia. Ao exigir a lembrança (constante), está-se reforçando o fechamento do sentido sobre o que é uma enciclopédia, esforço que mostra a inscrição em uma formação discursiva cujo objeto ideológico é a enciclopédia, e cujas práticas ratificam os saberes de que enciclopédia é repositório do conhecimento humano de forma neutra e imparcial (como vimos no capítulo 1).

A negação então passa a ter um papel determinante nesse fechamento de sentido: ela traz ao nível da formulação, alguns não-ditos possíveis que deslocariam a noção de enciclopédia para outros sentidos possíveis, isto é, ao dizer que a enciclopédia **não serve de panfletos de propaganda** e que **não se exige mudanças no mundo** numa enciclopédia, se está apontando, através do implícito que emerge no intradiscorso, para o fato de que **serve de panfleto** e que se **pode exigir mudanças** através dela. Um elemento de saber emerge: de que enciclopédias não são espaços de manifestação político-social. Ou seja, a enciclopédia abarca todos os conhecimentos humanos, exceto os reivindicatórios... que poderiam ser percebidos, talvez, como subversivos ou partidários... é a ilusão de possibilidade da neutralidade da enciclopédia. Portanto, num site colaborativo, participativo, há a possibilidade (ou a certeza) de se fazer propaganda e reivindicações ao longo de suas páginas, mas que, nesta formação discursiva dominante que a significa, isto **não pode e nem deve ser dito**, exceto como proibição, estabelecendo um limite do sentido entre um site participativo e uma enciclopédia.

### 2.3 A heterogeneidade e a determinação dos sentidos

Numa breve retomada, podemos sintetizar que, sobre a mesma noção de formação discursiva usada por FOUCAULT (2007), Pêcheux a reconstrói, dando espaço e importância cruciais à ideologia e às condições de produção. Em seu texto de 1975, Pêcheux & Fuchs definem primeiramente formação ideológica como “um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma

formação social em dado momento” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p.166) para então pontuar que esses elementos (as formações ideológicas) “comportam necessariamente como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito a partir de um posição dada numa conjuntura” e acrescentam que “toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas. (PÊCHEUX & FUCHS, 1997,p.166-7). Essa mesma FD pode fornecer, segundo os autores, elementos para integrar outras FDs constituídas no interior de novas relações ideológicas (novas FI’s).

Pêcheux segue sua definição de formação discursiva e propõe que se perceba a constituição do sentido como sendo estabelecido dentro da FD, lugar de encontro da ideologia com a linguagem: “as palavras, expressões proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1988, p. 160). Na Wikipedia, temos sujeitos que representam na linguagem que a constituem, esse jogo de formações ideológicas correspondentes, como vimos na seção anterior.

Além disso, Pêcheux propõe como interdiscurso o “todo complexo dominante das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1988, p. 162) e esclarece que o interdiscurso determina os processos dentro de uma FD, uma vez que comporta tudo “o que fala antes, em outro lugar, independentemente”, e a FD apenas dissimula, na transparência/evidência de sentido, sua dependência desse todo complexo.

Pêcheux pontua que a ideologia fornece a “cada ‘sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas–aceitas experimentadas.” (PÊCHEUX, 1988, p.162). Assim, para dizer, o sujeito identifica-se com uma FD, que fornece a ele o sistema de evidências e de sentidos para que diga, dominando-o. E o que regula esse fornecimento, bem como as possibilidades de ditos dentro da FD, é a sua forma-sujeito.

Ao dizer, o sujeito se identifica com a forma-sujeito e diz o que pode e deve ser dito, num movimento que Pêcheux chama de *tomada de posição*. Ele distingue três modalidades de *tomada de posição* (PÊCHEUX, 1988, p.215). A primeira modalidade é do “bom sujeito”, aquele que se identifica, concorda plenamente com a forma-sujeito da FD sob “a forma do livremente consentido”, sofrendo cegamente as determinações da FD, nesta posição o sujeito reproduz fielmente os saberes da FD. A outra modalidade é a do “mau sujeito”, aquele que se distancia, que discorda da forma-sujeito da FD, duvidando, questionando, revoltando-se... Pêcheux diz que o sujeito nesta tomada de posição se *contra-identifica* com FD que o determina. Há ainda uma terceira modalidade, na qual o sujeito se desidentifica com a forma-



sujeito da FD. Sobre esta modalidade Pêcheux (PÊCHEUX, 1988, pág.217) vai dizer que ela constitui um trabalho de transformação, de deslocamento da forma-sujeito, o sujeito migra para outra FD. Assim, “o funcionamento dessa “terceira modalidade” constitui um *trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*” (PÊCHEUX, 1988, p.217). Isto implica que o sujeito não deixa de identificar-se com uma forma-sujeito, estando “isento” da determinação do sentido, mas sim, que ele, não estando mais identificado com uma FD, está já identificado com outra FD. Mas essa transformação e deslocamento só é possível pelo trabalho da forma-sujeito sob a contradição, a tal ponto que a simples recusa permita a negação completa de seus saberes. É o que INDURSKY (2008, p.15) sintetiza ao dizer que “desidentificar-se implica não mais estar identificado com uma determinada formação discursiva porque, de fato, este mesmo sujeito já identificou-se com uma outra formação discursiva”.

É a modalidade da desidentificação que oferece elementos para a desconstrução de uma visão como essa: há, um “certo espaço de liberdade, de manobra para o sujeito do discurso (...) uma certa margem de movimentação” (INDURSKY, 2008, p.15), mas sempre sob a determinação da ideologia. Pois quando o sujeito do discurso desidentifica-se com uma formação discursiva e passa a identificar-se com outra é porque “de forma inconsciente, ele já está identificado com outro domínio de saber” (INDURSKY, 2008, p.15). Indursky está evidenciando aqui na concretude dos processos discursivos, pelos movimentos de identificação e desidentificação nas tomadas de posição, o “laço constitutivo entre inconsciente e ideologia” (INDURSKY, 2008, p.15).

Observemos a seqüência:

s.d.11 – “qualquer **mau estudante** desejoso de mostrar que não é ignorante pode aparecer e **despejar lixo**; pois que seja bem vindo! Alguém disse ‘havendo olhos suficientes, todos os erros são óbvios’. Uma comunidade aberta a todos há de incluir muita **gente culta**, rapidamente um **estudante universitário, um professor, alguém mais erudito** vai **corrigir imprecisões** ou acrescentar algo... daqui até chegarmos a um ‘denominador maior’ vai um passo. E depois, os ‘denominadores menores’ fogem de abordar matérias que ignoram. Eis por que todos são bem-vindos.”

Há aqui uma associação direta entre: *mau estudante/ignorante/lixo* e entre *gente culta/estudante universitário/alguém erudito/corrigir*. Ou seja, a distinção que se estabelece é de que esse conhecimento com fins enciclopédicos não pode conter “erros”, erros este

produzidos por maus estudantes ignorantes. Assim, universitários e eruditos são aqueles que irão identificar esses erros e corrigi-los, tornando os textos “certos”. A noção de certo/errado vai ao encontro do reforço do que seria verdade. É esse esforço que mobiliza os sentidos para o que seria um universo aparentemente estabilizado da ciência verificável cujos resultados não indiscutíveis.

Nesta seqüência temos a inscrição da FD dominante, porém há posições-sujeito diferentes que se identificam com a forma-sujeito da FD, também de modos diferentes. A forma-sujeito determina o saber de **que todos são bem-vindos**, pois se trata de uma enciclopédia livre aberta a todos que desejam contribuir... mas há posições que se afastam de saber, problematizando-o. É o caso na seqüência, onde é bem vindo **aquele que for erudito e corrigir os erros**, e apesar de enunciar que um mau estudante é bem vindo, na verdade, apenas **gente culta** é realmente bem vinda. Essa posição-sujeito está em confronto com outra posição-sujeito mais plenamente identificada com a forma-sujeito da FD, que afirma que qualquer pessoa pode escrever. É uma clara diferença da posição-sujeito da qual esta outra s.d. emerge como formulação:

s.d.2 – “A Wikipédia é uma enciclopédia de conteúdo livre que qualquer um pode editar.”

Essas relações internas da FD, marcadas com posições muito ou pouco identificadas com sua forma-sujeito, são determinadas pelo interdiscurso, isto é, pelo “desarranjo-rearranjo do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram nesse complexo)” (PÊCHEUX, 1988, p.217).

A tomada de posição é altamente pertinente em nosso objeto de estudo, uma vez que, frente aos saberes mobilizados para a construção de um artigo da Wikipédia, os sujeitos vão se filiar a diferentes formações discursivas, criando conflitos, embates ou concordâncias entre eles. Como a escrita é colaborativa, isto é, todo e qualquer texto da enciclopédia pode ser escrito ou modificado pelos usuários, é o conjunto das proposições e outras movimentações textuais que eles desempenham que culmina em um verbete.

É nesse ponto da noção de FD que Courtine vai retomá-la, repensando-a não mais como algo tão compartimentado, onde o sujeito possui apenas duas posições dentro de uma mesma FD (uma vez que a terceira é quando ele já está em outra e “ainda não percebeu”). Courtine traz uma constatação importante para a discussão sobre formação discursiva, a de que “a contradição é o princípio constitutivo de toda FD” (COURTINE, 1982, p.245) e passa a considerá-la como

uma unidade dividida, uma heterogeneidade em relação a si mesma: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ele não consiste num limite traçado que separa, de uma vez por todas, o interior e o exterior do saber, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se desloca em função dos interesses da luta ideológica.

Em Courtine, fica claro que os limites de uma FD não são estanques ou explicitamente definidos, tampouco permanentes; mas só são traçados pela constante movimentação das FD's, conforme as determinações ideológicas. A porosidade da fronteira da FD permite que comporte em si elementos antagônicos, divergentes e também contraditórios.

Courtine também reflete sobre a posição-sujeito e o desdobramento da forma-sujeito, propondo que ao dizer, o sujeito se identifica<sup>23</sup> (do seu modo) com o sujeito do saber em cada formulação, configurando aí uma posição-sujeito, isto é, “uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma FD dada” (COURTINE, 2007, p.134). Se a cada formulação o sujeito pode se identificar (e se relacionar) de modos diferentes com o sujeito do saber da FD, é possível que haja diferentes posições-sujeito dentro de uma mesma FD, o que amplia muito mais as possibilidades apontadas por Pêcheux, quando este propunha duas tomadas de posição (a do bom e a do mau sujeito). Na Wikipédia, há uma posição-sujeito de maior identificação (como *bom sujeito*) e outras posições que se afastam, não raras vezes, da forma-sujeito da FD dominante.

Assim, Courtine (2007, p.134-5) sintetiza que essa relação sujeito enunciador/sujeito do saber

é uma relação de identificação, cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que ali estão ligados constitui o domínio de descrição da forma-sujeito.

A forma-sujeito de uma FD é constituída, segundo Courtine, pelas diferentes posições-sujeitos da mesma FD entre as quais há identificação. Além disso, o mesmo autor focaliza outra noção importante: a de efeito-sujeito. Este efeito-sujeito se dá pela determinação da FD e vai oferecer ao dizeres que vêm do interdiscurso um caráter de unicidade e costura, como se os discursos fossem inéditos e homogêneos<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Paul Henry vai discutir a identificação do sujeito enunciador com um locutor e ao mesmo tempo com um sujeito universal, num processo de desdobramento da forma-sujeito (ver PÊCHEUX, 1988, p.214).

<sup>24</sup> Ver esquecimentos 1 e 2 de Pêcheux.

Indursky retoma textos de Pêcheux e elabora a partir da noção de ritual com falhas sobre a qual o mesmo autor discorreu ao tratar dos deslizamentos do sentido – “apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas (...)” (PÊCHEUX, 1988, p.300) – e propõe que “a falha no ritual se dá no momento em que ocorre o encontro do sujeito do discurso com a linguagem e com a história” (INDURSKY, 2007, p.84), assim, conforme a autora, exatamente por não haver rituais sem falhas é que é possível que o sujeito se contra-identifique (quando o “mau sujeito” questiona os saberes da FD na qual se inscreve) com a forma-sujeito de uma FD, uma vez que esta é heterogênea, constituída pela contradição e de fronteiras instáveis.

Ainda sobre a contra-identificação, Indursky percebe que essa fragmentação da forma-sujeito instaura novas posições-sujeito dentro de uma mesma FD. É o que a autora define como um acontecimento enunciativo, em diferença ao acontecimento discursivo que instaura uma nova FD dentro de uma formação ideológica.

Frente a tudo isto, percebemos que, em Pêcheux, a formação discursiva é o ponto onde a ideologia se manifesta em linguagem, onde o sujeito se constitui como tal e onde o dito (vindo do interdiscurso) passa a ter sentido. Ainda que seja na FD que o sentido se estabeleça, o próprio autor pontua que “não há identificação plenamente bem sucedida” (PÊCHEUX, 2006, p.56), assim o sentido pode deslizar, tornando-se outro. Pêcheux ainda chama a atenção para a importância da alteridade na instância discursiva. Em Courtine, os saberes entram e saem da formação discursiva com “mais facilidade”, pois seus limites são instáveis e ela comporta em si a contradição. Em Indursky, a formação discursiva é marcada por uma forma-sujeito que se fragmenta em várias posições-sujeitos, resultado de acontecimentos enunciativos; essa fragmentação é possível exatamente porque a FD é contraditória, instável e heterogênea.

O **efeito-sujeito** é uma evidência atingida pelo trabalho espontâneo da forma-sujeito, pois é por ela que os traços do que determina o sujeito se re-inscrevem no seu discurso. Assim, ao nos depararmos com os artigos da Wikipédia, estamos frente a efeito-sujeitos que correspondem, enquanto processo, ao **Wikipedista**, mas que, em muitos casos, pode inclusive não formar-se como efeito, como um resquício de tentativa de dizer, mas não dito. Para chegarmos, então, ao efeito-sujeito, o “eu” que fala em algum momento e em algum lugar sobre algo, é preciso que o sujeito, em sua constituição, “esqueça” suas determinações para que consiga dizer algo (sob efeito de novo e de subjetivo), mas para tanto, precisa “abastecer” o seu dizer de sentidos configurados nas matrizes que compõem a formação discursiva que o

determina. Na formação discursiva, os saberes e os sentidos são “agenciados” pela sua forma-sujeito.

Ou seja, dentro das formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito, a forma-sujeito regula esse dizer. INDURSKY (2000, p.1) comenta que é a “forma-sujeito que regula o que pode e deve ser dito, o que não pode ser dito e também o que pode mas convém que não seja dito no âmbito de uma determinada formação discursiva”.

Da relação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da formação discursiva é que vão resultar posições-sujeito diferentes. Cabe-nos, portanto, vasculhar a linguagem pelo viés do sentido na Wikipédia para investigar essas posições. Já identificamos formações discursivas importantes, mas ainda não percorremos essa relação do sujeito com a forma-sujeito, na ocupação de uma posição-sujeito. Na Wikipédia (como em outros objetos discursivos), as discursivizações são processos nos quais os sujeitos duplamente afetados se colocam na posição de sujeitos do discurso e assim, identificam-se com esta ou aquela formação discursiva pelo viés da forma-sujeito respectiva, a qual vai “fornecer” os sentidos possíveis a partir dessa região da formação ideológica. O sujeito do discurso identifica-se com a forma-sujeito de uma formação discursiva (de modos mais ou menos plenos) passando a ocupar uma posição-sujeito dentro dessa formação discursiva (FD). Nesse movimento, ele formula seu dizer a partir dos saberes organizados e ofertados por essa forma-sujeito, aproximando-se ou distanciando-se dos sentidos estabilizados nesse universo discursivo da FD em questão. O jogo entre o disponível e o indisponível dentro de uma formação discursiva é o que a mantém organizada, ainda que heterogênea, pois os saberes (também em jogo) nas outras formações podem atingi-la, inclusive desestabilizando-a.

Na Wikipédia, portanto, deparamo-nos com um conjunto de enunciados produzidos por sujeitos enunciadore, que identificados com uma ou outra formação discursiva, dela obtém a evidência do sentido para aquilo que dizem, o que produz o **efeito-sujeito no discurso**, sob o efeito de ineditismo e homogeneidade. Pela desnaturalização do sentido, via recortes discursivos, podemos perceber, então, as tomadas de posição desses sujeitos e também o jogo de forças entre os saberes mobilizados. Lembrem-nos de que o universo discursivo compreende o discurso sobre o conhecimento (o que é, do que é composto, quem o profere, onde e como registrá-lo, apreendê-lo, etc.), logo, é este elemento interdiscursivo que subsiste o trabalho da forma-sujeito de cada FD.

Para destacarmos as FDs envolvidas, precisamos retomar a definição usual da Wikipédia, a **enciclopédia on-line**, e como ela se apresenta direta ou indiretamente nas seqüências discursivas abaixo (todos os grifos são nossos).

s.d.12 – “A intenção é criarmos **um recurso básico e sólido para todas as áreas do conhecimento**, não devemos transformá-lo numa grande anedota.”

s.d.13 – “A Wikipédia contém uma vasta quantidade de informações sobre os mais variados assuntos, **para não dizer todos**”

Destas seqüências discursivas, podemos verificar que aflora, novamente, uma necessidade de reforço e fechamento do termo. É assim que são associadas “todas as áreas do conhecimento”, “informações sobre os mais variados (leia-se *todos*) assuntos” e “explicações” ao conteúdo do que seria uma enciclopédia. Ou seja, o sentido emerge da constituição que lhe é atribuída: que enciclopédia está intimamente ligada a conhecimento. Isto é dado como evidente, óbvio, natural.

Mas vejamos a próxima:

s.d.14 – “A Wikipédia **não é** um repositório desordenado de informações (...). Existe consenso do que os artigos da Wikipédia não são, por exemplo: Listas de FAQ (...), Sumários de enredo (...), Letras de canções (...), Listas telefônicas (...), Repositórios de textos prontos tais como resenhas, monografias, teses, papeers, ensaios, listas de canções de CD ou **qualquer outro texto pré-fabricado e elaborado para outros fins não-enciclopédicos**, Repositório de propagandas, mais conhecidas como spams (...), Repositório de currículo (CV)”

Aqui há o trabalho da história na língua resgatando tudo o que não é enciclopédia, logo, tudo o que é outra coisa. Todas as negações da seqüência denunciam o deslocamento dos sentidos, sua fuga para tornar-se outro. Assim, o uso dos termos “texto pré-fabricado” e “fins não-enciclopédicos” vai fazer do sentido estabelecido uma evidência de que há um “tipo” específico de texto, e somente ele é um texto enciclopédico. Além disso, para esses determinados textos, existem fins enciclopédicos, ou seja, objetivos de ser enciclopédia.

Se a enciclopédia está ligada ao conhecimento e é feita de certos textos (e não outros), há ainda um fechamento maior quanto à natureza desses textos.

A partir dessas breves análises, podemos perceber que há uma construção maior enquanto matriz de sentido para o termo enciclopédia. Nesta matriz encontram-se dizeres que parafraseam ser a enciclopédia *algo neutro e que contém o conhecimento humano correto*,

*verdadeiro*. Ao percorrer os verbetes da enciclopédia, percebemos que esse dizer, sob a forma de um saber essencial, está em jogo com outros saberes... por isso podemos afirmar que há em nosso objeto discursivo a presença de uma **Formação Discursiva do Enciclopedismo** (FD do Enciclopedismo). Esta FD, a partir de sua forma-sujeito, vai determinar o que pode e o que não pode ser dito na Wikipédia, a cada artigo escrito ou editado. E vai determinar inclusive aquilo que não pode ser artigo, ou seja, aquilo que está fora desse universo de discursos. Esta FD exerce tamanha força sobre a determinação dos sentidos que algumas proposições chegam a ser inusitadas, como por exemplo:

s.d.15 – “Se estiver interessado em colocar uma figura, esclareça seu **contexto enciclopédico**”

Comumente fala-se em contexto econômico, social, político, cultural... mas, contexto enciclopédico? Seria o critério de validade de uma imagem? Ou então a pertinência da associação dentro da FD? O sujeito, plenamente identificado com a forma-sujeito desta FD chega a este ponto de evidência do sentido.

Mas esta não é a única Formação Discursiva que marca a Wikipédia. Observemos a matriz de sentido para *on-line*, determinador da enciclopédia, através das seguintes seqüências.

s.d.16 – “A Wikipédia é uma **enciclopédia on-line** e, como um meio para esse fim, é também uma **comunidade virtual** formada por pessoas interessadas na construção de uma enciclopédia de alta qualidade, num espírito de respeito mútuo.”

s.d.17 – “A **comunidade** é constituída por pessoas comuns que se interessam em participar e criar uma **enciclopédia de livre acesso** para a sociedade”

Nestas seqüências percebemos um sentido específico atribuído ao termo “comunidade”. Não se trata simplesmente de um grupo de pessoas de um local (sentido geográfico), ou de uma agremiação para fins artísticos (sentido cultural) nem uma *comuna* (sentido político)... mas sim de um grupo que usuários da internet. Ou seja, há uma matriz de sentido que ressignifica, ou melhor, passa a significar “comunidade” a partir do uso/vivência no/do espaço virtual. Logo, temos aqui uma outra FD que sustenta este sentido. Importante também é perceber que *comunidade / pessoas interessadas/ respeito mútuo* escapam à idéia de enciclopédia em si, como repositório do conhecimento. A presença desse elemento

socializante é completamente externo à FD do Enciclopedismo. Vejamos então estas outras seqüências:

s.d. 18 – “**Este sítio** permite utilizar **a ferramenta Wiki**, que permite a qualquer pessoa, inclusive a você, melhorar de imediato qualquer artigo”

s.d. 19 – “Qualquer um pode **editar qualquer página** da Wikipédia!”

s.d. 20 – “A Wikipédia não é um **fórum de discussões.**”

s.d. 21 – “A Wikipédia não é um **diretório de ligações externas**”

s.d. 22 – “A Wikipédia não tem **conteúdo reservado**”

Mais uma vez, temos aqui materiais lingüísticos que, passam a ter seu sentido sustentado por matrizes de sentido onde: sítio ou (site) não é um local, mas sim, uma “página”, um endereço virtual cujos nós se apresentam ocupando toda a tela do computador sob a forma de imagens/textos/sons e que são interligados por links permitindo a mudança de um para outro; já uma ferramenta, não é um objeto mas sim um programa de computador com o qual se faz/constrói/elabora páginas e efeitos nestas páginas de internet; editar significa modificar, alterar; fórum é uma prática de discussão assíncrona entre os usuários da internet em um endereço específico; diretório é um conjunto de links para páginas outras, hospedadas em outros servidores e que apresentam outros conteúdos; e por fim, que no caso da Wikipédia o acesso é possível a qualquer usuário, diferentemente de outras páginas onde só há acessibilidade para alguns, enquanto os outros são barrados pela necessidade de *login* (nome identificatório) e senhas.

Chamamos a atenção para esses sentidos estabelecidos aqui, por percebermos que, mesmo que os termos destacados sejam de ampla utilização e que tenham seus sentidos bastante estabilizados em diferentes formações discursivas, por serem produzidos na Wikipédia, eles apresentam, sem dúvida alguma, traços que os ligam a esses sentidos outros, mas que, exatamente por estarem referindo a enciclopédia na internet, eles tem matrizes de sentido próprias dali. Isto é, há uma força na qual a ideologia trabalha na linguagem e que sustenta esses e não outros sentidos, e que estes sentidos estão carregados de saberes em que a internet/o virtual os determinam como tais. Por esta razão, temos aqui o que chamamos de



**Formação Discursiva da Cibercultura** (FD da Cibercultura). É esta FD que, pela memória discursiva, resgata elementos do interdiscurso e elementos já estabilizados em outras FDs e, pela porosidade e heterogeneidade própria de qualquer formação discursiva, e os torna novamente plenos de sentido a partir de sua forma-sujeito que os organiza.

Há na Wikipédia o domínio da Formação Ideológica do Saber. Esta FI do Saber possui duas grandes posições na instância ideológica: do Enciclopedismo e a da Cibercultura; e deste jogo de forças entre as duas é que os discursos são produzidos e os sentidos estabilizados provisoriamente. Sob o elemento “conhecimento” e seus desdobramentos (saberes envolvidos) há sempre a negociação dos sentidos a partir das duas formações: uma forçando os saberes referentes ao que é conhecimento humano, como deve ser o texto, a necessidade de aparente neutralidade... já a outra forçando os saberes referentes ao que é uma página, uma comunidade de usuários, a acessibilidade... ambas marcadas pela heterogeneidade. Assim, deste jogo de forças entre as duas FDs a Wikipédia é produzida.

A FD do Enciclopedismo é a presença do velho, do conhecido, do tradicional nas discursividades, enquanto a FD da Cibercultura é a presença do novo, do moderno, da atualidade. O que procuraremos perceber nos capítulos seguintes é como os sujeitos se identificam com essas FDs e como os efeitos de sentido afloram (a partir de quais FDs), além de investigar como outras FDs se fazem presentes. Tudo isto pela tomada de posição dos sujeitos.

Os discursos da/na Wikipédia vão apresentar, muitas vezes, o jogo entre as duas FDs, tanto para trazer o caráter virtual à enciclopédia, quanto para levar a enciclopédia para o espaço virtual. Chegamos então a seqüências que, como mostra COURTINE (1981) são enunciados divididos onde as duas FDs distintas são organizadas pelo sujeito:

s.d.23 – “Não escreva em **internetês** e evite gírias. A Wikipédia é **uma enciclopédia** escrita em português vernacular e culto, portanto não utilize vícios de linguagem da Internet”

Esta seqüência apresenta um sentido estabilizado na FD da Cibercultura que retoma a linguagem utilizada na internet pelos usuários: o internetês, ao mesmo tempo em que outro sentido é dado como evidente: ser enciclopédia. Há um funcionamento que determina **não escreva X, escreva Y**, onde x é o internetês, tomado como vícios de linguagem da Internet e onde e pertence a FD da Cibercultura; enquanto y é o português vernacular, tomado como culto e pertencente a FD do Enciclopedismo. Existe, portanto, uma necessidade de resgate de uma FD, afastando um de seus elementos para a ratificação de outra, porém, o que é de uma

FD, é trazido em função de outra, um jogo de forças marca o **escreva Y**, pelo domínio da FD do Enciclopedismo. O que instaura essa contradição é também o que a sustenta como região, como mostra PÊCHEUX (1981, p.7) quando afirma que são pelas condições concretas de existência das contradições que se produz a história. Notemos agora a seguinte seqüência:

s.d. 24 – “A Wikipédia **não é uma enciclopédia impressa**: não há um limite de tamanho; pode (e deve) incluir ligações entre os artigos; seu conteúdo é dinâmico e atualizado continuamente por muitos usuários”

Há uma negação nesta seqüência que resgata uma série de saberes pertencentes à FD do Enciclopedismo e que reforçam o que seria a enciclopédia “tradicional”, isto é, cujos sentidos já saturados são evidentes naquela FD: ter limite, ser impressa, não ter ligação entre os artigos, o conteúdo ser estanque e inalterável. Tudo isto para que, ao abordar a Wikipédia, os elementos da FD da Cibercultura sejam trazidos para estabelecer um contraponto, pois na internet não haveria: limites de armazenamento, tudo está interligado, conectado, os conteúdos são móveis, alteráveis e ampliáveis... o hipertexto.

Dada a heterogeneidade das formações discursivas e também das próprias posições-sujeito é que os sentidos se desfazem e se refazem sob a força da contradição. Daí encontrarmos em um mesmo verbete da Wikipédia, o contraditório habitando a mesma rede de significações, dentro de uma mesma formação discursiva. Ou ainda, sobressaindo o confronto entre posições-sujeito distintas, pela diferença quanto às construções que se fazem a respeito do que pode ou não pode ser dito de determinados lugares.

### 3 O PAPEL DO SUJEITO NA ENCICLOPÉDIA ON-LINE

No capítulo anterior constatamos o jogo de forças entre duas FDs (a FD do Enciclopedismo e a FD da Cibercultura), cujos conflitos ou alianças determinam os discursos na Wikipédia. Há, porém, a discursivização do sujeito na Wikipédia, no que diz respeito aos usuários/internautas que a escrevem e a lêem: o Wikipedista.

#### 3.1. As formações imaginárias na Wikipédia

Percebamos como esse jogo entre FDs se faz presente inclusive na menção a aquele que se coloca na posição de autor/editor da Wikipédia como vemos em:

s.d.25 – “**Wikipedistas** possuem suas próprias páginas de usuário, mas que devem apresentar somente **informações relevantes para trabalhar numa enciclopédia.**”

Há uma relação complexa entre a imagem daquele que elabora uma enciclopédia, ou seja, o enciclopedista e a imagem do usuário do site Wikipédia. Como resultado deste choque entre duas FDs, emerge um novo termo, como uma imagem representativa desse usuário específico. Nesse sentido, cabe até mesmo determo-nos numa outra formação bastante interessante levantada por Pêcheux e que, entretanto, é abandonada em seus textos posteriores: a de formações imaginárias.

Quando Pêcheux define a noção de discurso como “efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997a, p.82) ele toma A e B (destinador e destinatário) do esquema jackobsoniano e os pensa como elementos, e não organismos físicos presentes. Para ele, esses elementos designam, então, **lugares** determinados na estrutura de uma formação social. Esses elementos (sujeitos), portanto, ocupam na formação social determinados lugares e não outros, ou seja, os **lugares sociais** são o espaço das práticas sociais que, pela interpelação ideológica, vão constituir as práticas discursivas.

Esses lugares estão **representados**, porém transformados, nos processos discursivos: **como imagens**. Assim, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de **formações imaginárias** que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997a, p.82).

Essas imagens ao representar de modo transformado, no plano do discurso, lugares estabelecidos em uma dada formação social, seguem regras nas quais há o estabelecimento de “relações entre as **situações** (objetivamente definíveis) e as **posições** (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 1997a, p.82). Portanto, na passagem do plano objetivo (concreto) para o plano discursivo (lingüístico-histórico) o que se tem é uma relação inextinguível das práticas sociais materiais e todo o jogo de forças das relações de produção (condições materiais de existência) com as práticas discursivas, nas quais essas forças vão atuar no plano lingüístico pela colagem do sentido no trabalho da ideologia. Não há, então, distinção entre “realidade” e “linguagem”, ou melhor, a realidade define a linguagem e a linguagem define a realidade, sempre pela/na Ideologia.

Podemos visualizar o trabalho de formações imaginárias distintas, definindo, delimitando, direcionando (e porque não) moldando o funcionamento discursivo dos artigos que constituem o “corpo” da Wikipédia, isto é, as páginas do site.

De um lado, tem-se a **imagem do enciclopedista**: aquele que escreve enciclopédias. Logo, as formações imaginárias em torno desse lugar social/posição discursiva vão formular, no discurso, os sentidos de quem escreve, como escreve, o que escreve numa enciclopédia, e mais do que isso, o que é uma enciclopédia, para que serve, o que pode haver e o que não pode haver nela, etc.

Por outro lado, tem-se a **imagem do internauta**: aquele que navega pela rede mundial de computadores. Logo, as formações imaginárias vão formular, por sua vez no discurso, os sentidos de quem utiliza a internet, como a usa, para que fins a usa, e mais do que um senso utilitarista, quem se é quando se está on-line, o que e como se escreve e se lê quando se está no espaço da virtualidade, etc.

A partir dessas duas imagens bastante diferentes entre si, é que as formulações vão ser construídas no espaço do artigo, por sujeitos do discurso que, buscando atender a essas duas imagens simultaneamente, passam a uma idealização que culmina na figura de uma terceira imagem: a **imagem do wikipedista**. É o **wikipedista**, a correspondência, no plano da designação, de uma construção imaginária da figura do internauta como aquele que se vale de todos os recursos da web, que tem liberdade para expressar-se e trocar com outros internautas e que é um enciclopedista dentro do universo virtual. Essa designação reforça e entrelaça a íntima e conflituosa relação entre a FD do Enciclopedismo e a FD da Cibercultura.

Se a língua é determinada pela história e as condições de produção em uma formação social são determinantes do sentido, é preciso perceber como a realidade intervém nas modalidades discursivas do funcionamento subjetivo, pois, do contrário, não haveria relação

entre discurso e sociedade. Como vimos, as formações discursivas correspondem no campo do discurso ao jogo de forças e poder estabelecido numa formação social através das relações de poder entre os sujeitos. Sujeitos porque a ideologia é “o processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1988, 217). Os sujeitos se relacionam pelas práticas sociais, mas devido ao papel da linguagem, não há como delimitar o que seriam “práticas puramente lingüístico-discursivas”, logo, cremos poder definir a realidade como conjunto de práticas sócio-discursivas, já que não há sociedade sem linguagem, nem linguagem sem sociedade.

Como então, as práticas interferem na tomada de posição? Ou ainda, como as posições-sujeito dentro de uma formação discursiva correspondem no discurso às relações na história? Para tanto, além da noção de lugar social, também a de lugar discursivo é fundamental. Se na formação social há lugares sociais a partir dos quais são realizadas as práticas sócio-discursivas, na formação discursiva há lugares discursivos a partir dos quais são realizadas as tomadas de posição e a ocupação das posições-sujeito.

Isto se aproxima da distinção proposta por GRIGOLETTO (2008, p.58) quando a autora afirma que a formação social “compreende o espaço empírico que, por sua vez abriga as diferentes formações ideológicas, as quais interagem com as relações de poder (...) determinando o lugar social que o sujeito ocupa na sociedade”, havendo, portanto, um espaço da prática social. Já a formação discursiva “compreende o espaço discursivo que, por sua vez, abriga o lugar discursivo que se relaciona tanto com a forma-sujeito quanto com as diferentes posições-sujeitos” (GRIGOLETTO, 2008, p.58), sendo, portanto, espaço de prática discursiva. Longe de ser esta uma mera distinção entre realidade (social) e linguagem (discurso), Grigoletto está apontando para um intrincamento constitutivo e determinante na tomada de posição já que “o lugar social é feito da prática discursiva ao mesmo tempo em que o lugar discursivo é efeito/está determinado pela prática social” (GRIGOLETTO, 2008, p.58).

Neste ponto parece-nos crucial retomar Pêcheux (AAD-69) quando ele diz que os lugares determinados na estrutura de uma formação social estão representados nos processos discursivos, e que esta representação se dá como transformação não-objetiva. E mais ainda, de que há regras de projeção em qualquer formação social que estabelecem as relações entre as situações e as posições e que o **lugar** é designado **nos processos discursivos** pelas formações imaginárias. Logo, podemos deferir que o lugar social corresponde no discurso à imagem ou lugar discursivo, sendo que esta correspondência não é biunívoca tampouco objetiva. Mas sim, que a imagem é um construto no campo do discurso das relações na formação social pelas práticas.

Então, o sujeito do discurso ao ocupar uma posição-sujeito se relaciona com a forma-sujeito via lugar discursivo, via imagem, ou seja, há lugares discursivos que operam “o trabalho na e sobre a forma-sujeito (os deslocamentos, as identificações, as contra-identificações)” (GRIGOLETTO, 2008, p.65).

Como já dissemos, no caso da Wikipédia, temos isto muito claro: há duas imagens já conhecidas: a imagem do enciclopedista e a imagem do internauta. Fazendo um deslocamento e compreendendo-as como lugares discursivos, poderemos perceber como cada uma vai viabilizar a tomada de posição dos sujeitos dentro da formação discursiva. Além disso, um lugar discursivo não é “propriedade” da formação discursiva, mas sim, uma representação que a habita.

Como podemos concluir, o lugar discursivo do Wikipedista distingue-se do lugar discursivo do internauta por editar a “enciclopédia on-line”, agregando e organizando o “conhecimento humano” que ela comporta; mas se distingue também do lugar discursivo do enciclopedista por não se tratar de uma enciclopédia em papel, com edições delimitadas e textos “prontos”, nem ser um especialista. Mas fica a questão: quem é o sujeito que ocupa esse lugar discursivo nomeado “wikipedista”? Ou melhor, quem são esses sujeitos envolvidos? Como eles afetam e são afetados pela linguagem? Os sujeitos a analisar aqui estão direta e essencialmente ligados aos sentidos estabelecidos na enciclopédia virtual, pois é pela história na língua que resgatamos as relações histórico-ideológicas que determinam a formulação e a circulação dos saberes na Wikipédia. Tratemos, então, das noções de sujeito e sentido.

### **3.2 O sujeito na perspectiva discursiva**

Iniciando pela noção sujeito, cabe pontuar que a AD vê o sujeito de uma forma que lhe é própria e sob a qual “falar do sujeito afeta e implica, necessariamente, as concepções de inconsciente, linguagem e ideologia” (LEANDRO FERREIRA, 2007, p.101-2).

Resgatemos, então, o percurso desta noção a partir do quadro epistemológico da AD, pois, ao definir este quadro, PÊCHEUX E FUCHS (1997, p.163) convocam três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso e esclarecem que “estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p.164).

Nesta primeira menção efetiva à psicanálise, ao explicitar uma noção de sujeito de natureza psicanalítica, Pêcheux e Fuchs estão trazendo ao campo da AD os estudos de

Jacques Lacan, quando este pensa o inconsciente (Freud) em sua relação com a linguagem (Saussure). Pêcheux conhecia as proposições de Lacan acerca do sujeito e, enquanto aluno de Althusser, dispôs-se aproximar o trabalho com o inconsciente do primeiro com o trabalho da ideologia do segundo. Pêcheux buscava “abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais” (HENRY, 1997, p.14) e para tanto, apoiou-se sobre “o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Althusser o havia renovado (...), a psicanálise tal como a formulou Lacan, bem como certos aspectos do (...) estruturalismo” (HENRY, 1997, p.14). É dessa congruência de formulações que emerge o sujeito da AD, constituído como tal na imbricação da ideologia, da linguagem e do inconsciente.

Na Wikipédia o que está em jogo é o conhecimento humano e como ele pode ser “registrado”, “armazenado”, “editado” por qualquer internauta; este trabalho de discursivização dos saberes pelos sujeitos convoca uma abordagem profundamente reflexiva acerca dos embates ideológicos e das falhas dos sujeitos sob/sobre/em a língua que “materializa” essa enciclopédia. Portanto, a noção de sujeito na perspectiva discursiva mostra-se altamente pertinente para que percebamos que sujeitos são os “wikipedistas”, isto é, como eles se constroem como tais e se marcam pela linguagem ao longo das páginas da enciclopédia.

Começemos por Althusser, por ser nele que Pêcheux vai buscar, na primeira e segunda fase da AD, o papel da ideologia. Quando Althusser relê Marx e propõe não uma teoria das ideologias em geral, mas sim, uma teoria da ideologia em geral, ele diz que sua proposição de “que a ideologia não tem história pode e deve (...) ser diretamente relacionada com a proposição freudiana de que o inconsciente é eterno, isto é, não tem história” (ALTHUSSER, 1996, p.125). Temos aqui, a aproximação entre inconsciente e ideologia teoricamente necessária “pois há um vínculo orgânico entre as duas proposições” (ALTHUSSER, 1996, p.125). Ao formular uma teoria da ideologia em geral, Althusser percorre duas teses até chegar a sua tese central.

A primeira tese é a de que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1996, p.126), isto é, o que é representado na ideologia é a relação imaginária dos indivíduos com a realidade em que vivem. Isto põe em foco a percepção deste autor de que imaginário para ele é o que “não corresponde à realidade”, mas que “se refere à realidade”, sendo então a “ideologia= ilusão/alusão” (idem). Os indivíduos mantêm, portanto, relações imaginárias com o mundo pelas representações na ideologia. A segunda tese é a de que “a ideologia tem uma existência

material” (ALTHUSSER, 1996, p.128), ou seja, a ideologia sempre vai existir nas práticas (de um aparelho), ainda que sob diferentes modalidades de materialidades. Este percurso permite a formulação de Althusser de que “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; não existe ideologia exceto pelo sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 1996, p.131). Este sujeito é tomado como uma categoria com funcionamento. Assim, para Althusser “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1996, p.131). Os indivíduos concretos se constituem sujeitos na ideologia, pois é a ideologia que permite a “evidência básica” da categoria sujeito: todos são “sempre já sujeitos” porque ela “invoca ou interpela os indivíduos como sujeitos concretos” (ALTHUSSER, 1996, p.133), essa invocação é o reconhecimento de todo sujeito como sujeito, o que leva à proposição de que “os indivíduos são sempre já sujeitos” mesmo antes de nascer.

Na Wikipédia nos deparamos com os artigos produzidos por sujeitos que escrevem, editam, lêem, enfim, que se reconhecem como sujeito e se colocam no lugar discursivo de wikipedista... é nesse sentido que a ideologia é importante em nossa análise, por se referir à realidade, numa relação imaginária com as condições reais de existência, é ela que subsiste a todas as práticas sob a modalidade verbal e imagética que compõe a materialidade da enciclopédia. Inclusive é a ideologia que reveste “aquilo” fornecendo elementos para que seja denominado “enciclopédia”. Logo, Althusser pode contribuir em muito para nossa análise, uma vez que ele pontua essa questão sob a figura da interpelação do sujeito.

Assim, Althusser, para ilustrar sua tese, traz o exemplo da ideologia religiosa cristã, na qual o indivíduo é chamado pelo nome pela “ideologia” para lhe dizer que Deus existe e que ele deve responder a Ele. Nesse movimento de interpelação, a ideologia religiosa transforma o indivíduo em sujeito e este responde se reconhecendo como sujeito. Para o autor, todo esse processo de estabelecimento de sujeitos religiosos só é possível porque há “um Outro Sujeito Absoluto, Único” cuja existência é pressuposta na interpelação e ao qual os sujeitos se sujeitam, se submetem. Para Althusser, portanto, a estrutura da ideologia é “especular”, uma vez que

O Sujeito Absoluto ocupa o lugar singular do Centro e interpela ao seu redor a infinidade de indivíduos a se tornarem sujeitos, numa dupla relação especular, de tal ordem que sujeita os sujeitos ao Sujeito, ao mesmo tempo em que lhes dá, no Sujeito em que cada sujeito pode contemplar sua própria imagem, a garantia de que isso realmente concerne a eles e a Ele (ALTHUSSER, 1996, p.137).



Ou seja, nessa relação com o Outro Sujeito, os sujeitos se reconhecem entre si e a si próprios, na interpelação pela ideologia, em seu mecanismo de funcionamento através da categoria sujeito.

Após essa breve visita às proposições althusserianas, podemos compreender que, em Althusser, a ideologia tem uma existência material e é nela que os indivíduos se relacionam com as representações imaginárias de suas condições de existência, além disso, é a ideologia que invoca esses indivíduos em sujeitos concretos, numa relação espelhada (dupla) com o Sujeito (da ideologia). Importante notar que uma visão empírica de indivíduo é descartada já em Althusser, quando ele propõe a noção de sujeito concreto. O sujeito concreto seria o nível mais “material” (no sentido físico mesmo) de que é possível falar, já que nunca temos apenas indivíduo, mas sim, indivíduos que falam, que são discursivizados. Ou seja, o sujeito concreto é o sempre já sujeito, pois, só há sujeito quando há interpelação ideológica, já que “o sujeito é chamado à existência (...) daí não se dizer: *o sujeito é interpelado pela Ideologia*” (PÊCHEUX, 1988, p.154).

Passemos agora, a outra região do conhecimento, também importante nesse percurso de reflexão sobre o sujeito: a psicanálise. Mais especificamente, os estudos lacanianos sobre o sujeito. É a psicanálise que chama a atenção para a existência/importância do inconsciente e do quanto ele emerge na linguagem, pelas falhas da consciência.

Para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem e o processo de constituição do sujeito está vinculado a três registros – imaginário, simbólico e real. A psicanálise lacaniana mostra como as formações inconscientes interferem no discurso do sujeito, descentrando-se da evidência da consciência, nos pontos onde esta falha: sintomas, lapsos e sonhos.(MORALES, 2008, p.35)

O processo de constituição do sujeito para Lacan é o processo de constituição do “eu”. Ao retornar a Freud e procurar investigar o narcisismo, Lacan propõe essa constituição do sujeito começando na fase do espelho (LACAN, 1996). Cukiert & Prizskulnik (2002, p.144) comentam que “baseado na idéia de que o eu se constrói primeiramente a partir do outro, em especial a partir da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante, Lacan marca o desconhecimento e a alienação como constitutivos do eu”. Isto porque a fase do espelho é momento psíquico em que a criança se identifica com a imagem do outro e da percepção de sua própria imagem num espelho, tomando consciência de seu próprio corpo (de si mesmo) ainda que nem tenha controle sobre ele. O fato de “reconhecer no espelho sua própria imagem é decisivo na constituição do sujeito” (MORALES, 2008, p.37), pois é essa primeira identificação que vai desencadear as outras identificações do sujeito. Esse ver-se no espelho,

de um modo duplo que se reduz ao corpo e a imagem do indivíduo, é o que leva Lacan a pensar essa identificação como imaginária, pois “o indivíduo se identifica com uma cópia de si mesmo, com uma imagem que não é ele mesmo, mas que lhe permite reconhecer-se. Ao fazê-lo, preenche um vazio entre (...) o corpo e a imagem” (MORALES, 2008, p.37).

Enquanto em Althusser o sujeito se relaciona com as condições reais de existência pela imagem, na figura da interpelação, em Lacan essa relação do sujeito se dá de forma imaginária com uma imagem de si, determinando seu “eu”, porém, em ambos a linguagem é o elo fundamental (ideologia/linguagem e inconsciente/linguagem). Logo, em Lacan temos um sujeito que se vê sujeito, mas sem história, idealizado, já em Althusser temos um sujeito em relação com a ideologia que funciona pelo assujeitamento. Essa aproximação entre os dois aspectos relevantes à noção de sujeito é que sempre exigiu esforços teórico-analíticos, uma vez, que “é a falta de uma ligação entre ideologia e inconsciente que atualmente *dá trabalho* à pesquisa em Psicanálise”, como critica Pêcheux (1988, p.181, nota 9). A AD então vai propôr pelo viés da língua, nos efeitos de sentido nela materializados.

Mas voltemos ainda mais um ponto a Lacan. Nele, “como paradigma do Imaginário, o estádio do espelho se refere à forma como a imagem do corpo próprio, a partir do outro, tem um papel fundamental na formação do eu” (CUKIERT & PRISZKULNIK, 2002, p.144) sendo traços dessa ordem do Imaginário a indistinção, a identificação narcisista, a alienação (MORALES, 2008, p.37), uma vez que na busca por uma unidade (imaginária) de “eu”, o bebê se depara com uma distorção elementar quando “essa imagem primeira jamais pode constituir um reflexo fiel: ela informa uma unidade subjetivamente inexistente. Já aparece distorcida, no mínimo em função da inversão do campo visual” (SALES, 2005, p.04). Além disso, ao mesmo tempo em que o sujeito submete-se à imagem com que se defronta, ele também se submete ao desejo da mãe, o outro falante que o faz ser seu objeto desejante. Ainda que não dominando a linguagem, o bebê é afetado pela linguagem da mãe, pelos significantes maternos. A essa “língua da mãe” Lacan chamou alíngua e é ela que “lançará o sujeito a uma repetição. Esta irá preenchendo as formas vazias da estrutura da linguagem, do simbólico” (MORALES, 2008, p.42).

Para Lacan, nessa relação mãe-bebê há uma falta que pré-existe, um objeto imaginário que a preenche que sob o espaço do registro Imaginário (MORALES, 2008, p.37). Como essa mãe é sujeita à linguagem, ela interpreta o bebê, e este passa a ser uma demanda, em unidade, do desejo do outro. Somente após essa primeira etapa de constituição de um “eu especular” segue-se a constituição de um “eu social”, isto é, de objeto do desejo da mãe, agrega-se a demanda do desejo social.

Seguindo sua formulação da constituição da subjetividade, Lacan vai propor que assim que o bebê encontra, na sua identificação com o pai, o “suporte da lei” que o faz renunciar a ser objeto de desejo materno, a falta é preenchida numa “castração simbólica” e o bebê corta sua relação com a mãe, subjetivando-se, na distinção. Nessa identificação com um terceiro, o pai, é que o sujeito entra no registro Simbólico, no mundo da palavra. É aqui que a noção estruturalista da linguagem é fundamental, pois o sujeito é significante (numa primado sobre o significado, segundo Lacan) em relação com outros significantes. Ao entrar no simbólico, o sujeito responde não só à demanda do outro, até então a mãe, mas também ao Outro que não lhe é semelhante e mantém com este Outro operações de alienação e separação. Sendo que “o campo do Outro confunde-se com o campo da linguagem, lugar da cadeia significante (...) quando um significante representa o sujeito, este tem que desaparecer quando aquilo que deseja se presentifica” (MORALES, 2008, p.39). Esse desaparecimento do sujeito se dá porque sendo objeto do desejo (desde antes de sua existência, como objeto desejante da mãe) ao deparar-se com um objeto do desejo, o sujeito retorna ao movimento de alienação, marco do registro Imaginário, pois o sentido do sujeito está no Outro, sua unidade está lá. Assim, ele precisa afastar-se para não se perder nessa cadeia e deixar de significar, isto é, ser significante.

Como a busca por uma unidade do eu é imaginária e a entrada no simbólico se dá pela palavra e como demanda social, é na linguagem que o sujeito vai se marcar. É essa perspectiva de sujeito que permite compreender como há a busca pela linearidade e a conseqüente “surpresa/repulsa” pela não-linearidade, uma vez que está na constituição do eu a certeza imaginária de unidade. Além disso, a demanda do desejo social impõe ao sujeito uma necessidade de se colocar no mundo, pela linguagem, marcando-se, posicionando-se, como uma espécie de grito de “estou aqui”...

Daí a formulação dos artigos da enciclopédia por sujeitos que buscam uma unidade e que se marcam como únicos, separados, alienados, **significantes**. Esses sujeitos, buscam na linguagem uma completude, uma unidade que os caracterize e que dê ao seu dizer o efeito de todo também significante.

É aí que surge o *objeto a*, pois o “sujeito está assujeitado aos significantes do seu inconsciente, estruturado sob as leis da linguagem (...) é o intervalo entre dois significantes mas nenhum basta para representá-lo. Desta impossibilidade, resta o objeto a, causa do objeto” (MORALES, 2008, p.40). Esse objeto é perdido antes de existir, o que o faz do sujeito um sujeito em falta, a falta do ser. A busca desse objeto perdido é o que Lacan chama de desejo. Como nunca será encontrado, essa busca, o desejo, nunca cessa. O sujeito só tem

acesso a si mesmo pelo Simbólico, pela linguagem, o que o mantém em falta. Essa busca está na própria Wikipédia, como vimos antes, como um desejo de totalidade, ainda que irreal, de abarcamento de todos os conhecimentos humanos existentes, mas que sempre escapa ao sujeito.

Em Lacan, portanto, a constituição do sujeito se dá a partir da sua realidade psíquica. Primeiramente num momento de separação do todo pelo reconhecimento no espelho de sua imagem e pela relação com o outro, que o deseja e interpreta. O sujeito é falado, interpretado pelo outro. Sua percepção de individualidade se concretiza no rompimento do conjunto eu/outro e pela inscrição na linguagem. Esta é a entrada no simbólico. O sujeito é um significante, numa cadeia com outros significantes. Resta dessa fase pré-simbólica, uma falta, uma busca pelo objeto de desejo perdido que nunca existiu e que a linguagem também não dá conta: é o real, o impossível, que se lhe apresenta como um resto inacessível.

Imagem, linguagem e impossibilidade são, sob a ótica lacaniana, os fundamentos da constituição do sujeito. Um sujeito psicanalítico, dotado de inconsciente, desejante e definido pela sua relação com o Outro.

Já sob a ótica althusseriana, ideologia, materialidade e interpelação são os fundamentos da constituição do sujeito. Um sujeito ideológico, invocado por representações das suas condições de existências e definido pela sua relação com o Sujeito da ideologia.

Esses sujeitos não são “indivíduos, pessoas, organismos”, mas, valendo-se da expressão de Althusser, são sujeitos concretos, cujo processo de constituição se dá de certo modo regular e universal.

Como pensar, então, esses processos (psíquico e ideológico) conjuntamente? É o que Pêcheux e seu grupo fazem, quando aproximam a linguagem da ideologia, propondo a noção do discurso, sendo que é a noção de sujeito em sua relação com a linguagem e com a ideologia que permite essa aproximação. A Análise do Discurso vai então apropriar-se da noção de sujeito e reformulá-la.

As noções de Althusser e Lacan são explicitamente retomadas e articuladas por Pêcheux, como se pode ver na passagem em que ele cita a tese de Althusser na qual o indivíduo é interpelado em sujeito para livremente submeter-se às ordens do Sujeito e diz:

Se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com um S maiúsculo – sujeito absoluto e universal –, é precisamente o que J.Lacan designa como o Outro (Autre, com A maiúsculo), e, de, outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção. (PÊCHEUX, 1988, p.133-4)

Assim, Pêcheux mobiliza a noção de sujeito, presente nos dois autores, e aponta para um modo novo e diferenciado de percebê-la, pois fica, então, a necessidade de debruçar-se sobre o processo da linguagem (Significante) na interpelação ideológica e na identificação do sujeito como tal. Essa teoria não-subjetiva da subjetividade é que vai “fundar, em seu princípio, a teoria (materialista) dos processos discursivos” (PÊCHEUX, 1988, p.134). Inconsciente e ideologia, são, portanto, elementos da subjetividade, cada um a seu modo, distintamente mobilizados, mas que, juntos vão permitir pensar o sujeito, enquanto um significante numa cadeia de significantes, conforme Lacan, afetado pela linguagem na sua constituição e invocado pela ideologia enquanto representação de relações imaginárias das condições reais de existência. Pêcheux sintetiza o caráter comum às “estruturas-funcionamentos”, chamadas Inconsciente e Ideologia, o “dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas” (PÊCHEUX, 1988, p.153).

Essa noção de sujeito faz desvanecer a certeza de um sujeito como centro, origem, pois “um deslocamento conceitual se produziu ao se teorizar o sujeito em sua sujeição à esfera do econômico e à série de significantes que o constitui, o aliena e o divide.” (MARIANI, 2009), isto é, um sujeito autofundante, ciente de si e senhor de suas vontades e palavras é redimensionado e problematizado a partir desse deslocamento que traz à tona o papel da sociedade, do mercado e da linguagem na constituição do sujeito.

Na figura da interpelação, se junta à constituição do sujeito a constituição do sentido, uma vez que é nela que “se pode captar que se fala do sujeito, que se fala ao sujeito, antes de que o sujeito possa dizer ‘Eu falo’” (PÊCHEUX, 1988, p.154) além de ser nela que “o sujeito é chamado à existência” (PÊCHEUX, 1988, p.154), como na s.d. abaixo onde o “eu” (nós) em relação com o “você” marca a evidência do sujeito em sua relação com o outro e com o Outro.

s.d.26 – “Uma das coisas mais importantes que deve saber é que, para mantermos o nosso objetivo, **nós** necessitamos seguir algumas normas que **lhes pedimos** humildemente para respeitar.”

Ou seja, a ideologia (na interpelação) e o inconsciente (na identificação) determinam o processo do significante (ser sujeito) e também determinam o sentido, pois é pelo viés do sentido que se percebe esse jogo de forças entre os discursos do Outro e as lutas ideológicas em que emergem os sujeitos. Na Wikipédia, buscamos identificar essa constituição do sentido, tomado como evidente devido ao trabalho da ideologia e do inconsciente. Os sujeitos analisados emergem dessa congruência entre os discursos outros no intervalo entre os significantes do inconsciente e também da invocação da ideologia que representa as relações com as condições reais de existência. Há a evidência de ser sujeito e de dizer o que se diz. Por isto que “se é sujeito pela submissão à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Portanto não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua” (Orlandi, 2009, n.109)

Essa evidência de ser sujeito é designada como a evidência elementar. Ela é possibilitada pelo pré-construído, isto é, “uma discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1988, p.156), é esse efeito de já pensado, o pré-construído, que funciona como “a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é sempre-já-sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p.156). A essa discrepância está associada a noção de funcionamento da contradição, sendo que esta é constitutiva na evidência do sujeito e do sentido. Os sujeitos da Wikipédia estão sob esse funcionamento, assim como a presença do pré-construído permeia e sustenta os dizeres, pois lhes dão a força da evidência do sentido que é dito por um sujeito “que diz”, consciente de suas palavras e pensamentos. Nesse efeito do sujeito como causa de si mesmo, Pêcheux preocupa-se em salientar que a noção de Lacan em que o significante é aquilo que representa o sujeito para um outro significante, não leva a uma supervalorização das palavras, mas sim, reforça a importância de investigar “de que modo todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (do que eles querem e do que se quer lhes dizer, enquanto ‘sujeitos-falantes’)” (PÊCHEUX, 1988, p.157).

A ideologia invoca (ou recruta) o indivíduo em sujeito. A linguagem o constitui como sujeito através do discurso do Outro e do desejo do outro. Numa evidência elementar, se é sempre-já-sujeito: falado, esperado, desejado. Assim, cada sujeito responde a essa invocação,

pois é objeto de desejo do Outro e está em relação material de existência com esse Outro, pela linguagem, mas sempre como um efeito de evidência.

Para a psicanálise, pelo registro Imaginário, o sujeito se identifica como eu está fundido imaginariamente numa completude (de desejo e de a língua), mas com a presença de um terceiro elemento, a função paterna, há o fim dessa completude imaginária e o bebê inscreve-se noutro registro, o Simbólico, o mundo da linguagem, mas que sempre será acompanhado, enquanto sujeito, da falta, do impossível de ser simbolizado, que é o Real.

A AD vai apropriar-se desses registros aproximando-os da teoria das formações sociais. Assim, para a AD, “o discursivo é a ligação entre a ordem do imaginário – do ideológico, e a ordem simbólica – a ordem das palavras” (MORALES, 2008, p.43) sendo que o que determina essa ligação é exatamente a “relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários”. O imaginário e o simbólico sustentam o real, o que resiste à simbolização. Desta forma, a AD relaciona o real ao inconsciente e à história, propondo um real da língua relacionado com a ordem da língua “ordem significante marcada pela falha” (MORALES, 2008, p.44) e um real da história relacionado com a ordem da história “lugar do equívoco, que impede o sucesso total das identificações e obriga o sujeito a tomar uma posição, a interpretar” (MORALES, 2008, p.44). Leandro Ferreira vai acrescentar a esse registro em AD, o real do sujeito. Assim, nessas acepções de real “estão presentes o traço da incompletude e da não sistematicidade (...) levando em conta ‘as faltas’ e as ‘as falhas’ da estrutura; e ao trabalho da ideologia, com seu ritual de assujeitamento, também não isento de falhas”. (LEANDRO FERREIRA, 2007, p.107). Para a mesma autora, o lugar do sujeito estaria no centro do nó borromeano que entrelaça as noções de linguagem, ideologia e psicanálise, como podemos ver na figura que segue:

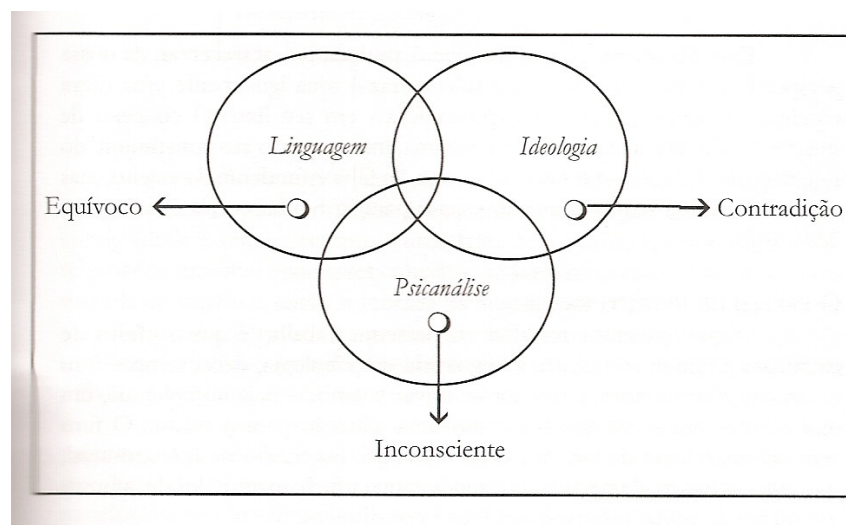


Figura 5 – lugar do sujeito (LEANDRO FERREIRA, 2007, p.103)

O sujeito, portanto, é constituído na relação da linguagem com ideologia, ou ainda, na relação língua/história; ele, quando invocado pela ideologia a ser sujeito do seu dizer, se submete às determinações da história e da língua, assujeitando-se. Ainda que as representações se simbolizem, sempre há uma incompletude, uma falta essencial, e é essa falta constitutiva que permite o deslizamento, a não-identificação plena entre significantes (sujeito/sentido), e assim, a língua falha revelando pelo equívoco a contradição na história (como nos mostra Pêcheux 2006). A realidade material, ou melhor, as condições reais de existência, em suas contradições, que interferem e determinam a língua, correspondem à linguagem na dimensão psíquica do sujeito de uma formação social. É o que esclarece Leandro Ferreira ao pensar a morada do sujeito como a morada da linguagem: “o lugar do assujeitamento, representado pela ideologia, e o lugar do desejo, representado pelo inconsciente, se encontram e se constituem na linguagem” (LEANDRO FERREIRA, 2007, p.105).

Como é a linguagem que constitui e compõe a Wikipédia sustentando-a como tal, e é a linguagem esta correspondente na dimensão psíquica do sujeito das suas condições reais de existência pelo trabalho da ideologia, podemos concluir que os sujeitos envolvidos com a configuração de uma enciclopédia virtual, então, são da ordem dessa relação da linguagem com a ideologia.

A noção de sujeito, apropriada pela Análise do Discurso, ainda implica na dupla afetação (pessoal e social) do sujeito, como fala Indursky: “o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer” (INDURSKY, 2008, p.11). São os dois esquecimentos de que falam PÊCHEUX & FUCHS (1997, 176-7): o esquecimento número 1, inconsciente, da ordem da constituição, o qual sua zona “é inacessível ao sujeito (...) aparece como constitutivo da subjetividade na língua”, isto é, o sujeito esquece que é interpelado pela ideologia ao dizer; e o esquecimento número 2, pré-consciente ou consciente, da ordem da formulação, num “efeito de ocultação parcial e de identificar aí a fonte da impressão de realidade do pensamento para o sujeito (“eu sei o que eu digo”, “eu sei do que falo”)”. Enquanto o primeiro esquecimento é inacessível ao sujeito, o segundo lhe permite retornar aos seus dizeres, antecipar outros... e assim, ele tem a ilusão de subjetividade e as formas de realizar, na linguagem, essa subjetivação.



### 3.3 O sujeito na/da Wikipédia: o wikipedista

O funcionamento discursivo da Wikipédia repousa e se configura de modo crucial na questão dos sujeitos envolvidos em sua “construção” e pelo modo com que “constroem-na”. Então, a partir dessa compreensão de como as relações entre linguagem, inconsciente e ideologia vão permear os dizeres de cada “falante”, poderemos investigar: quem é o sujeito na/da Wikipédia? Para tanto, mergulharemos nas discursivizações que compõe a materialidade da enciclopédia on-line, e resgataremos as seqüências discursivas que permitem, pela análise discursiva, a problematização do sujeito em questão.

A Wikipédia em sua apresentação antecipa e estabelece o que é a edição e quem pode editar de seus artigos. Assim, temos um primeiro sujeito enunciador “anônimo”, que emerge enquanto efeito-sujeito da própria enciclopédia on-line que instaura e depois “esclarece” o leitor/usuário sobre o que é a Wikipédia, como navegar por ela e como editá-la.

Observemos a seqüência:

s.d.27 – “Bem-vindo(a) à Wikipédia, uma enciclopédia escrita **em colaboração pelos seus leitores**. Este site utiliza a ferramenta Wiki, que permite a **qualquer pessoa, inclusive a você**, melhorar de imediato qualquer artigo clicando em editar no menu superior de cada página”

Há, aqui, dois processos discursivos distintos: um, de explicação, outro de definição. Os sentidos estão envoltos na explicação de como a enciclopédia é feita, em *colaboração pelos seus leitores*. Esse enunciado remonta ao sentido estabilizado de “escrita colaborativa”: um único texto escrito por vários usuários. Esse sentido nasce em “resposta”, ou melhor, está em oposição a outro sentido estabilizado em diferentes FDs da Formação Ideológica do Saber, o sentido de que *um* texto possui *um* escritor. Existe então, um esforço discursivo de construção, pelas práticas, de algo que se oponha a essa singularidade do sujeito que escreve. Logo, um texto não “precisa” mais ser escrito por uma única pessoa, mas sim, pode ser escrito por um conjunto de pessoas, na figura da comunidade. Porém, mais forte do que esse sentido, está o outro de há escritores que são especialistas, como no caso da enciclopédia. Então, o que está em jogo é a definição de que qualquer um pode escrever na Wikipédia, não necessariamente especialista.

Esses saberes, por sua vez, são muito característicos nos discursos da FD da Cibercultura, já que a própria internet emerge como algo em que pessoas do mundo todo podem acessar e trocar informações entre si. É a partir desse saber que o processo discursivo

de definição de quem são os leitores que colaboram (escrevendo a enciclopédia) se constitui: eles são *qualquer pessoa, inclusive você*. Vemos então o efeito de sentido de uma liberdade total, também característica recorrente na FD: toda e qualquer pessoa pode editar um artigo. Mas, além disso, há uma ênfase a essa liberdade através do caráter interventivo: *inclusive você*, “você que está lendo neste momento, você tem liberdade total para escrever aqui”... em oposição a um *nós* oculto, “nós que escrevemos a Wikipédia, nós que a editamos, nós que estamos lhe explicando tudo isto”etc.

Essa seqüência nos permite remontar ao não-dito de que as outras enciclopédias (historicizadas) tradicionais não são escritas pelos seus leitores. Um não-dito que remonta ao saberes presentes na FD do Enciclopedismo e que instaura, então, um conflito entre ambas: numa somente especialistas, noutra qualquer pessoa. Ou seja, há também aqui, uma relação, pelo efeito-sujeito, com a forma-sujeito da FD da Cibercultura que resgata, por negação subjacente (não-dito) o saber “escrita de uma enciclopédia”. Assim, mais do que afirmar que “todos os leitores” podem editá-la, passa-se a uma instrução explícita de como fazê-lo, também característica na FD da Cibercultura, onde o cunho da novidade se perfaz pelos tutoriais e manuais de usuário para que os indivíduos se apropriem desse universo:

s.d. 28 – “Qualquer pessoa pode editar qualquer página da Wikipédia! **Clique** no separador editar no topo da página que **quer melhorar**. (...) A edição é livre, mas com a liberdade vem a responsabilidade, por isso **lhe pedimos** que use este recurso de maneira **responsável**.”

A instrução de como escrever vem acompanhada da valoração desse gesto: só se deve editar para *melhorar* o que está lá... ou seja, na seqüência anterior esse aspecto já estava marcado, mas ele se repete, sendo ratificado aqui. Os artigos precisam ser *melhorados* para que se aborde/se registre de forma adequada o conhecimento humano, isto é, pelo sentido da melhoria, o saber que sustenta o que é uma enciclopédia é reforçado e a memória discursiva o aciona como tal.

Neste ponto percebemos que o discurso de liberdade total sofre uma restrição: é necessária *responsabilidade* na escrita. Ou seja, essa liberdade não é total. Mais uma vez, a distinção entre *você* leitor e *nós* editores se faz marcada quando estes *pedem* ao leitor que use o “recurso” da edição com responsabilidade, implicando, portanto, que todo aquele que edita deve ser responsável. O gesto de pedir e a noção de responsabilidade são muito importantes aqui, uma vez que pedir aponta para a relação entre aqueles que regulam e administram os verbetes, numa espécie de controle da wiki, e aquele que contribui para a construção,

escrevendo, discutindo; já a responsabilidade aponta não só para essa relação social entre os wikipedistas, mas também para o fato de que nem tudo pode ou deve ser dito no mundo da enciclopédia.

Mas não basta ser responsável... outro aspecto da escrita colaborativa e dessa *liberdade total* preconizada diz respeito à identificação daqueles que editam um artigo. Ao longo de todo o site, há trechos que informam o leitor de que ele não precisa se identificar, podendo permanecer no anonimato... Observemos:

s.d. 29 – “Não é necessário registrar-se (*sic*), **porém** há vantagens para si e para a comunidade ao fazê-lo, entre elas:

- O seu nome constará da lista de wikipedistas (editores da Wikipédia) e terá uma página de utilizador;
- A comunidade poderá conhecê-lo, facilitando também a tarefa dos usuários, administradores ou não, que verificam constantemente se estão ocorrendo atos de vandalismo;
- As suas contribuições poderão ser vistas nas páginas de estatísticas. Você pode entrar para a lista de maiores contribuidores! :)
- Estando registrado há pelo menos 45 dias e tendo mais de de 100 contribuições válidas no domínio principal, terá direito a voto nas questões em discussão que exijam decisões da comunidade.”

Apesar de relativamente longa, esta seqüência nos parece muito significativa para a investigação desse sujeito na/da Wikipédia. O registro (a identificação) não é obrigatória e isto fica explícito no início da seqüência, mas o uso do conector *porém* não só contrasta mas também relativiza essa não-obrigatoriedade, enfatizando que há *vantagens* nesse registro. Deparamo-nos com o veredicto de que o nome daquele que se registra *constará na lista de Wikipedistas* sendo que “wikipedista” é aquele que edita a Wikipédia. Logo, emerge o efeito de que somente quem se identifica é que é wikipedista. Mais do que isto: somente sendo um wikipedista (leia-se identificado) é que se é conhecido pela comunidade e se é valorizado como contribuidor, só assim podendo participar das *decisões da comunidade*.

Existem, portanto, no mínimo, dois **sujeitos na Wikipédia** (que poderíamos considerar predominantes), neste espaço discursivo virtual: o **sujeito leitor**, aquele que simplesmente navega e consulta as páginas do site mas que não “interfere” nos artigos da enciclopédia; e o **sujeito editor**, sendo que este segundo apresenta-se como coletividade, *nós*, a comunidade de editores, é aquele não apenas lê e navega pelas páginas através do links, mas que também “interfere” nos artigos, editando-os.

Neste segundo sujeito na Wikipédia, teremos, entretanto, padrões de “interferência” de diferentes graus, marcados por práticas de edição (que adiante discutiremos como gestos, por constituírem interpretação) bastante distintas entre si. Há wikipedistas que buscam informações e eventualmente contribuem, há aqueles que contribuem regularmente e que passam a ter “privilégios” como o direito a voto ou à sinalização de problemas com o artigo (uso de *tags*), há aqueles que não somente editam, votam, mas que também podem gerenciar os artigos, excluindo-os ou bloqueando suas edições (são os administradores)... enfim, na figura do wikipedista encerra-se um forte jogo hierárquico marcado pelo domínio e pelo poder de atuação na enciclopédia.

É também na figura do wikipedista, que tomamos como lugar discursivo, que podemos constatar a existência de um sujeito discursivamente idealizado: um **sujeito da Wikipédia**: o sujeito wikipedista, aquele que edita e que se identifica, participando ativamente da escrita dos artigos (contribuições válidas).

Esta distinção fica muito clara também na página de “boas vindas”<sup>25</sup> através da interlocução que se trava entre o sujeito (wikipedista) e o leitor/usuário sob o tópico **comunidade Wikipédia**:

s.d.30 – “Enquanto lê este texto, **peçoas comuns como você e nós constroem laboriosamente** este projeto. Inclusivamente neste momento pode estar alguém a alterar esta mesma página. Não precisa estar registado (*sic*) para contribuir, mas é claro que **temos** todos o maior prazer em conhecer quem colabora connosco (*sic*).”

Aqui, chamamos a atenção para o uso dos pronomes empregados. Há uma diferenciação muito acentuada entre você (usuário comum, leitor comum, ou seja, um sujeito na Wikipédia) e nós (aqueles que realmente fazem a Wikipédia), na qual percebemos que o uso da segunda pessoa do singular reforça o isolamento, a solitude de quem simplesmente navega pela web, enquanto que o uso da primeira pessoa do plural marca a socialização, a existência de uma comunidade de convívio e mútuo e unidade, comunidade esta que aguarda e recebe afetuosamente aqueles que desejarem integrá-la, mas que exclui “você” de “alguém”. Essa integração do indivíduo isolado numa comunidade que o recebe se dá, na materialidade discursiva, pela conjunção **como** na definição que une e iguala ambos: **peçoas comuns** como você e nós constroem.

<sup>25</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Boas-vindas>

Essa distinção crucial, evidenciada pelo trabalho de análise, subsidia outra “orientação” dada aos leitores. Para tanto, retomemos ainda a página de boas vindas:

s.d.26 – “Uma das coisas mais importantes que deve saber é que, para mantermos o nosso objetivo, **nós** necessitamos **seguir** algumas **normas** que **lhe pedimos** humildemente para respeitar.”

Novamente, a segregação entre você (que deve saber, a quem pedimos respeito) e nós (que temos o objeto, que determinamos as normas) é marcada fortemente no fio do discurso. Além disso, entre os wikipedistas há normas a serem seguidas e que, para aqueles que desejam ingressar nesta comunidade mediante a inclusão como editor, devem ser respeitadas... Os sentidos emanam de um discurso autoritário, no qual se evidenciam as regras e “educadamente” se as impõe. Essas regras estão sob o título de “normas de conduta”. Essas normas vão construir, discursivamente, a imagem do wikipedista, imagem esta construída sobre um efeito de apagamento da existência de práticas de edição distintas e de modos diferentes pelos quais os sujeitos se relacionam com a enciclopédia. O wikipedista, sujeito da Wikipédia, é a imagem sobre a qual a forma-sujeito da FD da Cibercultura e a forma-sujeito da FD do Enciclopedismo trabalham mobilizando saberes, um trabalho que se faz na tomada de posição dos sujeitos, um trabalho que coloca o tempo todo zonas de confronto ou aliança com outras formações discursivas.

Essas normas compõem cinco itens explicitados no site, sendo que não há hierarquização ou valoração de um ou uns em detrimento dos outros. Para uma investigação concisa, porém, consistente, procuramos sistematizar as normas a partir das s.d.s que seguem.

s.d.31 – “Tentamos não discutir; este não é um fórum de discussão. Todos tentam, e sempre conseguem, chegar a um consenso sobre o que deve estar escrito nos verbetes. Mas procuramos não alongar as discussões.”

s.d. 32 – “Tentamos fazer com que os verbetes tenham a maior imparcialidade possível, o que faz com que mesmo os artigos sobre temas controversos não sejam concebidos como plataforma para qualquer pregação.(...)”

s.d.33 – “Caso se sinta constrangido por alterar o trabalho de outrem e pretender dar a sua opinião, questionar ou tecer comentários sobre um artigo, use a página de discussão do artigo, tendo em conta o que é dito acima.”

s.d. 34 – “O humor nos artigos é aceitável e pode tornar este projecto mais divertido e mais aprazível. Mas tenha bom senso. A intenção é criarmos um recurso básico e sólido para todas as áreas do conhecimento; não devemos transformá-lo numa grande anedota.”

s.d. 35 – “Nada de linguagem de baixo calão ou preconceito de qualquer tipo.”

Em um primeiro momento de análise das normas de conduta, podemos atentar para a construção de quatro das cinco normas: a sua sustentabilidade sobre a negação. Na s.d. 31 se tenta **não** discutir, **não** alongar as discussões, na s.d.32 os verbetes devem ter maior **imparcialidade**, já s.d.34 se deve **não** transformar em anedota e na s.d.35 **nada** de linguagem de baixo calão. Esse uso recorrente da negação traz no fio do discurso, um funcionamento de resgate de não-ditos que apontam para o escape dos sentidos oriundos de outras posições-sujeito ou formações discursivas. A negação articula a explicitação do que é aceito ou praticado tanto na própria enciclopédia quanto em outro lugar mas que vai de encontro às práticas que ratificariam a imagem do Wikipedista.

A partir dos sentidos determinados nas normas de conduta, conseguimos perceber que o Wikipedista “deve” ser imparcial, ter uma linguagem polida e buscar sempre o consenso; além disso, ele “não deve” discutir, faltar com a seriedade, usar a página de discussão para interferir no trabalho de outro wikipedista. Esta é a discursivização da imagem do Wikipedista, isto é, das representações no discurso de uma série de práticas.

As formas-sujeito de cada FD em questão que vão trabalhar sobre a linguagem a partir dessa imagem construída de ser sujeito, assim, na tomada de posição, a forma-sujeito que determina e com a qual o sujeito se relaciona, mantém uma relação de “aproximação” ou “adequação” a essa imagem. Por exemplo, é a forma-sujeito de uma FD que vai regular os sentidos na tomada de posição de um sujeito para que ele tenha a evidência de imparcialidade no seu dizer.

Podemos afirmar, então, que o sujeito da Wikipédia corresponde ao lugar discursivo do Wikipedista. Ou seja, há um sujeito (afetado pela história e interpelado pela ideologia) que, pela linguagem, se inscreve em redes de sentidos que compõe a enciclopédia online enquanto materialidade. Essa materialidade é regulada por conjuntos de práticas discursivas

que condizem e são reguladas por um lugar discursivo de sujeito, o wikipedista. Essas práticas se relacionam com os aspectos do dizer desse sujeito (imparcialidade, neutralidade, objetividade), bem como com a condição desse dizer (liberdade, responsabilidade) e com os saberes mobilizados nesse dizer (o conhecimento). Porém, sabemos que a escrita da enciclopédia é realizada por sujeitos que se propõem a “encaixar” neste lugar discursivo, e no papel de editores, produzem efeitos de sentido na elaboração de artigos sobre “conhecimento humano”. Quais são esses efeitos? Como se dá esse “encaixe” ao papel de editor? Para investigar esses aspectos, precisamos reter o olhar nas discursivizações dos sujeitos.

Nas “normas de conduta”, há uma contradição quanto ao fato de que wikipedista não deva discutir (s.d.31) e que deva discutir na página de discussão (s.d.33). Parece-nos que nesta brecha, entre poder e não poder, haja pistas para investigarmos os sujeitos na Wikipédia. Logo, percorremos as páginas de discussão de alguns verbetes para melhor perceber esse funcionamento. Cabe esclarecer que a página de discussão é um espaço destinado em cada verbete para que se discuta o “conteúdo” do artigo e que está separada (formando uma outra página distinta) da página do artigo em si. Como podemos visualizar nas imagens abaixo que trazem o exemplo do artigo “AIDS”.

Artigo: AIDS

The screenshot shows the Wikipedia article for 'Síndrome da imunodeficiência adquirida' (AIDS). The page includes a navigation sidebar on the left with sections like 'navegação', 'colaboração', and 'ferramentas'. The main content area features the article title, a warning box about missing references, and the beginning of the article text. On the right, there is a sidebar with a red ribbon symbol and external links. The browser's address bar and search engine (Google) are visible at the top.

Imagem: página “AIDS” -

[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome\\_da\\_imunodefici%C3%Aancia\\_adquirida](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_da_imunodefici%C3%Aancia_adquirida)

Discussão:

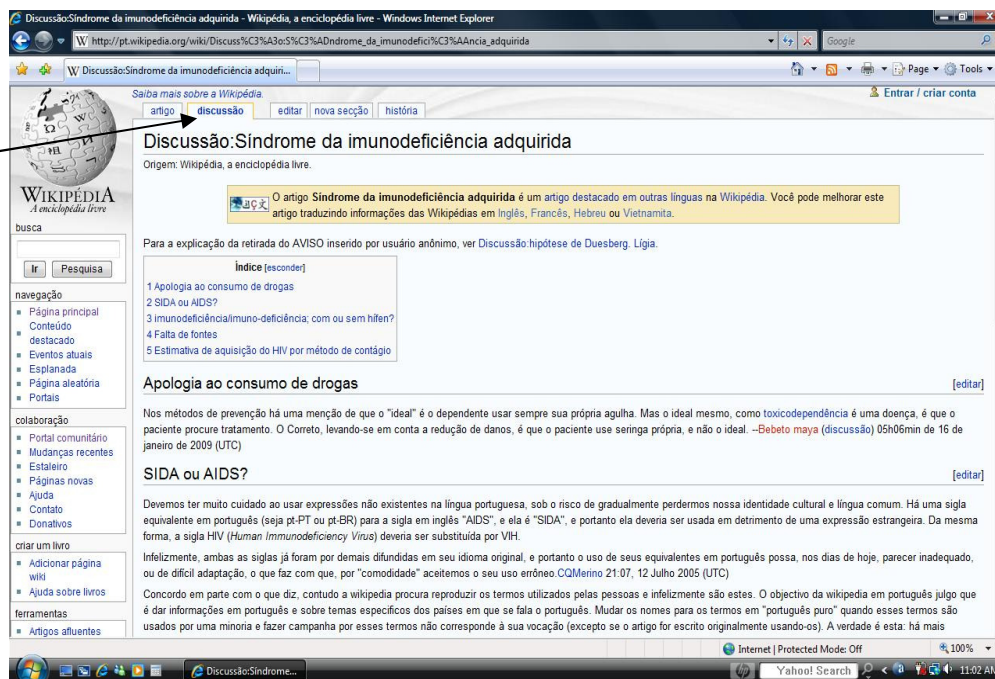


Imagem: página de discussão -

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:S%C3%ADndrome\\_da\\_imunodefici%C3%Aancia\\_adquirida](http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:S%C3%ADndrome_da_imunodefici%C3%Aancia_adquirida)

Essa separação virtu-espacial nos leva a perceber um primeiro movimento: de afastamento e segregação entre o autor e o artigo, ou melhor, entre o wikipedista e o conhecimento enciclopédico... Como podemos perceber claramente pelas páginas reproduzidas em seguida, há a separação espacial e nodal entre o “conteúdo” e o “autor”, assim, a página do artigo passa a ter um efeito de “imparcial” como se não possuísse vínculo algum com os editores, num esforço discursivo de apagar a evidência do sujeito no dizer. Além disso, a página de discussão passa a ser o único espaço no qual os membros da comunidade vão, de fato, interagir entre si, no que então seria a escrita colaborativa que configura toda a enciclopédia.

Porém, há artigos que a página de discussão está em “branco”, isto é, não houve “discussão” entre os editores. Ou seja, as práticas se deram de modo completamente isolado e individualizado. Inclusive, no artigo que selecionamos para investigar mais detidamente a autoria sob a prática da edição (artigo Globalização), é exatamente isto que ocorre: a página de discussão está em branco, enquanto que as alterações (edições) ocorreram centenas de vezes. Isto nos parece extremamente significativo, pois se não há o que discutir “oficialmente” no espaço adequado, assim mesmo as mudanças ocorrem.

Pontuada esta distinção existente na Wikipédia, podemos agora mergulhar nas formulações dos sujeitos na Wikipédia, neste espaço que lhes cabe para “discutir”. Como



forma de entrada nas formulações desses sujeitos e como modo de melhor responder à questão “quem são esses sujeitos”, selecionamos seqüências nas quais há uma abordagem/definição dos próprios sujeitos envolvidos sobre a sua escrita na enciclopédia, exatamente porque esses trechos contêm vestígios de algo que constitui cada prática, mas que pode ainda não ser tão evidente aos sujeitos, gerando, portanto, a discussão. Ao tematizar o conteúdo de cada artigo, num esforço de fechamento dos sentidos, há o trabalho do sujeito sobre os sentidos e sobre o que seria o conhecimento.

Entre as centenas de discussões analisadas, tivemos a oportunidade de constatar que há uma série de recorrências entre elas, motivando a maior parte das intervenções nas páginas a que correspondem. Ou seja, há certas motivações que são determinantes para que o wikipedista tome a palavra e registre sua opinião/questionamento/dúvida. Destas, selecionamos a questão da **imparcialidade** e a questão da **fonte da informação**. Ambas as questões estão dispostas no site da enciclopédia como pertencentes às **políticas oficiais** da Wikipédia lusófona, sendo que a primeira diz respeito a um dos cinco pilares (ou princípios fundadores da enciclopédia) que explicita “a Wikipédia rege-se pela imparcialidade; o que implica que nenhum artigo deve defender um determinado ponto de vista”<sup>26</sup>; já a segunda diz respeito a uma diretriz de conteúdo da enciclopédia, a verificabilidade, onde “material verificável, neste contexto, significa que qualquer leitor deverá poder aferir que tal material foi já publicado por uma fonte fiável”<sup>27</sup>. Essas duas questões, relacionadas às “políticas oficiais da Wikipédia”, são extremamente relevantes por constituírem mecanismos reguladores dos dizeres dos sujeitos. A partir desses dois “parâmetros” idealizados, os sujeitos vão se relacionar com os saberes regulados pela forma-sujeito da formação discursiva em que se inscrevem, regulando (ou tentando regular) seus dizeres, num esforço de adequação dos sentidos para que cheguem à evidência da imparcialidade e da verificabilidade.

Vejamos como isto se dá nas práticas dos sujeitos na Wikipédia. É importante frisar que na análise que segue, estaremos trabalhando com diferentes postagens de diferentes wikipedistas em páginas de discussão de diferentes artigos. Essa fragmentação se deve exatamente pelo fato de que esse jogo sobre a imagem do Wikipedista na relação entre os sujeitos com a forma-sujeito se dá de modo também fragmentado, disperso, nas redes de discussão travadas e que muitas giram em torno de outros pontos (também passíveis de análise, mas que fogem aos objetivos dessa investigação). Como fechamento dessa discussão

---

<sup>26</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco\\_pilares](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco_pilares)

<sup>27</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Verificabilidade>

acerca do lugar discursivo, podemos realizar esse recorte que traz dois saberes ligados ao Wikipedista e que configuram uma exigência na discursivização do sujeito na enciclopédia on-line. Trata-se da noção de “imparcialidade” e da “fonte de informação”.

### **A imparcialidade**

O sentido uno, transparente, evidente emerge da estabilização de discursos num universo de domínio de uma determinada formação discursiva, assim, sob o efeito de evidência, uma rede de formulações se tece, trazidas pela memória da estratificação desnivelada que compõe o interdiscurso. Pela repetição, certos funcionamentos emergem como recursividade e trazem ao intradiscurso a série de referências que lhe garante determinado efeito. É assim que a ilusão de imparcialidade se concretiza no discurso, dando-lhe a aparência de neutralidade, numa tentativa de eximir o dizer de ser tendencioso ou partidarizado. Essa efeito, que mascara no fio do discurso as suas filiações de sentido com as formações discursivas e ideológicas, recrudescer a ilusão de assepsia na formulação. Mais do que uma característica historicamente atribuída ao objeto discursivo “enciclopédia”, a suposta imparcialidade atende a uma exigência imaginária sobre a enciclopédia, por colocar “em círculo” e por “fazer circular” o conhecimento, ela é requisitada a ser indiferente, com algo frio e apático, completamente externo ao dizer, simplesmente armazenando-o.

Nesse sentido, na página de discussão do artigo sobre a cidade do Rio de Janeiro é travada uma grande disputa entre os editores a partir do fato de um dos editores anotar a expressão “parcial” no texto escrito que compunha o artigo. Essa notação se faz através de um recurso disponível aos editores de colocar tags, uma espécie de caixa de texto que remete à imagem de uma etiqueta, isto é, trata-se de um recurso que permite classificar o artigo em um determinado aspecto. Bastante comum na Wikipédia, as tags funcionam como marcadores no início de cada artigo (logo abaixo do título) do que deve ser aprimorado, revisto, modificado em cada artigo, seguindo um padrão (textualizado) e fazem parte das instruções aos Wikipedistas como meio para o aprimoramento dos artigos, funcionando como um selo de observação/elogio/advertência/reprovação. As tags podem indicar, entre outras coisas, a necessidade de revisão do artigo, de acréscimo de fontes, de referência de pertencimento a um projeto maior, a classificação como artigo exemplar... e também, de que o leitor deve estar atento à parcialidade do texto, isto é, uma tag pode advertir que o artigo está violando a regra de imparcialidade da Wikipédia.

Assim, temos aqui, uma situação em que um wikipedista atribuiu a tag de imparcialidade ao artigo sobre a cidade do Rio de Janeiro. Tal classificação, portanto,

implicaria o trabalho dos wikipedistas de tornar o artigo como um todo imparcial, novamente. A cobrança pela ilusão de *imparcialidade* é reforçado nas normas de conduta, como podemos ver em s.d.s como a s.d.32<sup>28</sup> onde a imparcialidade é priorizada e significada como ausência de *pregação*, isto é, sob um efeito de neutralidade no qual o sujeito se “dessubjetiva” e afasta o seu dizer do efeito primeiro de pertencimento. Observemos, então, um excerto da discussão entre os editores:

s.d. 36 – Discordo de você Hector, principalmente quando diz: "se a maioria discorda não posso fazer nada". Pode sim, retirar o tag parcialidade é o mínimo que você pode fazer para ser IMPARCIAL e justo. Se você quer que a seção sobre violência seja ampliada, então a amplie. Seria o mesmo que eu entrar na página de Recife e de São Paulo e indicá-la como PARCIAL, porque "no meu ponto de vista" o tópico de violência das duas deve ser ampliado. Porque EU ACHO que deve haver um tópico específico sobre o Jardim Angela ou Diadema, ou porque EU ACHO isso ou aquilo independente da opinião DA MAIORIA. Editar uma página incluindo uma tag sobre PARCIALIDADE por que "no meu ponto de vista" deveria ser feito isso ou aquilo, isso sim é exemplo claro de PARCIALIDADE.--FlaviaC (discussão) 14h53min de 15 de Março de 2008 (UTC)

Analisemos a oposição parcial x imparcial, sistematizando as formulações da s.d.

<i>Parcial</i>	<i>Imparcial</i>
Ponto de vista (eu)	Ponto de vista da maioria
(minha) opinião, eu acho	Opinião da maioria
(injusto)	Justo

Deste quadro, podemos perceber que há um discurso sobre a imparcialidade, que o toma como efeito de *concordância entre a maioria*. Esse efeito é alcançado pela ligação que o discursivo estabelece entre o ideológico e as palavras. Assim, para o sujeito duplamente afetado, o esquecimento de que não é origem do dizer, tampouco de que o que diz é da ordem do não-dito, permite que um sentido para “imparcial” se equivalha, parafrasticamente, a “maioria”. Mais do que isto, a evidência desse sentido regula as práticas desse sujeito que, ao

<sup>28</sup> s.d. 32 – “Tentamos fazer com que os verbetes tenham a maior imparcialidade possível, o que faz com que mesmo os artigos sobre temas controversos não sejam concebidos como plataforma para qualquer pregação.(...)”

tentar ocupar o lugar discursivo de Wikipedista, “preenche” seu dizer acerca da advertência do artigo, interpretando-a como uma *opinião pessoal*.

Todo esse funcionamento discursivo diz respeito a um trabalho da memória sobre a significação pelos sujeitos, em fazê-la a partir do lugar discursivo do wikipedista. Para tanto, os sentidos naturalizados como os de pertencimento a uma comunidade (s.d. 29), de escrita pelos seus leitores (s.d.27) e de responsabilidade sobre essa escrita (s.d.28) se submetem a um sentido tomado como hegemônico: a imparcialidade deve ser seguida por todos em todas as circunstâncias (s.d.4).

Nesse deslizamento de sentido que verificamos de *imparcial* para *opinião da maioria*, podemos verificar a falha a que todo sujeito se submete pela linguagem, a incompletude do dizer e possibilidade de todo sentido tornar-se outro. Além disso, nessa formulação identificamos a tomada de posição do sujeito em identificação com FD do Enciclopedismo, cuja forma-sujeito preconiza e regula os saberes a partir do registro do conhecimento, mas sem que marcas do sujeito que o registra sejam evidentes. Assim, a solução está na distinção e apagamento do “eu” que seria *sempre imparcial*, logo indesejado, excluído por esta FD, para uma dominância da maioria, que seria *sempre neutra, justa*, sendo que o sentido de justiça é aqui associado ao de imparcialidade remetendo ao equilíbrio, ao bom senso, a não-tendenciosidade que cabe à enciclopédia. A questão da parcialidade, sem dúvida alguma, constitui um dos maiores conflitos entre os sujeitos na tentativa de ocupação do lugar discursivo de Wikipedista.

### **A fonte verificável**

Todo dizer, que emerge na formulação, remonta ao enunciado que constitui o interdiscurso, assim, a cada dito, uma atualização dos enunciados possíveis se materializa no fio do discurso, configurando o sentido. Esse movimento dos dizeres desloca os elementos de saber por entre as regionalizações da ideologia, o que lhes garante certos efeitos de sentidos. Esse movimento ininterrupto dos sentidos, entretanto, tem como contraponto no sujeito a necessidade do efeito de originalidade do dizer, de pertencimento a este ou aquele sujeito. O efeito de evidência da origem, desta forma, repercute e culmina na ilusão de fonte. Isto é, para todo e qualquer dizer, a fonte seria a causa primeira, o espaço/tempo da criação, a sua nascente. A enciclopédia encerra mais uma vez, mediante sua busca de totalidade do saber, a exigência de o conhecimento por ela “registrado” seja verificável, ou seja, possa ser referenciado, retomado, acessado em diferentes momentos e espaços. Assim, unem-se duas arbitrariedades: a da localização do dizer, logo, a da sua origem. Essa relação diz respeito ao

dizer como *inédito* em um certo “local” e depois, como mera *repetição* em outros locais. Na Wikipédia, a necessidade da verificabilidade do dizer em sua origem se concretiza como a regra de utilizar e citar fontes confiáveis das quais os artigos são “abastecidos” como dizer. Um artigo quando corresponde a esse efeito de legitimidade assegurada pela presença de menção a fonte passa a ter o status de “artigo em destaque”, também mediante o uso de tags. Assim, a legitimidade de um artigo ou de uma fonte nada mais é do que o efeito de remissão possível a um dizer outro, localizável e repetível.

Um conflito entre os sujeitos da Wikipédia em torno da fonte das informações dispostas nos artigos, nesse caso, se estabelece. Num primeiro momento, é preciso desnaturalizar a própria de fonte da informação, aproximando a s.d. 13 da s.d.9, que marcam o discurso da Wikipédia, sob o modo de instrução aos wikipedistas:

s.d.9 – “A Wikipédia serve para compilar o conhecimento humano. Não é um meio para tornar opiniões pessoais parte do conhecimento humano.”

s.d.13 – “A Wikipédia contém uma vasta quantidade de informações sobre os mais variados assuntos, para não dizer todos”

Donde extraímos que (1) a Wikipédia compila o conhecimento; e (2) a Wikipédia contém informações sobre todos os assuntos. Logo, há um pré-construído de que *informações são conhecimento*. Ao tomar informação como conhecimento, um conjunto de redes discursivas se emaranham em torno da significação de informação. Mensurável e decomponível, a noção de *informação* se revela como um conjunto de elementos distintos, agrupáveis em volume e em natureza e que dizem respeito a *soma* da experiência humana (s.d.6). O *conhecimento*, por conseguinte, se mede, quantifica, armazena e registra. A Wikipédia, enquanto compiladora do conhecimento (s.d.9) tem o papel de acumular informações. Esse pré-construído é reforçado ainda em outra instrução (s.d.7, abaixo), indo ao encontro do que analisamos sobre a imparcialidade. Um efeito de sentido para *ineditismo da informação* emerge no fio do discurso quando a toma como *lugar para colocar informações*. Como na s.d. abaixo:

s.d.7 - “A Wikipédia não é lugar para publicar suas próprias idéias, nem para colocar informações ainda não publicadas por outros meios.”

Como analisamos anteriormente, há um implícito na discursivização da Wikipédia de que as informações devem ter sido publicadas em outros meios, garantido-lhes, portanto, o efeito de anterioridade do dizer, confiabilidade, cientificidade e verificabilidade. Esse efeito é que emerge no dizer dos sujeitos que buscam, como wikipedistas, garantir que as *informações* (sob efeito parafrástico de sentido de *conhecimento*) tenham fontes confiáveis, isto é, possam ser verificadas e reconhecidas sob o efeito de origem localizável do dizer. Esse efeito suscita no discurso uma aparente tranquilidade, um “porto seguro” em que o sujeito se agarra como senhor do que diz e do que lê, uma vez que, o sentido se estabiliza pela verificação, em seu efeito de evidência, de garantia, de indubitabilidade.

É nesta conjuntura que emergem formulações como a constitutiva da s.d. que segue.

s.d. 37 - "Isso mesmo Guilherme! Apesar de ser filho desta cidade maravilhosa, eu não ousaria dizer essas coisas. Dados confiáveis é o que importa. Quando penso em UFRJ, penso mais ainda em USP, em UFMG, em UFLA, em UFSCAR. Não dá para afirmar uma coisa assim... é isso aí. [crespus2006 \(discussão\)](#) 04h09min de 4 de Janeiro de 2008 (UTC)

Assim, o sujeito do discurso se nega a **ousadia** de dizer certas coisas sobre a cidade. Ao negar certos dizeres, emerge, pelo trabalho da história na língua, uma interdição, um limite, uma regra que não deve ser transgredida e que diz respeito aos dados. E aqui *informações* sofre um deslocamento de sentido para *dados*. Essa deriva ratifica a tomada de *informação* como unidade acumulável. Os dados, pois, devem ser *confiáveis*. Portanto, na naturalização do sentido de *confiáveis*, temos dois movimentos distintos do sujeito do discurso: (1) sua submissão a um princípio exterior e maior, que regula seu dizer e (2) a certeza de que a confiabilidade não está no seu dizer, pois do contrário sua palavra bastaria. Esses dois movimentos correspondem, no plano do discurso, à determinação do sujeito e do sentido, pela identificação com a forma-sujeito da FD que regula, mais uma vez, o efeito de caráter enciclopédico de que se revestem os artigos na Wikipédia. Esse efeito de confiabilidade revela a contradição constitutiva da enciclopédia: ainda que armazenando todo o conhecimento, ela, por si só, não garante a veracidade desse conhecimento, exigindo a referência, isto é, a remissão, a elementos de saber presentes em outros espaços possíveis, em outras materializações.

Na página de discussão sobre “ISO (Internacional Standard Organization)”, um outro editor marca seus gestos na Wikipedia. Detenhamo-nos na menção aos dados.

s.d. 38 - Tomei a liberdade de incluir no artigo alguns dados disponíveis no site da ISO internacional creio que esta organização tem a credibilidade necessária para definir sua origem e a definição do seu nome. Caso seja encontrado outro autor ou organização defendendo outra teoria com relação a origem da palavra ISO ou mesmo outra definição para o nome da organização, acho interessante que fosse compartilhado com todos, pois o objetivo do wikipédia é o compartilhamento das informações da forma mais imparcial possível e de fontes fidedignas. Paulo Dias 09:24, 23 Março 2007 (UTC)

Pela presença dos ditos na s.d. podemos traçar a relação com não-ditos que corresponderiam, então, à negação da confiabilidade.

<i>Confiável</i>	<i>Não confiável</i>
Dados disponíveis no site da ISO	Outra definição
Organização com credibilidade (seu próprio nome)	Outra teoria sobre o nome
Fonte fidedigna	Não compartilhamento das informações

Nessa s.d. o sujeito estabelece a relação de confiabilidade entre os dados disponibilizados no artigo. Há um esforço dos sujeitos na Wikipédia para “enquadrarem-se” no princípio de verificabilidade, pois, ainda que a linguagem seja incompleta e os sentidos lhes escapem, o sujeito “ousa” e toma uma posição da qual seu dizer é veiculado como verdadeiro e fiel às fontes dado o gesto de referênciação.

Podemos visualizar, pelo viés dos princípios de verificabilidade e imparcialidade, que os sujeitos na Wikipédia buscam atingir uma idealização discursivamente construída e sobre a qual lançam seus esforços na escrita de cada verbete. Longe de preconizarem pelas suas práticas a liberdade tão proferida no próprio slogan da enciclopédia, seus dizeres são altamente regulados por mecanismos discursivos nos quais determinados padrões são avidamente almejados e seguidos (ao menos no plano da tentativa). Mais do que isso, esses mecanismos funcionam como critérios para um comportamento policialesco entre os editores, que vigiam-se uns aos outros para verificar se estão mais ou menos próximos dessas idealizações.

Podemos concluir que, em relação aos sujeitos envolvidos na Wikipédia, temos duas naturezas distintas: a da idealização, na qual há uma imagem construída e sobre a qual uma série de princípios são produzidos para regular os dizeres e os saberes acerca do conhecimento humano (o wikipedista); e a da realização, na qual os sujeitos dos discursos

(dotados de inconsciente e pela ideologia interpelados) vão produzindo seus dizeres e mobilizando saberes acerca do conhecimento humano na tentativa (nunca concretizada) de total enquadramento na imagem construída (os editores).



## 4 A DISCURSIVIZAÇÃO DA AUTORIA COLABORATIVA

Na web, as redes discursivas se estabelecem a partir da produção discursiva de sujeitos inscritos em dadas formações discursivas, cujos sentidos estabelecidos se relacionam numa materialidade própria, lingüística e imagética, entre a repetição do mesmo e a aparência do novo, entre a liberdade e a interdição, entre o possível e o impossível de dizer. Há, segundo ROMÃO (2007, p.05), na atribuição de sentidos na web, uma relação entre o sujeito e o poder, uma vez que “o poder dos acessos e dos acessamentos, tantas vezes maculado pelo chavão da liberdade, se limita ao gesto de inscrever-se em locais que já foram autorizados, previamente lidos e acomodados”. Nesse aspecto, a Wikipédia tanto se constitui como um espaço de acessamentos quanto um espaço de autorização e acomodação dos sentidos. No processo de elaboração de um artigo, apenas alguns sentidos (e não todos) são provisoriamente acomodados e passam a constituir o texto disponibilizado na página, e os sujeitos que por entre suas páginas navegam, assim o fazem através de ligações (hiperlinks) estabelecidas, potencialmente expostas e latentemente aguardando interpretação.

Os acessos na rede permitem ao sujeito a possibilidade de gestos de interpretação, de reconhecimento desses já-ditos e de acomodação de significações. Na produção de um artigo da enciclopédia há, então, aliado à interpretação, o processo de constituição de um sujeito autor também, já que há, sempre, um lugar de interpretação a ser ocupado pelo autor e que o determina. Assim, o autor se faz em gestos de interpretação de “dentro para fora” e de “fora para dentro” de sua posição na rede dos discursos, isto é, ao passo que organiza fragmentos de discursos em uma nova formulação, ele o faz a partir de determinações que o constituem como tal, mas que também constituem o que não lhe pertence. Os gestos ocorrem entre o efeito de sentido único e todas as possibilidades de efeito de sentido, entre a origem e a dispersão plena, entre a unidade e a fragmentação, entre o todo completo e a ausência total, entre o seu dizer e todos os outros... Deste modo, “a autoria ao mesmo tempo constrói e é construída pela interpretação” (ORLANDI, 1996, p.75). Ou seja, para ser autor é preciso interpretar (esquecer e inscrever-se numa rede de determinações de *um sentido*), mas para interpretar é preciso ser autor (colocar-se como a origem do dizer, dando um efeito de unidade e coerência ao dizer, e identificar *o sentido*, que já estava lá, mas “fingir” que não estava).

Então, este aspecto, a autoria, é um ponto discursivamente crucial a ser investigado na Wikipédia. Um website tão visitado, consultado, lido e difundido em diversos países e por milhões de internautas, tem sua existência exatamente sustentada nos artigos elaborados em algo que se costuma chamar **autoria colaborativa (ou escrita coletiva)**, isto é, na escrita de textos (artigos) por uma comunidade de usuários.

Ao mesmo tempo em que consta como um dos sites mais populares no mundo todo, a Wikipédia não é aceita no meio acadêmico como fonte bibliográfica. Em nossa formação social, há um movimento de difusão da enciclopédia online como fonte de pesquisa e outro movimento de negação de sua validade enquanto recurso investigativo. E os discursos que mantêm esta repulsa da academia em relação à Wikipédia se embasam em argumentos como os de que não há um autor responsável pelo conteúdo, isto é, um sujeito ou grupamento que se responsabilize como origem daquele dizer e que possua respaldo intelectual para tanto, como um especialista em determinada área. Ou seja, apesar de ser amplamente utilizada pelos internautas por ser um repositório de uma variedade imensa de tópicos explorados, *o discurso sobre* a Wikipédia reforça que ela não se mostra como uma fonte de pesquisa confiável por não ser feita por sujeitos que dominem o tópico que abordem, tampouco por possuir sujeitos que assinem a autoria dessas abordagens, ou seja, esses aspectos de escrita colaborativa são encarados como negativos.

Já *o discurso da* Wikipédia se sustenta pela noção de colaboração, uma vez que uma das grandes qualidades (ou méritos) é a escrita da enciclopédia ser feita em colaboração pelos seus leitores. Como vimos na seqüência em que o internauta é “recebido” no site:

s.d.<sup>27</sup> - “Bem-vindo(a) à Wikipédia, uma enciclopédia **escrita em colaboração pelos seus leitores**. Este site utiliza a ferramenta Wiki, que permite a qualquer pessoa, inclusive a você, melhorar de imediato qualquer artigo clicando em editar no menu superior de cada página”

Assim, a escrita realizada por um conjunto de pessoas (comunidade) reconstrói a noção da enciclopédia enquanto “objeto de consulta”, deslocando-a para “objeto de escrita e consulta”. Há, inclusive, uma distinção acerca do modo de relação do sujeito com o saber, no caso “os saberes enciclopédicos” (como pontuamos que o sentido depende da FD do Enciclopedismo ou da FD da Cibercultura), de um lado havendo o modo colaborativo, tomado como positivo, enriquecedor e aproximativo, e de outro lado, o modo individual, desprestigiado e empobrecedor. A determinação do sentido de **colaboração** desloca a noção

de wikipedista para o de um colaborador, isto é, daquele que promove ações tomadas como relevantes e positivas para a escrita da enciclopédia.

Cabe-nos, então, ao tomar a Wikipédia enquanto objeto de estudo, investigar como essa escrita colaborativa funciona discursivamente, e para isso nos é essencial perceber os artigos que a constituem como materialidades discursivas resultantes de processos discursivos travados sob a égide da “colaboração” entre os sujeitos envolvidos. Desta forma, tomamos a enciclopédia no que lhe é constitutivo: seus artigos; e tomamos os artigos no que lhes são constitutivos: as colaborações dos editores. Nas páginas da enciclopédia, a colaboração é discursivizada e retorna como um pré-construído equivalente a uma “mudança” de paradigma sobre a enciclopédia, sendo tomado como o sentido acomodado e provisoriamente estabilizado para toda ação de adição, edição e remoção de textos ou fragmentos de textos pelos wikipedistas em suas páginas.

Neste ponto é importante percebermos que os artigos são tomados aqui como textos, no sentido em que Gallo (2008, p.50) propõe, como um efeito da textualização, isto é, de uma prática de sujeitos do discurso onde os sentidos são sobredeterminados atribuindo ao texto o efeito de todo, de unicidade e fechamento. Os artigos da Wikipédia são, então, textos por apresentarem o efeito de unicidade, estabilidade e fechamento dos sentidos, ao passo que são efeitos da prática de textualização enquanto práticas discursivas dos editores (numa modalidade de relação – um jogo de forças social e socializante – tomada como colaborativa). Sendo os artigos textos, podemos tomar os editores como sujeitos autores e o processo de escrita como trabalho de autoria. Cabe-nos então investigar essa autoria colaborativa, primeiramente, retomando a própria noção de autoria sob a perspectiva discursiva, bem como suas relações com o sujeito, o sentido e a interpretação, para depois poder levantar algumas considerações pertinentes aos modos de colaboração na escrita de um artigo da enciclopédia online.

#### **4.1 A autoria e a interpretação nos processos discursivos da Wikipédia**

Uma reflexão frutífera acerca da autoria exige primeiramente a retomada de alguns pontos importantes em AD, então, ainda mais distanciados em termos analíticos de nosso objeto, cremos que esta retomada seja fundamental para melhor compreendermos o funcionamento da autoria na Wikipédia.

No caso da Wikipédia um mesmo link pode mudar de sentido segundo o artigo em que ocorrem, ou ainda, um mesmo artigo pode mudar de sentido segundo as seções que o

constituem. As palavras tomam sentidos completamente distintos, ainda que dispostas na mesma enciclopédia online, uma vez que a palavra que dá título ao verbete, pode ser mobilizada em outro verbete com outros sentidos, inscritos em outras formações discursivas. Não raras vezes, alguns poucos links associam a uma mesma palavra sentidos completamente distintos. Há até um recurso chamado “desambiguação” que oferece ao internauta uma lista de opções para que selecione qual está buscando.

Pêcheux, Haroche e Henry (2007, p.21) entendem por *ruído semântico* a capacidade de toda unidade significativa introduzir elementos de significação desnecessários ou redundantes ao discurso que a veicula, e por *planos de leitura* as diferentes leituras dos elementos de significação em cada unidade. A Wikipédia traz em sua constituição tanto ruído semântico quanto planos de leitura ao longo da “construção” dos artigos, seja pela refutação ou pela ratificação de sentidos nos gestos de interpretação. São as repetições e deslocamentos de sentidos ao longo da Wikipédia que nos permitem perceber o jogo travado entre as várias formações discursivas que determinam o que pode e o que deve ser dito, isto é, o que pode provisoriamente ser acomodado dentro de cada artigo, passando a significá-lo.

O papel da historicidade na determinação dos sentidos evidencia que não basta atentar para a unidade significativa isolada, mas sim, para como é proferida, em qual conjuntura social e ideológica e partir de qual posição (em conflito com outras). Uma vez não estando na unidade isolada o sentido, mas sim, na relação dos sujeitos com a história, o papel da ideologia é determinante na constituição tanto de um (o sentido) quanto de outro (o sujeito). A evidência do sujeito é um efeito da interpelação bem como a evidência do sentido é efeito da inscrição deste em uma dada formação discursiva.

Encaramos em nossa análise, portanto, os sentidos como resultantes de processos discursivos historicamente determinados, não estando “situados” numa palavra ou expressão em si, tampouco sendo dados aprioristicamente pela língua, mas sim, estando irremediavelmente intrincados na relação sujeito-língua-ideologia, relação esta presente em todo e qualquer “espaço virtual” ocupado pela Wikipédia. Os sentidos dos artigos, no caso da Wikipédia, vêm do interdiscurso, como esse espaço de todos os sentidos possíveis. Alguns deles são acionados pelo trabalho da memória passando pelas regiões (formações discursivas) nas quais se configuram como este ou aquele. Nessa configuração a forma-sujeito delimita quais sentidos são aceitos, passando por práticas discursivas de textualização que materializam os artigos.

O artigo ou verbete, enquanto texto, aciona a memória, ou melhor, o gesto de interpretação dos sentidos pelo sujeito implica o acionamento da memória, restabelecendo

implícitos. A memória é constituída pelos não-ditos de uma seqüência discursiva, mas que estão presentes pela sua ausência, o que estabelece a legibilidade da mesma.

Podemos entender a enciclopédia online como um acontecimento trabalhado nesse jogo da memória, onde o novo, o *cibercultural* emerge e desestabiliza o que já está regulado, mas que ao mesmo tempo sofre uma força de acomodação, na aproximação com o enciclopédico. Assim, os sentidos de enciclopédia não são mais os mesmos, tampouco a internet é algo completamente inédita.

A Wikipédia se constitui no trabalho das edições, isto é sobre a língua e com a língua, pelas práticas que constroem os artigos, em condições reais de existência e mediante jogos de força que materializam a história na língua. Na aproximação da análise da língua ordinária com as práticas de leitura, Pêcheux então evoca que se aborde “o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta” sendo aceito “esse jogo de diferenças, alterações, contradições” (PÊCHEUX, 2006, p.50). O autor distingue duas zonas de trabalho com a língua: uma onde há “a manipulação das significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento” e outra onde há as “transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações” (PÊCHEUX, 2006, p.51). Porém, entre esses dois espaços há uma região discursiva intermediária cujas fronteiras são difíceis de determinar e que abarca uma infinidade de processos discursivos. Nela, “os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos” (Pêcheux, 2006, p.52). Na Wikipédia, tanto há espaços mais estabilizados onde se busca essa *higiene do pensamento*, na figura da neutralidade, quanto há espaços menos estabilizados onde os sentidos são constantemente negociados, na figura na página de discussão; por isto, cremos melhor tomá-la como constituída na região discursiva intermediária entre os dois espaços e que abrange processos discursivos dos mais distintos ao longo das práticas discursivas de edição.

Sem dúvida, os sentidos, portanto, podem oscilar, “todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p.53). Esses pontos de deriva são localizáveis à medida que instauram gestos de interpretação, em processos de leitura sob o acionamento da memória discursiva, restabelecendo implícitos, pré-construídos, “evidenciando” sentidos. A cada verbete da enciclopédia online, assim como em qualquer materialidade discursiva, existem pontos de deriva dos quais os gestos de interpretação

“costuram” sentidos pela força da historicidade na língua. Se há espaço à interpretação é porque há gestos de leitura dessa materialidade.

Há, em todo processo de leitura um jogo historicamente determinado entre o leitor real e o leitor virtual do texto. Isto porque em todo texto há inscrito um leitor virtual, ou seja, “um leitor que é constituído no próprio ato da escrita (...) aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige” (ORLANDI, 2000, p.9). Todo leitor real que se depara com um texto, obrigatoriamente tem de se relacionar com o leitor virtual constituído no texto. Essa relação aponta para um aspecto importante do processo de leitura: não há relação entre o leitor e o texto, mas sim, há a relação entre o sujeito (que lê) e o sujeito (que escreve), pelo texto, mas é preciso perceber que essa relação não é empírica, mas sim, simbólica e se dá em nível discursivo. Na produção de leitura, a incompletude, os implícitos, a intertextualidade são aspectos determinantes. Há entre os sujeitos, pelos textos, uma “relação de posições histórica e socialmente determinadas – em que o simbólico (lingüístico) e o imaginário (ideológico) se juntam” (ORLANDI, 2000, p.11) e na qual os sentidos são estabelecidos; essa relação constitui as condições de produção de leitura.

Na Wikipédia podemos perceber essa relação entre leitor real e leitor virtual de modo bastante acentuado. Enquanto construção na escrita, o leitor virtual atende a diversas demandas acerca do que seria o leitor que busca uma enciclopédia para nela *obter o conhecimento humano acumulado* e ali disposto de modo *imparcial ou neutro* e, assim, em cada verbete há um leitor virtual constituído. Ao passo que há leitores reais que se deparam com esse leitor virtual, em dois modos distintos: um leitor real que se coloca como “consultante” da enciclopédia, isto é, aquele que a acessa como repositório de informações com as quais passará a se relacionar; e outro, que se coloca como “wikipedista” e que vai interferir, alterar, criar advertências (tags) acerca daquele texto, a ponto de, inclusive, removê-lo. O wikipedista (no lugar de autor) se relaciona profundamente com o leitor virtual, no sentido de fazê-lo mais “adequado” à imagem que o constitui e, desta forma, as marcas no texto vão evidenciar esse esforço de aproximação e, por que não dizer, sobreposição. A cada verbete da enciclopédia online, há sujeitos e sentidos sendo postos em relação assincronamente, pelos textos, na busca da estabilização de sentidos “aceitáveis”, isto é, tomados como evidentes pelo maior número de sujeitos envolvidos, ou seja, pela comunidade de usuários...

Mas também um texto é lido de modos muito diferentes conforme a época da leitura, o que acaba por compor o percurso, a história de leitura de um texto. Desta forma, “uma leitura não é possível e/ou razoável em si mas em relação às suas histórias” (ORLANDI, 2000, p.44).

Essa diferenciação da leitura de acordo com a época em que ocorre, nos remete a um imaginário determinante na Wikipédia, o imaginário do/sobre o enciclopedista. Assim, como vimos no capítulo 1 a própria noção de enciclopédia e consequentemente de quem a faz, se configura especificamente conforme o momento histórico em que é mobilizada. O enciclopedista já foi tomado como aquele que disponibiliza o ciclo do conhecimento e também já foi percebido como o detentor de todo esse conhecimento, um especialista, mas como vimos no capítulo 2 o conflito entre a FD do Enciclopedismo e a FD da Cibercultura determinam os sentidos de enciclopédia e enciclopedista, podendo reconfigurá-los. Temos, portanto, uma leitura específica da enciclopédia de acordo com a contemporaneidade e uma nova definição de enciclopedista na Wikipédia, como aquele que dispõe conhecimento sobre algo relevante ou interessante naquele momento.

Indiscutivelmente relacionada a sujeito, sentido e história, a leitura é função da interpretação, sendo esta muito mais ampla. Conforme ORLANDI (1996, p.87) “os gestos de interpretação são constitutivos tanto da leitura quanto da produção do sujeito falante”. Assim, podemos perceber que wikipedista, enquanto sujeito, inscreve-se sempre em uma formação discursiva para trazer, pela memória, do interdiscurso, saberes que passam a ter sentido nesse espaço de junção da língua com a ideologia, textualizando-os. Ou seja, tanto lendo quanto escrevendo (produzindo) os wikipedistas realizam gestos, isto é, atos simbólicos de intervenção no mundo, práticas discursivas (ORLANDI, 1996, p.84) nas quais a interpretação é o funcionamento primeiro de todo e qualquer processo de significação.

Quanto à interpretação, Orlandi esclarece que “o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (ORLANDI, 1996, p.18), ou seja, a incompletude da linguagem, o não-fechamento do dizível viabiliza as práticas discursivas, permitindo as tomadas de posição do sujeito. Ao interpretar, o sujeito se relaciona com o mundo pela linguagem. Orlandi (1996, p.95) diz que “o sentido é sempre sentido para, e não sentido em si”, o que ilustra muito bem o fato de que todos os dizeres – portanto também todos os dizeres na Wikipédia – são banhados de relações de contradições, antagonismos, alianças entre sujeitos historicamente determinados e ideologicamente constituídos como tais.

Orlandi ainda pontua que “o sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa” (ORLANDI, 2001, p.22), isto é, ao interpretar o sujeito se submete à ideologia, atribuindo “ao que é significado” um efeito de literalidade, de existência de um conteúdo, de

evidência de sentido. A interpretação, longe de ser uma alternativa aos ditos, é a condição de existência dos mesmos. Ela pode ser interdita, contornada, controlada, mas nunca extinta.

Na Wikipédia, temos o funcionamento da interpretação em sua divisão (divisão do trabalho de interpretação – Orlandi, 1996 e Pêcheux, 1994) na qual existem sujeitos que podem realizar certos gestos de interpretação devido às posições que ocupam numa formação social. Assim como há formas de gerenciar os gestos de interpretação, formas estas que regulam o modo de circulação das interpretações possíveis, dos sentidos dados como já-lá e daqueles que sequer são cogitados. Ou seja, enquanto todos são aceitos para editar, nem todas as edições são aceitas, assim, há sujeitos cujos gestos de interpretação são tomados como adequados, idealizados e prestigiados<sup>29</sup> (universitários, professores, pessoas cultas), enquanto que há modos de gerenciamento desses gestos (a imparcialidade e o valor enciclopédico).

Nesse sentido, quanto à interpretação, deve-se sempre levar em conta *o que é interpretado*, isto é, o que está em jogo como materialidade lingüístico-discursiva e que insta o sujeito a construir redes de significação. Orlandi (2001, p.63) comenta que “a rigor, não há língua, sem interpretação, e, ao interpretar, ancoramos na textualidade. O sujeito-leitor, por seu lado, se constitui na relação com a linguagem (enquanto intérprete) em função da textualidade, à qual se submete”. Deslocando a abordagem da autora para o nosso objeto, podemos concluir que o wikipedista, enquanto sujeito-leitor, está submetido à textualidade, e está a inclinar o olhar, fazendo batê-lo sob pontos do texto, aliado ao leitor virtual (enquanto posição no discurso), o que faz com que se articulem os gestos que correspondem a pontos de subjetivação e formulação, materializados nas edições. Como afirma Schons (2005, p.146), “conduzir uma escrita depende, sim, de um olhar. (...) o reconhecimento ou o esquecimento de sentidos depende do trabalho do sujeito-autor”, e esta dependência (cunhada pela jogo de forças e poder) entre o olhar e a definição do sentido está, indiscutivelmente, ligado ao sujeito-autor, isto é, àquele que realiza gestos de interpretação e que se faz presente na discursivização dos saberes na enciclopédia online.

A interpretação tem, portanto, dois níveis distintos: a interpretação como injunção, ou seja, como constituinte de todo sujeito inscrito no simbólico; e a interpretação como gesto, isto é, como produção de sentido a partir de determinações histórico-ideológicas da ordem da

---

<sup>29</sup> s.d.14 – “qualquer mau estudante desejoso de mostrar que não é ignorante pode aparecer e *despejar* lixo; pois que seja bem vindo! Alguém disse ‘havendo olhos suficientes, todos os erros são óbvios’. Uma comunidade aberta a todos há de incluir muita gente culta, rapidamente um estudante universitário, um professor, alguém mais erudito vai corrigir imprecisões ou acrescentar algo... daqui até chegarmos a um ‘denominador maior’ vai um passo. E depois, os ‘denominadores menores’ fogem de abordar matérias que ignoram. Eis por que todos são bem-vindos.”



repetibilidade e do deslocamento entre o mesmo e o diferente. Na Wikipédia, lidamos com ambos os níveis de interpretação a cada configuração de saberes. Assim, podemos perceber que os sujeitos que se colocam na posição de wikipedista estão constitutivamente marcados pela injunção a interpretar, uma vez atravessados pela linguagem, e também ligados intrinsecamente às determinações históricas que permitem a repetição do mesmo sob o efeito do novo, emergindo o texto como produção subjetiva e ao mesmo tempo coletiva.

Orlandi (2001, p.64) propõe que se observe a relação sujeito-autor com a textualização do discurso, como uma das maneiras de se compreender a interpretação, tornando visível como a exterioridade se faz presente no texto. Em suas reflexões sobre autor, Orlandi (1996, p.97) esclarece que “o que caracteriza a autoria é a produção de um gesto de interpretação”, esse gesto implica uma responsabilização do sujeito pelo que ele diz, pela produção de uma formulação que faça sentido; ou seja, o modo como o sujeito se responsabiliza, produzindo determinados gestos de interpretação, é que caracteriza a autoria. Se na Wikipédia temos autoria colaborativa ou coletiva, podemos perceber que há vários gestos de interpretação que perpassam e mobilizam materialidades, passando a “ter sentido” na qualidade de “entradas” enciclopédicas.

A autoria é, portanto, um gesto de interpretação. O texto do verbete é um espaço discursivo heterogêneo, no qual não há trabalho de um único sujeito, mas sim, de sujeitos que, inscritos em diferentes formações discursivas, negociam os sentidos pelos gestos de interpretação e dão o efeito de aparente neutralidade e suposto caráter enciclopédico. Ao produzi-lo, cada sujeito exerce uma função enunciativa de autor, constituindo-se como *sujeito-autor* (INDURSKY, 2001, p.30).

Porém, para compreender a dimensão do que é sujeito-autor e função-autor é preciso percorrer uma reflexão importante acerca da noção de autoria, Voltemos nossa atenção à própria noção de autoria convocando as colaborações de Michel Foucault.

Ainda que suas formulações não pertençam ao dispositivo teórico da AD, as proposições de Foucault acerca de autor e função-autor são fundamentais a uma reflexão que se proponha a pensar a autoria e a interpretação na enciclopédia online de um ponto de vista discursivo, uma vez que elas vão redimensionar o papel do sujeito frente à autoria de um texto, portanto, no nosso objeto de estudo, o papel dos editores em relação aos artigos.

Para Foucault, em uma sociedade todos os discursos produzidos o são mediante forças que os controlam, cerceiam, limitam. Para tanto, as instituições e os lugares sociais (posições dos indivíduos numa sociedade) estabelecem procedimentos internos e procedimentos externos ao discurso (FOUCAULT, 2006). Quanto aos externos, trata-se daqueles que

excluem discursos, impedindo sua produção através da interdição, da rejeição ou da vontade de verdade (a palavra proibida, a segregação da loucura e a distinção verdadeiro/falso). Já quanto aos procedimentos internos, trata-se daqueles que impõem coerções aos discursos existentes; são eles: o comentário, o autor e a disciplina.

Na Wikipédia, temos esse jogo de forças que controlam os discursos que a compõem onde há um amplo trabalho de imposição de limites aos discursos circulantes por entre seus artigos, imposição esta que se faz marcadamente forte no gesto da edição dos artigos, fundamento da realização material da enciclopédia. Interessa-nos observar mais atentamente o procedimento apontado por Foucault como interno aos discursos e que tem por função regulá-los e coibi-los: o autor.

Esse autor, tomado como procedimento, é completamente distinto da imagem de autor-pessoa que pronuncia/escreve que lhe foi historicamente atribuída, pois é um procedimento de rarefação dos discursos: “um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (Foucault, 2006, p.26). Assim, podemos perceber que temos na Wikipédia o autor como uma função retomada por um sujeito que escreve, e não o próprio sujeito, é determinada pelo contexto histórico, sendo esse contexto que também determina as retomadas possíveis de dizeres pela função-autor.

Autor para Foucault é um princípio de agrupamento e ao mesmo tempo de limitação do discurso, conferindo-lhe formas de originalidade, unidade e individualidade, sob o efeito de ter sido produzido por um *eu*. No caso da enciclopédia online, o autor incute ao artigo o caráter de texto uno e total, como algo sistematizado e coerente, escrito de modo colaborativo. Há, inclusive, a interdição à assinatura no artigo, isto é, os editores não podem deixar sua identificação. Ainda segundo Foucault, ao ser nomeado, o indivíduo na função-autor se torna responsável pelo que diz, responde por isto e submete-se ao jogo de permissão e acesso ao saber. Decorre daí, que o próprio indivíduo se faz juiz e réu dos seus dizeres, ao passo que se torna visível como autor, camufla sua submissão ao poder; e enquanto produz discursos, produz um acervo registrado que dá amplo poder à escrita, isto é, aos discursos limitados e agrupados produzidos por *um* autor. Na Wikipédia essa negação da nomeação retira o peso da responsabilidade do dizer sobre aqueles que a editam e transfere o poder desses discursos limitados e agrupados ao grupo de wikipedistas, a comunidade. Além disso, tomar a autoria como colaborativa, desloca a possibilidade de punição de um corpo físico para um grupo de pessoas distribuídas em diversos locais do mundo, submetidas, portanto, a leis e convenções muito distintas.

A função-autor é apenas uma das especificações possíveis da função-sujeito, podendo mudar, com o tempo, quanto à sua forma, complexidade, existência (FOUCAULT, 1992, p.70). E sendo ela “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p.46), mais do que nomear, demarcando “origens” do dizer, a função-autor tem a capacidade de controlar como determinados discursos são produzidos (passam a existir, ou não), como eles funcionam e como circulam na sociedade, permitindo que estejam a favor da manutenção das relações de poder, ou na indisponibilidade de acesso a saberes tidos como “exclusivos” de determinados lugares sociais, ou ainda, na personalização (permitindo punições ou recompensas) de idéias que podem interferir no *status quo* de uma sociedade.

Nessa caracterização da função-autor, torna-se bastante claro o quanto está distante dos indivíduos empíricos, nomeáveis e legalmente puníveis, no caso os editores, estando muito mais próxima dos papéis, dos funcionamentos dos indivíduos enquanto sujeitos da/na linguagem, nos discursos, no caso na imagem do wikipedista. Os indivíduos ocupam diferentes lugares na sociedade, e ao ter acesso aos discursos, ocupam uma função-sujeito na rede de formulações possíveis. Na enciclopédia online, dentre muitas especificações dessa função de sujeito, há uma que dá unidade ao que é dito. Esta é a função-autor que vai regular o modo com que determinados discursos circulam nos artigos seja cerceando a “compreensibilidade”, seja repetindo ou reformulando os saberes.

Na perspectiva discursiva proposta pela AD, Orlandi (2000, p. 76-7) toma a noção de autor de Foucault e propõe que o sujeito está, de alguma forma, inscrito no texto que produz e que a esta inscrição correspondem diferentes funções enunciativo-discursivas; sendo elas: (1) **locutor** (Ducrot), função pela qual o sujeito se representa como *eu* no discurso; (2) **enunciador** (Ducrot): função que é(são) a(s) perspectiva(s) que esse *eu* constrói; (3) **autor** (Foucault): função que o *eu* assume enquanto produtor de linguagem (princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, base da coerência do discurso). Nas práticas de criação e edição dos artigos na Wikipédia, temos este mesmo sujeito que se inscreve no texto e ao qual correspondem as funções de locutor (cujo esforço é amenizar a representação da subjetividade da escrita, havendo a priorização do uso da terceira pessoa), enunciador (função que marca a estruturação de cada artigo como uma presença a regular todas as formulações) e autor (como princípio que atribui unidade às formulações, num efeito de totalidade do dito).

Em nosso caso, na função de autor da enciclopédia online, o sujeito “tendo domínio de certos mecanismos discursivos, representa pela linguagem, esse papel, na ordem social em

que está inscrito” (ORLANDI, 2000, p.79), sendo à função enunciativo-discursiva de autor que compete a responsabilidade pelo dizer, pois é ao autor que cabe dar unidade ao texto, clareza, não contradição, correção, e mesmo que essa responsabilidade não seja individualizada, ela recai sobre os discursos e se mantém no trabalho de edição, como veremos nas análises.

Orlandi desloca a noção de autor em Foucault, apesar de reduzi-la em sua leitura, para o campo teórico da AD e propõe que “a função-autor para nós, não se limita como em Foucault (1983), a um quadro restrito e privilegiado de produtores ‘originais’ de linguagem (que se definiria em relação a uma obra)”; assim, “autor é aquele que responde pelo que diz ou escreve, pois é suposto estar em sua origem” (ORLANDI, 1996, p.69). Isto é, sempre que um sujeito se coloca como origem do dizer e produz um texto com unidade, coerência etc., ele está desempenhando a função-autor. Na Wikipédia há, portanto, sujeitos que desempenham sua função-autor, pois na escrita de cada verbete, bem como nas correções, alterações e retiradas de “conteúdos” cada sujeito se coloca na origem do dizer e busca produzir uma unidade coerente e lógica ao conjunto de dizeres que mobiliza, mesmo não havendo assinatura.

Na Wikipédia, uma vez que todos, indiscutivelmente, são injungidos a interpretar, pois como mostra Orlandi (1996, p.64) “face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de ‘dar’ sentido”, os sujeitos na função-autor interpretam, e assim o fazem através da construção de *sítios de significância*, ou seja, delimitando domínios de sentido que tornam possíveis gestos de interpretação.

Na produção de toda fala na enciclopédia online ocorrem dois movimentos: os já-ditos são repetidos, sob um efeito de sustentabilidade do sentido (possibilidade de interpretação), ao mesmo tempo em que essa repetição é negada, apagada, sob um efeito de originalidade e universalidade do sentido. Assim, quando colocado na posição de autor, o sujeito esquece o seu dizer poderia ser outro, que o que diz poderia ter outro sentido principalmente, esquece o processo que o faz interpretar de uma maneira e não de outra. Esses esquecimentos foram abordados por Pêcheux (1975) e compreendem toda e qualquer produção discursiva do sujeito, mas o que destaca a autoria em relação a essa produção “comum”, é que na função-autor desempenhada pelo sujeito, a unidade do que é dito se torna fundamental, imprescindível. É preciso que o discurso não traga contradições, incoerências, fragmentações... e que haja um posicionamento do sujeito, disposto a ocupar um lugar historicamente definido. Daí todo o esforço discursivo de construir uma imagem que dê esta unidade tão almejada: o **wikipedista**.

O autor é uma função determinada pelas condições de produção de sua época, podendo corresponder a formações imaginárias distintas, a mecanismos de produção de discursos distintos, a modos de repetição e silenciamento também distintos, o que acaba gerando os conflitos que mais adiante identificaremos entre os sujeitos na busca da unidade, da autoria. No caso do wikipedista enquanto lugar discursivo a ser ocupado por sujeitos em sua função autor, nos deparamos com sujeitos determinados de modos diferentes, oriundos de relações de poder travadas fortemente nos níveis econômico, cultural, educacional, moral, político e tecnológico. Esse jogo de forças se materializa nos discursos que mobilizam sentidos possíveis a partir das regionalizações da ideologia; daí, a ampla possibilidade de gestos de interpretação suscitarem conflitos.

Há, portanto, um lugar de interpretação a ser ocupado pelo autor na enciclopédia e que o determina, esse lugar é definido pela “relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor [ou efeito-leitor])” (ORLANDI, 1996, p.74). Os gestos ocorrem entre o sentido único e todas as possibilidades de sentido, entre a origem e a dispersão plena, entre a unidade e a fragmentação, entre o todo completo e o desfacelamento total, entre o seu dizer e todos os outros... Deste modo, “a autoria ao mesmo tempo constrói e é construída pela interpretação” (ORLANDI, 1996, p.75), no caso da Wikipédia, a cada trecho de artigo escrito, retirado, alterado. Em outras palavras, para ser autor é preciso interpretar (esquecer e inscrever-se numa rede de determinações de *um sentido*), mas para interpretar é preciso ser autor (colocar-se como a origem do dizer, dando unidade e coerência ao dizer, e identificar *o sentido*, que já estava lá, mas “fingir” que não estava).

A todo texto faz-se necessário um corte, um fechamento, “um fim”. Esse fechamento é que confere ao texto um efeito de texto (ou efeito-texto), isto é “um efeito de realidade de ‘um’ enunciado como um todo” (GALLO, 1994), saturando os sentidos, como se tudo tivesse sido dito.

A autoria, segundo Gallo, pode ser observada em dois níveis distintos: em um nível enunciativo-discursivo, que dá conta da função-autor; e em um nível discursivo, que é o efeito-autor (GALLO, 2001, p.69). Nessa perspectiva, a distinção entre efeito-autor e função-autor é bastante acentuada. Para a autora, a função-autor é condição de todo sujeito, é o que lhe permite produzir dizer. A função-autor permite a autoria em nível enunciativo, onde os sentidos são reconhecidos dentro das mesmas filiações discursivo-ideológicas, ainda que sob a impressão de serem novos, são os mesmos sentidos mobilizados a partir dos já-ditos. Eles atribuem aspectos de singularidade e fechamento ao texto, garantidos pela diferença e pela repetição. Podemos aqui perceber que a distinção enunciado/formulação em Courtine pode ser

relacionada à função-autor, uma vez que a função-autor é condição para que uma formulação venha a emergir, como atualização de um enunciado. Já o efeito-autor, para Gallo, diz respeito ao “confronto de formações discursivas com nova dominante, verificável em alguns acontecimentos discursivos, mas não em todos” (GALLO, 2001, p.69), ou seja, quando se chocam duas ou mais formações discursivas, levando-as a uma nova formação discursiva, a autoria se instaura como um efeito e não apenas como uma função do sujeito e implica a textualização de uma rede de discursos diferentes. A partir desta distinção importante acerca da autoria, buscamos verificar como ela funciona na Wikipédia, isto é, investigamos se no processo de escrita colaborativa se há efeito-autor, ou se há apenas função-autor na produção dos verbetes.

Ainda ampliando essas abordagens acerca da autoria sob a perspectiva discursiva, Gallo (2008, p.213) define como **efeito-autor fundador** esse efeito-autor que diz respeito ao confronto de formações discursivas com nova dominante em um **acontecimento discursivo**. O acontecimento discursivo está “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2006, p.17), quando há a ruptura de uma vigência e a instauração de um novo processo discursivo. Uma vez produzido, esse efeito-autor tende a ecoar “nos textos que se produzirão estabelecendo com ela [essa produção fundadora] uma relação parafrástica” (GALLO, 2008, p.212). A autora ainda sublinha que a cada aparição, esse efeito-autor se fortalece para o sujeito desse discurso, um sujeito-autor afetado por esse efeito de autoria produzido.

Assim, pode-se perceber que o efeito-autor fundador dentro dessa nova formação discursiva dominante estabelece uma relação direta e imbricada com forma-sujeito dessa FD, a qual regulará os dizíveis e os não-dizíveis a cada produção discursiva. Isto quer dizer que quanto mais identificado com a forma-sujeito da nova FD, mais o sujeito do discurso em sua função-autor e ocupando determinada posição-autor no discurso estará próximo do efeito-autor nessa nova discursividade, mas, se ele a repete pela identificação, já não há mais efeito-autor, pois as relações de evidência do sentido estarão ressaltadas e “alimentadas” pelas regularidades da formação discursiva. No efeito-autor há uma gradação do efeito de ineditismo do dizer (um dos atributos usualmente relacionados à autoria: o novo, o diferente), pois “quanto mais inédito for o sentido, mais forte terá que ser o efeito-autor para garantir seu reconhecimento e legitimidade” (GALLO, 2008, p.213).

Já à função-autor está relacionado o efeito de fecho, de fechamento de que falávamos. Esse gesto de agrupamento em meio à dispersão e amarração entre os recortes discursivos é

uma prática fundamental para a função-autor: a textualização, como ela se dá e as tentativas de acomodação dos recortes também são um aspecto importante na enciclopédia.

Portanto, para investigar a escrita dos verbetes da enciclopédia online, precisamos perceber essa escrita “colaborativa” como um processo de autoria, uma vez que se trata de gestos de interpretação realizados por sujeitos (sujeitos à e sujeitos de, que a ideologia interpela) e que esses sujeitos se colocam como sujeitos do discurso em relação com a forma-sujeito de uma formação discursiva vindo a ocupar uma ou outra posição-sujeito. Na posição-sujeito há uma representação do sujeito no lugar de autoria do discurso, ou seja, há a posição-autor da qual o sujeito-autor (aquele que exerce a função enunciativa de autor) assume a função-autor, isto é, a função na qual se coloca na origem do dizer e atribui o efeito de unidade, coerência e não-contradição a seu texto (também efeito de realidade na qual há um todo com significado, começo, meio e fim). Porém, quando há instauração de uma nova formação discursiva dominante a partir do confronto de duas outras formações discursivas, temos um efeito de autoria próprio, o efeito-autor que emerge com a força do efeito-ineditismo em nível discursivo. Podemos sintetizar, então, que a autoria é o funcionamento discursivo no qual a interpretação intervém no/pelo efeito de singularidade e fechamento do dizer, sob a responsabilidade que é imputada ao sujeito num efeito de ser responsável pelo que diz.

#### **4.2 Uma análise do percurso de autoria colaborativa**

Nos capítulos anteriores buscamos uma percepção mais abrangente do que é essa “enciclopédia online”, quais discursos a compõe como objeto discursivo e quais discursos são mobilizados pelos sujeitos que a materializam na web. Agora, passamos a outro percurso de análise, dada a necessidade de nosso objeto investigado. Precisamos deter nosso olhar no processo de autoria dos verbetes, o que nos leva a selecionar um artigo e debruçarmo-nos analiticamente sobre ele. Cremos que a análise de um artigo, longe de permitir uma generalização em massa na qual se afirme que todos os artigos funcionam desta mesma forma, pode, entretanto, esclarecer muitos aspectos relevantes ao modo de funcionamento da autoria na enciclopédia online como uma ilustração e problematização desse funcionamento. Assim, elegemos o artigo “**Globalização**”, disponibilizado tal qual no dia 24/08/2008, dado o seu pertencimento a um universo de saberes que mobilizam questões sociais, econômicas, culturais e políticas etc.

Sendo uma das características marcantes da Wikipédia a possibilidade de edição constante, os artigos vão sofrendo mudanças ao longo dos dias, semanas e meses. Como vimos no capítulo 1, trata-se de um aspecto fundamental da internet, do universo hipertextual, sendo inclusive, um dos modos de funcionamento da Formação Discursiva da Cibercultura em sua regulação dos saberes. Portanto, para realizar nossas análises, optamos por fazer nossa entrada no funcionamento da autoria do artigo selecionado em duas formas diferentes.

Num primeiro momento, lançamo-nos sobre uma configuração temporalizada do artigo, tomando-o como um todo “fechado”. Ou seja, selecionamos uma construção discursiva percebendo-a em seu efeito de fechamento, como um todo discursivamente estabelecido. Encaramos o texto como um artigo a ser consultado por um leitor que busca determinado conhecimento... e procuramos observar, de um modo mais amplo, os discursos que o constituem. Para tanto, valemo-nos das expressões que carregam em si a função de atuar como hiperlinks, isto é, como pontos de deriva para outras páginas (e outros sentidos) mas também como pontos de fechamento (de ratificação do sentido), além de analisarmos a estrutura do artigo, a partir dos índices que funcionam como uma costura de recortes discursivos dispersos.

Num segundo momento, descartamos a configuração “totalizante” do efeito-texto do artigo, e lançamo-nos sobre todo o percurso do mesmo artigo, desde a sua criação (quando há o “efeito de surgimento” no universo discursivo da enciclopédia) até uma data pontual (limitada pelas necessidades cronológicas da pesquisa) e buscamos investigar como o artigo emerge enquanto materialidade lingüística pelo trabalho dos sujeitos, nos gestos de interpretação que configuram a autoria.

#### 4.2.1 O artigo como efeito-texto

Neste movimento de análise, passamos a tomar o artigo como um todo significante, como um texto, isto é, como resultante das práticas de textualização, uma vez que é trabalho de coerção discursiva da função-autor com efeito-fecho.

Frente a esse efeito de todo que constitui o artigo, sob a aparência de realidade com começo, meio e fim, constatamos a existência de dois aspectos que não dizem respeito aos blocos textuais que constituem cada verbete, mas sim, que estão distribuídos ao longo de todo o artigo ou que formam uma espécie de espinha dorsal do texto: trata-se dos índices e dos hiperlinks, aspectos estes bastante característicos da enciclopédia on-line.



O hiperlink permite a ligação entre um artigo e outro, sem a necessidade de busca de novos temas, pois ao clicar sobre a palavra marcada como link, o leitor é direcionado para outro artigo, pertinente àquela palavra. O índice, por sua vez, permite uma visão linear dos conteúdos trazido no próprio artigo em questão.

Tanto o hiperlink, quanto o índice, são aspectos que estão diretamente ligados ao trabalho discursivo da autoria enquanto funcionamento. Isto porque o índice, sendo um “linearizador” dos discursos que atravessam o artigo, está intimamente associado às práticas do sujeito em sua função-autor na atualização dos discursos na formulação, costurando recortes discursivos na busca de um efeito de unidade e coerência entre seus heterogêneos e fragmentados elementos discursivos. Já o hiperlink sobredetermina os pontos de deriva dos sentidos, correlacionando os discursos do artigo com discursos outros dispostos em outros artigos, apontando, ainda que arbitrariamente, para a possibilidade do não-um, da relação e da inter-relação entre os sentidos.

Enquanto o índice atua na estabilização dos sentidos do texto como um marco de que ele é uma unidade significativa fechada em si mesma, os hiperlinks apontam para outros gestos de interpretação possíveis, em estado de latência, pois podem se efetuar ou não, em dependência com o gesto de clique do leitor.

Além desse trabalho discursivo de fechamento/abertura dos sentidos no texto, há outro aspecto que une a ambos: sua existência é definida pelos autores/editores do artigo. Ou seja, são os wikipedistas que selecionam os itens que acham relevantes para ser linkados, que termos ou palavras do texto vão explicitamente permitir a navegação/redirecionamento para outros textos. Da mesma forma, cabe ao autor definir que título dará a cada seção, organizando os saberes “cabíveis” e aqueles que o artigo não comportará, através dos índices. O trabalho da ideologia determina essa escolha dos links, assim como dos títulos. As determinações a que os sujeitos-autores estão submetidos ao ocuparem o lugar discursivo de wikipedistas são da ordem do discursivo, o que implica a filiação dos sentidos às redes estabelecidas em formações discursivas distintas. Assim, quando um sujeito exerce sua função-autor e seleciona uma palavra marcando como ligação entre um sentido e outro, ele o faz mediante gestos de interpretação sob a força de um efeito de correspondência, de igualdade, de pertencimento. No verbete que analisamos, “globalização”, há, por exemplo, um link estabelecido sobre a palavra “antiglobalização”. Esta linkagem exerce, nessa situação, um efeito de pertencimento, de relação entre um sentido e outro, ambos, instituídos como verbetes na Wikipédia. Na busca pelo registro do “conhecimento humano”, os sujeitos-autores interpretam globalização em uma exigência de ligação a seu oposto, marcado pelo

prefixo anti. Mas de que natureza seria essa exigência? E por que essa relação dialógica entre um e o seu contrário? Como assim, contrário?

Então, para proceder com a análise do funcionamento discursivo dos links e dos índices tomamos por procedimento específico, que julgamos fundamental e esclarecedor, a comparação entre esses dois verbetes distintos que estão ligados por um hiperlink, no caso, o artigo “antiglobalização” também do dia 24/08/2008 em comparação com o artigo “globalização”.

Em um primeiro momento, sistematizamos em um quadro, todos os links e índices de ambos os artigos (anexo B). Linguisticamente, esta listagem pouco teria a dizer se fosse tomada como uma enumeração de termos dispostos num texto, no caso o verbete. Porém, discursivamente (e isto implica na percepção da historicidade na língua) muito se pode investigar acerca de como esses ditos emergem em cada verbete, seja como orientador e selecionador temático (índice) seja como sentido estabilizado (link).

No caso dos índices (títulos e subtítulos), há um princípio orientador que mantém e constrói o fio do discurso, sobre o qual os ditos são formulados e distribuídos. Existe uma espécie de geografia dos discursos, na qual se linearizam os saberes tomados como dignos de estarem no verbete. No caso dos links (ou hiperlinks), eles são as palavras ou expressões que, cromaticamente marcadas, apontam para outras superfícies lingüísticas postas em relação, pelo léxico, com outros discursos. É preciso pontuar que, o link, enquanto efeito de abertura, pode tanto abrir para outros espaços discursivos, deixando saltar aos olhos a contradição constitutiva de todo discurso, quanto fechar, pela repetição, ainda mais as fronteiras do sentido ali posto, gerando um efeito de completude do dizer.

Nos índices, uma regularidade se estabelece, mas de natureza diferente: os índices carregam consigo uma exigência da formatação da página, assim, ambos apresentam os seguintes termos: *referências, ver também, bibliografia e ligações externas*. Essa exigência é a emergência no artigo do trabalho do lugar discursivo e dos saberes mobilizados que envolvem o imaginário sobre a enciclopédia online. Sendo um “repositório do conhecimento humano”, há a necessidade da vinculação dos discursos aos que os antecederam, portanto, esses índices “obrigatórios” funcionam como o efeito de credibilidade pela amarração com já-ditos legitimados, ditos em outro lugar, aos quais se remonta pela simples menção (*referências, bibliografia*) ou por linkagem (*ver também e ligações externas*).

Passando às especificidades de cada funcionamento, percorramos primeiramente os links. Sendo os dois artigos em análise resultantes das práticas discursivas de sujeitos, percebemos que há regularidades nessas textualizações, mais pontualmente na determinação

dos links que ora se repetiam em ambos, ora não. Assim, realizamos dois movimentos: (1) a verificação dos termos presentes em ambos os verbetes, ou seja, termos comuns, e (2) a verificação dos termos presentes em apenas um deles, ou seja, termos específicos.

Sintagmas que aparecem em “Globalização” e em “Antiglobalização”		
América Latina	China	Consenso de Washington
Corporações,	descobrimientos	Estado
Estados Unidos	Meios de comunicação	Mercados
ONU	Stiglitz	Revolução Industrial
Revolução Tecnológica	Segundo Guerra Mundial	
<i>Total de links em comum: 14 sintagmas</i>		

**Quadro 1 – Links comuns aos dois verbetes**

Sintagmas que aparecem em apenas um dos dois verbetes	
“GLOBALIZAÇÃO”	“ANTIGLOBALIZAÇÃO”
Democracia Aldeia global Índice de liberdade econômica Internet Primeiro mundo/países emergentes	Anarquia Desigualdades econômicas Distribuição de renda Fundo Monetário Internacional, G8, Banco Mundial Fóruns (econômico e social)
<i>Selecionados: 12 links</i>	
<i>Totalidade: 101 links distintos entre si</i>	

**Quadro 2 – Links específicos a um dos dois verbetes**

A partir do quadro 1, percebe-se que há uma rede de sentidos traçada sob os termos que surgem como links em comum. Há um recorte (do interdiscurso pela memória discursiva) de sentidos evocados nas noções de: *mercado, produção, capital, guerras, nações ou nacionalidades, relações de comércio, relações comunicação*. Desta forma, percebe-se, concretamente, o trabalho da ideologia na língua: todo e qualquer sentido é estabelecido a partir das condições de produção e das forças que atuam na/pela língua. As condições de produção em que esses artigos são textualizados remontam a um contexto econômico onde o capitalismo exerce uma força gigantesca na determinação das relações entre os países, entre os próprios indivíduos e dos indivíduos nas relações de produção. Esta força do capitalismo, em seus desdobramentos, incide sobre a ocorrência de guerras, conflitos e manipulação das massas, as quais se tornam meios de obtenção de lucros e supremacias comerciais. No

capitalismo, é a lei do mercado que regula as relações entre os sujeitos a determina os sentidos nas relações de comunicação, ratificando os saberes que corroboram a manutenção das práticas capitalistas.

Portanto, o quadro 1, ao sistematizar os links comuns aos dois artigos, aponta, via análise discursiva, para os saberes que os sustentam e para os jogos de força que determinam os sentidos envolvidos na determinação do que seria, então, a globalização.

Pelas práticas de textualização realizadas pelos sujeitos na Wikipédia, podemos perceber que, na abordagem de objetos discursivos tais como “*globalização*” e “*antiglobalização*” os discursos se estabelecem a partir de um “núcleo comum”, isto é, de um conjunto de representações e complexo de atitudes (modos de ver e viver o mundo) que não são individuais nem universais (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p.166), mas que dizem respeito à formação social (lusófona, ocidental, internauta). Pode-se dizer, que há uma força atuando em confronto com outras forças que se regionaliza como Formação Discursiva Capitalista.

Essa FD Capitalista determina o que pode e deve ser dito, selecionando, de fato, os saberes circulantes, neste caso, no espaço discursivo da enciclopédia virtual. Através do quadro 2, ainda que comportando pouco mais de 10% das variantes entre os links existentes, pode-se verificar que há uma polarização entre duas “formas” distintas de perceber o “global”. No verbete “*globalização*” há toda uma organização de saberes como *comunicação, liberdade, acessibilidade, desenvolvimento* num gesto de apoio ao termo; já no verbete “*antiglobalização*”, os saberes mobilizados dizem respeito a *caráter econômico, exploração e desigualdade, regime políticos contrários (socialismo, comunismo, anarquismo...)*, em gestos de contrariedade, oposição ao termo<sup>30</sup>. Pode-se, sem dúvida, constatar a existência de duas *posições-sujeito* inscritas em duas FD’s distintas que se opõem entre si quanto ao “fenômeno” ou “processo” de globalização: uma mais socialista e outra mais liberal-tecnicista.

Neste momento é que a análise dos índices de cada verbete pode deixar mais clara essa oposição entre essas posições, então, passemos a ela. Observemos o quadro que reproduz todos os índices dos artigos.

---

<sup>30</sup> O sentido *anti* não está contido no prefixo em si, mas sim no seu funcionamento discursivo.

Índices	
“GLOBALIZAÇÃO”	“ANTIGLOBALIZAÇÃO”
1 história	1 manifestações
2 impacto	2 definição
2.1 comunicação	3 notas e referências
3 qualidade de vida	4 bibliografia
4 teorias da globalização	5 ver também
4.1 Antonio Negri	6 ligações externas
4.2 Benjamin Barber	
4.3 Daniele Conversi	
4.4 Samuel P. Huntington	
5 antiglobalização	
6 referências	
7 bibliografia	
8 ver também	
9 ligações externas	

**Quadro 3 – Índices dos artigos**

No verbete “*globalização*”, a discursividade se estabelece na superfície lingüística através de uma contextualização (história) seguida das conseqüências e benefícios, o sentido (positivo) é reforçado através da voz outra que penetra como discurso citado e o fechamento se dá pela formulação que gera um link de um suposto discurso contrário. Ou seja, os saberes são organizados dentro de uma formação discursiva pela sua forma-sujeito que apóia, concorda e reflete sobre as vantagens, assim, os sentidos são inscritos dentro desta FD de modo a ratificar essa visão e a posição-sujeito da qual os sujeitos-autores se colocam está plenamente identificada com a forma-sujeito da FD Capitalista. Já no outro verbete, há o relato (com data e descrições) de manifestações realizadas contra esse “fenômeno”, seguida da definição do que ele seria. É aqui que as diferenças chegam ao extremo: enquanto em *globalização* não há sentidos postos como sinônimos, isto é, não se consegue pensar em outro termo, ele não existe, está apagado, não entra dentro dessa posição-sujeito para substituir ou equivaler-se a *globalização*; em *antiglobalização* há referência, e uma espécie de resgate histórico do termo, onde faz menção a movimentos diferentes, ao *altermundialismo*, por exemplo, e afasta o saber econômico (dominante no outro verbete).

Percebemos, portanto, que ainda que haja uma força de acomodação dos discursos perante o jogo da disposição de *o conhecimento humano de modo imparcial*, isto não se concretiza, dadas as determinações histórico-ideológicas que permeiam todo dizer. E, através dos links e dos índices de dois verbetes da enciclopédia online *Wikipédia* como práticas de autoria, pode-se visualizar esse jogo de forças no campo da língua, onde a historicidade se faz presente na atribuição dos sentidos dados como postos, literais. No caso, duas posições-

sujeitos distintas mantêm uma relação de oposição dentro da mesma formação discursiva: uma plenamente identificada com a formação discursiva dominante, já outra à margem da sua FD; enquanto que as relações dos saberes se dão com poderes distintos: poder econômico e poder político dentro de cada posição.

Creemos que este ponto de nossa investigação sobre a Wikipédia explicita um aspecto muito importante: percebemos, pela análise, o jogo de forças existente entre diferentes formações discursivas e distintas posições-sujeito em um artigo. Mesmo que construídos sobre um imaginário de consenso, neutralidade e imparcialidade, pelo trabalho da ideologia na língua, os artigos são textualizações nas quais diferentes regiões discursivas se confrontam e os sentidos são apenas temporariamente estabilizados pelo esforço de linearização e homogeneização do dizer pelos sujeitos-autores. Verificamos, entretanto, que não há efeito-autor em nenhum dos artigos, mas sim, apenas o pleno exercício da função-autor pelos sujeitos envolvidos ainda que identificados de modos distintos com a forma-sujeito da FD dominante.

É esse esforço sobre o dizer realizado pelos sujeito-autores que nos motiva a desnaturalizar o efeito de todo acabado que o artigo disposto na Wikipédia estabelece. Sendo a escrita de cada artigo realizada de modo colaborativo, diferentes indivíduos interferem no texto do artigo. Portanto, podemos inferir a possibilidade de diferentes sujeitos, ao exercerem a função-autor, virem a realizar gestos de interpretação sobre o que é e o que se deve dizer de “globalização”, cabe-nos, então, investigar como esses gestos se dão e como esses sujeitos, os wikipedistas, se relacionam entre si nesse tão preconizado regime de colaboração.

#### 4.2.2 O artigo como processo colaborativo

Passamos agora a investigar o artigo globalização, não apenas em um dado momento, mas sim, ao longo do tempo, começando pela sua criação e subseqüentes alterações, uma vez que as práticas dos wikipedistas na confecção da enciclopédia se dão exatamente pelas ações de alteração dos artigos.

Após a realização da leitura de todas as intervenções realizadas no artigo “globalização” desde a sua criação em 25/11/2004, até o dia 24/08/2008, verificando cada modificação realizada no artigo, cada alteração, cada intervenção dos sujeitos na posição de wikipedistas, trazemos, deste ponto em diante, um recorte que sistematiza e analisa essas alterações no que as tornam relevantes sob o aspecto discursivo da autoria (colaborativa).

Enquanto nos capítulos anteriores buscamos observar suas construções discursivas acerca do que é a escrita, quais seriam as orientações, as discussões travadas na página específica para as trocas entre os autores etc. Aqui observamos os gestos de interpretação realizados e tangíveis pela alteração que fica registrada na página de histórico do artigo. Ou seja, detemo-nos nos **gestos de interpretação (autoria) marcados pelas alterações**. Sendo cada artigo uma superfície lingüística sob o efeito de fechamento sobre si mesma, na qual há o efeito de realidade que se trata de um todo com significado, esse efeito-texto que lhe é facultado se estabelece pelo funcionamento discursivo no qual a interpretação exerce o efeito de singularidade e repetição do dizer. Tal funcionamento discursivo é função-autor, sendo ela quem vai sustentar, pelas práticas de textualização realizadas pelos sujeitos, a própria existência material da enciclopédia online.

Segue então o recorte que engloba essas alterações e, conseqüentemente, de como se deu o funcionamento da autoria no artigo “globalização”.

A criação do artigo Globalização por um editor (wikipedista) ocorre em 25/11/04, mas fica na Wikipédia por exatos 48 minutos. Isto porque outro editor remove todo o texto do artigo, substituindo pelo alerta de plágio.

s.d.39: “Atenção! O conteúdo desta página foi removido devido às suspeitas de violação de direitos de autor. (...). O texto foi copiado daqui: <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo114a.shtml>”.

Ao aferir a remoção do texto por tratar-se de uma violação aos direitos de autor, os sujeitos envolvidos filiam-se a uma rede de saberes e discursos no qual um texto, conseqüentemente, os sentidos que os constituem, são tomados como pertencentes a alguém, pertencentes a um autor. Essa noção diz respeito a relações de poder das quais nos fala Foucault (1992) ao dizer que o autor na nomeação se torna responsável pelo que diz, responde por isto e submete-se ao jogo de permissão e acesso ao saber. Se o sujeito retoma os sentidos que “pertencem por direito” a outro, cabe-lhes a sanção, a punição. No caso da Wikipédia, a reprodução é punida com a remoção completa. E mais do que isto, o alerta de cópia é marcado pela linkagem de um endereço outro de internet que funciona como ratificação e identificação do dizer pertencente a outro autor. Essa linkagem funciona não como referência a um sentido estabilizado, mas sim, como uma asseveração sintética de originalidade do dizer. O artigo não é extinto, permanecendo com o alerta de remoção até que, três dias depois, em 28/11/04, outro wikipedista publica um outro conteúdo para o artigo “Globalização”, permanecendo este on-line.

Perante o gesto de remoção do artigo acompanhado da linkagem ao site de onde o wikipedista retirou o texto sobre globalização, podemos perceber que a localização da origem do dizer no espaço da web é um critério restritivo da construção do efeito-texto. Ou seja, se for possível identificar o endereço virtual de onde a materialidade discursiva se organizou desta e não de outra forma, não é permitido que sua integralidade seja “transferida” para outra localidade nesse espaço virtual. Esta é uma contradição marcadamente notória na Wikipédia. Como vimos no capítulo anterior, os artigos não podem ser inéditos, entretanto, também não podem ser integralmente reproduzidos de outros espaços, assim, uma tênue distinção entre o que pode e o que não pode estar no artigo marca o “fazer” do wikipedista.

Eis a força do efeito de sentido do termo “**copiado**”. Ele serve apenas para o conteúdo trazido pelo editor, ainda que, contraditoriamente, a própria tag (aviso) é uma cópia padronizada utilizada em toda a Wikipédia. A noção de pertencimento, ou originalidade é radicalmente conferida aos artigos, isto é, o efeito de autoria deve sobressair-se sobre o efeito-texto, exigindo, portanto, a assumpção do sujeito de sua função-autor, na qual os recortes discursivos oriundos de diferentes lugares discursivos e selecionados pela forma-sujeito de uma FD devam ser costurados sob o efeito de unidade, coerência e exclusividade. O esquecimento de que não se é origem do dizer faz crucial na autoria.

Ainda que a enciclopédia seja livre, não havendo, então, direitos de autor sobre seu conteúdo, não há liberdade para reproduzir literalmente, apenas parafrasticamente os dizeres. O wikipedista não está autorizado a recortar apenas o local onde prevalece o efeito de origem do dizer, ele precisa modificá-lo de alguma forma, ainda que de modo sutil.

A partir desse texto primeiro, as edições vão sendo feitas de diversos modos, mas, numericamente a retirada ou acréscimo de parágrafos inteiros são predominantes. Por não haver necessidade de reprodução de cada uma das alterações realizadas e que entram no recorte que propomos aqui, trazemos apenas como ilustração do funcionamento da modalidade de edição do artigo, o quadro que segue, no qual fica visível que o segundo parágrafo é retirado integralmente do texto.

<a href="#">Edição tal como às 01h24min de 28 de Novembro de 2004</a> ( <a href="#">ver código</a> ) <a href="#">Mateusc</a> ( <a href="#">discussão</a>   <a href="#">contribs</a> ) <a href="#">← Ver a alteração anterior</a>	<a href="#">Edição tal como às 01h30min de 28 de Novembro de 2004</a> ( <a href="#">ver código</a> ) <a href="#">Mateusc</a> ( <a href="#">discussão</a>   <a href="#">contribs</a> ) <a href="#">Ver a alteração posterior →</a>
<p><b>Linha 1:</b></p> <p>A Globalização é um processo de facilitação na integração de países no final do [[Século XX]], é um fenômeno observado na necessidade de formar uma [[Aldeia Global]] que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.</p>	<p><b>Linha 1:</b></p> <p>A Globalização é um processo de facilitação na integração de países no final do [[Século XX]], é um fenômeno observado na necessidade de formar uma [[Aldeia Global]] que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.</p>
<p>O termo frequentemente gera discussões e controvérsia a respeito da coerência a que ele se propõe. Grupos de esquerda, opositores e organizações denunciam que tal processo é um mero plano de países ricos para conquistar mercados em países pobres, não se importando</p>	



A lacuna que podemos visualizar no quadro, pela edição do artigo, evidencia que há um apagamento, um esvaziamento no texto, isto é, na eliminação de um parágrafo inteiro. Esse silenciamento diz respeito a uma interrupção no fio do discurso em um ponto onde não se pode dizer, ou não se deve dizer do modo como está dito, cabendo, portanto, um silêncio necessário e carregado de sentido. O espaço “esvaziado”, entretanto, não se torna visível no artigo, o que mantém o efeito de unidade, de todo do efeito-texto que se vem construindo pela autoria.

Analisemos o parágrafo removido.

s.d.40 – “ O termo frequentemente gera discussões e controvérsia a respeito da coerência a que ele se propõe. Grupos de esquerda, opositores e organizações denunciam que tal processo é um mero plano de países ricos para conquistar mercados em países pobres, não se importando com a situação social dos mesmos”

Nesta seqüência, um discurso-outro entra como pré-construído e traz ao nível da formulação os sentidos que apontam para o termo globalização como algo polêmico, controverso, pontuando um sentido outro para a globalização, a de ser *um plano de países ricos para conquistar países pobres*. Ao se chocar com o outro sentido para a globalização, a de ser *um processo na integração dos países*, imediatamente, um choque entre filiações discursivas antagônicas se estabelece, beirando o insustentável que culmina na retirada do parágrafo inteiro através do funcionamento da edição. Aqui, o gesto do sujeito-autor, que interpreta ambos os sentidos como impossíveis de permanecer na formulação, apaga o que compromete, discursivamente, o efeito de unidade e coerência (marcas da autoria) do artigo enquanto efeito-texto.

Ou seja, a remoção do parágrafo concretiza no nível da formulação o choque e a coexistência entre posições distintas e opostas acerca de globalização que estavam discursivamente travadas no efeito-texto. Assim, o sujeito em sua função-autor reformula o texto, que já não é mais o mesmo texto, e ao alterar o artigo, removendo trechos, discursivamente oculta o confronto entre posições-sujeito.

Outro funcionamento predominante, e que acompanha a retirada de parágrafos ou trechos inteiros de texto, é o acréscimo de parágrafos ou trechos. Há a inserção de blocos textuais inteiros ao efeito-texto já existente. Esse trabalho de inserção corresponde no nível enunciativo, das práticas de textualização de discursos pelos sujeitos em sua função-autor. Temos aqui, portanto, autoria no sentido de trabalho sobre um efeito-texto.

Mais do que isto, podemos perceber que os acréscimos correspondem a formulações de uma posição-sujeito que mobiliza sentidos nos quais a globalização é um processo econômico e cultural historicamente estabelecido, além de trazer um discurso-outro nomeado e legitimado sobre globalização. Há nesse movimento de retiradas e acréscimos um jogo de forças entre posições-sujeitos.

Quantitativamente a maior parte das edições realizadas no texto do artigo analisado se dá por acréscimos ou retiradas. Constatamos um movimento usual de escrita do texto: há primeiramente, o acréscimo de um ou mais trechos - blocos textuais. Em seguida, há a leitura da alteração por outro(s) editor(es) numa espécie de “avaliação” da nova contribuição. Caso haja uma identificação, ou ainda “aprovação” o bloco textual acrescido passa a incorporar o artigo. Caso não haja identificação, ou ainda uma “rejeição” o bloco textual é completamente removido.

Essa aprovação/rejeição exige uma análise apurada, pois é ela que determina a constituição de todo o texto do artigo, bem como de seus desdobramentos. O que nos leva a crer que, discursivamente, há aí gestos de tomada de posição entre os sujeitos do discurso envolvidos que determinam os movimentos de acréscimo/retirada. A tomada de posição, enquanto desdobramento do sujeito em identificação com a forma-sujeito de uma FD, corresponde a um dos aspectos da autoria, uma vez que na tomada de posição, o sujeito passa a exercer/assumir a função de autor, como origem e unidade do dizer.

Observemos o que fica, o que entra e o que sai do artigo em uma única e mesma alteração.

Fica:

s.d.41 – “A Globalização é um processo de facilitação na integração de países no final do [[Século XX]], é um fenômeno observado na necessidade de formar uma Aldeia Global que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.”

Entra:

s.d.42 – “Teorias da Globalização: Antonio Negri. O pensador italiano Antonio Negri defende, em seu livro "Império", que a nova realidade socio-política do mundo é definida por uma forma de organização diferente da hierarquia vertical ou das estruturas de poder "arborizadas””

Sai:

s.d.40 – “O termo freqüentemente gera discussões e controvérsia a respeito da coerência a que ele se propõe. Grupos de esquerda, opositores e organizações denunciam que tal processo é um mero plano de países ricos para conquistar mercados em países pobres, não se importando com a situação social dos mesmos”

Ao observar o trabalho do sujeito-autor na retirada, na manutenção e na inserção de fragmentos textuais, podemos observar que a permanência da s.d.41 se dá para que o sentido estabilizado de *globalização* como *processo de integração entre países* também se mantenha. Assim, a s.d.40, como vimos, por estabelecer um confronto entre aquele sentido e a que ela veicula, de que a *globalização* seria *um plano de conquista dos países ricos sobre os países pobres* faz com que esta seja eliminada. Por sua vez, a entrada da s.d.42 tem um funcionamento completamente distinto das outras s.d.s em questão: ela vem como um discurso autorizado, uma citação, na qual o discurso-outro emerge com assinatura de autor, origem. Assim, a menção um nome próprio, definido como *pensador* traz ao efeito-texto, um efeito de cientificidade e originalidade, retomando o que vimos no capítulo anterior na discussão sobre as “fontes confiáveis”.

Ao tomar as s.d.s 40 e 41, especificamente, podemos perceber que há duas forças atuantes em jogo na construção discursiva do texto: **o efeito desejado de enciclopédia**, ou seja, a busca por efeito de sentidos que dêem conta do conhecimento acerca do tema definido, e **o efeito de imparcialidade** na mobilização desses sentidos, ambos suscitados pela FD dominante, a FD do Enciclopedismo.

Quando *globalização* passa a ser discursivizada como *processo, fenômeno*, e é descrita como uma *necessidade*, situado no tempo, *facilitando a aldeia global* que gera os *ganhos do mercado* (s.d.41), temos aqui uma posição-sujeito identificada com a forma-sujeito de outra FD, a Formação Discursiva Capitalista, posição esta que pode ser considerada neoliberalista, cuja regulação de dizeres ovacionam o livre comércio, a quebra das fronteiras nacionais e o domínio do mercado financeiro. Assim, submetida à FD do Enciclopedismo, mas fortemente em jogo com a FD Capitalista, a força da posição neoliberal constrói o discurso do conhecimento acerca de *globalização*.

Pela oposição entre as s.d.s 40 e 41, podemos observar que há uma relação entre o que controla o discurso enciclopédico (que constituem os saberes e regulam as determinações da FD do Enciclopedismo) e os discursos outros, que vem de fora e que são organizados pela função-autor (como sentidos estabilizados). Assim, travam-se, pelas redes discursivas, diferentes jogos de força entre FDs distintas, que negociam ou opõe sentidos aos objetos discursivizados como verbetes da enciclopédia, sob a força de uma FD dominante, que regula e modaliza o trabalho da função-autor quanto ao efeito-texto.

No caso dessas SDs, bastante afetado pela força desse efeito de sentido da FD Capitalista, o acréscimo ao texto do verbeve vai tentar causar, na superfície textual-discursiva, outro efeito, que aproxima mais o discurso do conhecimento ao efeito desejado de verbeve

enciclopédico, afastando do efeito positivo (de simpatia) com a Globalização. Assim, ocupando outra posição-sujeito, o sujeito do discurso mobiliza sentidos de organização do saber: resgatando discursos outros (nomes de teóricos) sobre o objeto discursivizado. É a identificação plena com outra família de discursos: a Formação Discursiva do Enciclopedismo. É esta FD que determina o que pode e deve ser dito, como datas, locais, descrições, caracterizações e citações de especialista como funcionamentos discursivos fundamentais de autoria. Por isto, entre o conjunto de formações discursivas que determinam os discursos presentes na Wikipédia, a partir da Formação Ideológica do Saber, é a FDE que atua como dominante nos processos discursivos. Nesta FDE, exige-se o efeito de tentativa de neutralização do dizer, de totalidade e síntese.

Assim, dentro do jogo de dominância entre as duas FDs (capitalista e enciclopédica) certos sentidos não poderão mais permanecer na textualização que configura o artigo. É o que acontece com os efeitos de sentidos de *denúncia dos grupos de esquerda* de que *controverso*, o termo globalização significa *domínio dos mercados de países pobres pelos países ricos*. Esse sujeito do discurso, identificado com uma outra Formação Discursiva, marcadamente oposta ou antagônica (pela prioridade de saberes que envolvem o aspecto social e não mercadológico da Globalização), está tão distanciado das outras FDs envolvidas, que a memória discursiva estabelece outros percursos de resgate dos saberes contidos no interdiscurso. A tal ponto que, não compartilha da mesma memória e das mesmas formações imaginárias presentes no texto, acerca do saber enciclopédico e do caráter mercadológico do termo “globalização”. O saber não pertence a essa rede de saberes discursivos e não pode ali permanecer.

A autoria, portanto, se estabelece aqui como funcionamento discursivo no qual a tomada de posição regula os discursos que, mobilizados, passam a apresentar um efeito de textualização, compondo assim, o artigo da enciclopédia online. Os sujeitos do discurso em suas práticas, aqui tomadas no gesto de edição, ocupam a posição-autor enquanto sujeitos que exercem a função enunciativa de autor, organizando a superfície linguística do texto ao passo que exercem a função-autor enquanto função discursiva de princípio de agrupamento dos discursos, sob o efeito de singularidade e unidade. Entretanto, não há aqui um efeito de autoria, ou ainda, um efeito-autor, que venha a instaurar uma nova FD, ou uma nova discursividade.

O formato wiki de que a Wikipédia se constitui, permite que todas as alterações fiquem registradas e armazenadas em um grande arquivo (“o histórico” da página). Como vimos, as alterações podem ser feitas por acréscimo ou retiradas de palavras, parágrafos ou

grandes blocos de texto; ou ainda por outro mecanismo: **a reversão**. Esse funcionamento permite que se retorne a um atual estado de edição (anterior, não necessariamente cronologicamente próximo), substituindo o artigo que por ora está por esse artigo anterior. Trata-se de uma troca, por inteiro, da versão atual do artigo por uma anterior, revertendo, portanto, o texto.

A reversão, no artigo analisado, é uma prática amplamente utilizada por seus editores. Assim, selecionamos os dois casos mais comuns e significativos nos quais a reversão é o funcionamento do processo de edição dos autores (vandalismo e divergência/diferença).

O imaginário de Wikipédia configura uma idealização de escrita na qual não cabem “vandalismos”, um efeito de sentido atribuído a tudo o que não é regulado e permitido pela Formação Discursiva do Enciclopedismo. Essa proibição diz respeito no nível do discurso ao que é interdito nessa regionalização ideológica, estando fora daquilo que é aceito e regulado pela sua forma-sujeito.

Na prática, não há uma sistematização do que seria ou não vandalismo para a Wikipédia, sendo a classificação do que é ou não vandalismo realizada pelos próprios editores a partir das regras de funcionamento da enciclopédia virtual. Ou seja, o gesto de interpretação de cada sujeito mediante o efeito-texto é que remonta (ou não) à interdição. Observamos, como ilustração, o quadro que pontua a reversão justificada como vandalismo.

<a href="#">Edição tal como às 23h01min de 17 de Março de 2005 (ver código)</a> <a href="#">200.96.209.37 (discussão)</a> (→Antonio Negri) <a href="#">← Ver a alteração anterior</a>	<a href="#">Edição tal como às 23h41min de 17 de Março de 2005 (ver código)</a> <a href="#">Jorge (discussão   contribs)</a> (reversão de vandalismo e abasileiramento) <a href="#">Ver a alteração posterior →</a>
<p><b>Linha 3:</b></p> <p>As principais características da Globalização são a <b>homogeneização</b> dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] supostamente "universal", entre outros.</p> <p>* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.</p>	<p><b>Linha 3:</b></p> <p>As principais características da Globalização são a <b>homogeneização</b> dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] supostamente "universal", entre outros.</p> <p>* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.</p>
<p><b>Linha 12:</b></p> <p>==Teorias da Globalização==</p> <p>====Antonio Negri a <b>bixinhazinha</b>====</p>	<p><b>Linha 12:</b></p> <p>==Teorias da Globalização==</p> <p>+====Antonio Negri====</p>

**Quadro de edição: vandalismo**

Na edição revertida (à direita no quadro) podemos notar a classificação do acréscimo da s.d.43 “Antonio Negri a **bixinhazinha**” como vandalismo, conseqüentemente, algo a ser imediatamente eliminado da superfície textual. Aqui, o efeito de sentido suscitado pela adjetivação *a bixinhazinha*, suscita os sentidos mobilizados em outra Formação Discursiva, a FD da Sexualidade Humana, FD filiada a outras Formações Ideológicas (Moral, Religião), e sobre a qual inúmeros conflitos e tabus humanos encontram as matrizes parafrásticas para críticas ou apologias quanto a orientação sexual dos indivíduos de modo pejorativo. A questão da sexualidade humana pode ser mobilizada, na FD Enciclopédica apenas quando veiculada diretamente à Ciência, cujo efeito de objetividade e imparcialidade atribuídos aos saberes científicos em muito se aproximam da noção de saber enciclopédico almejado. Assim, é por não pertencer à esse universo da Ciência que “bixinhazinha” não pode permanecer no artigo, sendo retirado mediante o rótulo de vandalismo. Além disso, essa não-cientificidade, remonta também ao campo do preconceito, da injúria sobre o sujeito envolvido, o que fortalece o sentido de ofensa e inadequação almejado pelo sujeito-autor que formula a SD em questão.

Cabe aqui ressaltar que o artigo analisado apresenta centenas de casos considerados vandalismos, nos quais, predominantemente, as edições “dos vândalos” remontam à suas performances sexuais, ou aos órgãos sexuais referenciados em termos “proibidos” ou “classificados como palavrão”, ou ainda a práticas sexuais. Tamanha é a complexidade do vandalismo inscrito a partir das formulações que envolvem o tema sexualidade, que exigiria um estudo específico, pois mobiliza questões da ordem da moralidade, das interdições da religião, das regras civis, etc... Por ora, é fundamental perceber que no funcionamento da autoria na Wikipédia, a sexualidade humana tem sua entrada como injunção a dizer que rompe com a fronteira do discurso científico (valorizado) e do discurso enciclopédico (almejado). Há, portanto, um controle dos discursos na regulação do que fica e do que sai do artigo mediante uma “assepsia” dos saberes, trabalho este da forma-sujeito da FD Enciclopédica.

Observamos outras duas edições, nos quais os wikipedistas acrescentam em meio ao corpo textual, o que tomamos aqui como as seguintes seqüências:

s.d.44 – “Copie e cole, engane o idiota do seu professor”.

s.d. 45 – “e tem mais professora,e o antonio negrini era um negro bem preto mesmo q num sabia de nada dessas poha.. eu peguei esse texto nesse site e nem li nada, eu sou burro né.”

Em ambas as edições, os sujeitos do discurso não buscam a identificação com a FDE (a dominante) tampouco com as outras FDs em jogo no artigo. Ao “interferir” no texto, o sujeito do discurso se posiciona no lugar discursivo do internauta estudante (e não no do wikipedista), e toma a posição-sujeito de aluno em desidentificação com a forma-sujeito da Formação Discursiva da Educação. Isto porque na relação travada entre as construções imaginárias de sujeito-autor e sujeito-leitor nos trechos acrescentados, o sujeito do discurso se dirige especificamente ao colega, também aluno, que deve *enganar o seu professor*, e ao próprio professor afirmando que *pegou o texto e nem leu*, sendo, portanto, *burro*.

Esses sentidos de cópia, reprodução, engano, leitura, burrice pertencem aos discursos suscitados pela Formação Discursiva da Educação e que apontam para os mecanismos de resistência dos estudantes ao funcionamento da escola como aparelho ideológico de Estado como espaço de submissão ao sistema. O fato de o estudante acrescentar ao corpo de um texto (que se pode deduzir será impresso e entregue ao professor como tarefa cumprida) uma discursivização de protesto, aponta para um sistema de ensino, que regulariza práticas também a partir da Formação Ideológica do Saber, no qual cabe aos alunos reproduzir sentidos prontos, textos prontos como fruto de uma suposta pesquisa escolar. Já que o conhecimento está fora deles e precisa ser internalizado, ainda que seja buscado na internet e meramente copiado, sem ler, assim também o que eles dizem está fora do discurso enciclopédico, e deve, por conseguinte, ser considerado vandalismo.

Outro caso de vandalismo bastante comum é a assinatura do verbete.

Foucault, como vimos, salienta como uma das marcas de autor a assinatura do nome, porém, na Wikipédia, e mais precisamente na autoria do artigo, a assinatura do nome é proibida. Com registro de que **foi escrito** por alguém...

s.d. 46 – “escrito por José Vladson Mendes de Arruda”

s.d.47 – “Osiel S. Mello. Amo Juliana”.

Na s.d.46, temos a marca lingüística da autoria na expressão **escrito por** seguida de nome e sobrenome. Há, pois, a necessidade do nome, da assinatura no trabalho da função-autor que regulariza e busca o efeito-texto do artigo pelo nome de autor. Já na s.d.47, o nome próprio seguido de uma declaração de amor, funciona distintamente, não apenas marcando o nome de autor, mas também grafando um amor, uma paixão, como uma necessidade de

registro, permanecência desse sentimento (outrora marcado por iniciais em árvores, rabiscos em folhas últimas de caderno, etc.).

Mais uma vez, esses acréscimos são retirados do texto pelo mecanismo de reversão, por não pertencerem a FD Enciclopédica. Mas, sendo a assinatura uma das marcas de autor, é preciso refletir a força e o papel de sua proibição na Wikipédia. Enquanto a assinatura responsabiliza o autor pelo seu dizer e o instaura com origem desse dizer, como “fonte primária de um conhecimento”, na Wikipédia, a mesma assinatura viria a enfraquecer o imaginário de que se trata de um repositório de todo o conhecimento humano registrado de uma forma neutra e imparcial. A ausência de assinatura gera o efeito de sempre já-sabido, de sempre verdade, não sendo necessário à remissão a um indivíduo específico que o tenha “descoberto” ou “registrado”. A autoria, então, se marca de outras formas.

Percebemos ainda ao longo do percurso do artigo que as reversões também são comumente realizadas pelos wikipedistas, sem uma razão “subversiva” evidente como no caso do vandalismo. Questionamo-nos então quais seriam as motivações de uma ação tão drástica quanto a reversão. Constatamos que “as razões” eram da ordem do discursivo, isto é, das relações entre língua e ideologia. Há, portanto, um confronto (suave ou grave) entre os posicionamentos dos sujeitos no discurso, isto é, entre os autores, as forças coercitivas ou organizadoras dos discursos não correspondem literalmente aos mesmos gestos de interpretação, uma vez que os pontos de deriva evidenciam que o sentido sempre pode tornar-se outro, esse outro sentido, às vezes emerge pelo viés da diferença ou da divergência.

Cazarin (1997, p.102) distingue as duas formas de relacionamento discursivo como sendo a **diferença** “diversidade, variedade de posições de sujeito que não são iguais, mas convivem pacificamente num mesmo domínio de saber” e **divergência** “discordância, ou seja, como posições de sujeito que se afastam progressivamente. Convivem no mesmo domínio de saber, mas em permanente tensão”. Assim, Cazarin deixa claro que na diferença não há igualdade, mas uma convivência entre afirmações e concepções de modo distinto, mas sem a exclusão tampouco tensão no discurso, são as relações entre posições-sujeito de uma FD que acrescentam umas à outras, convivendo. Já na divergência há uma relação entre posições de uma FD que se opõem, tensionam o discurso ao ponto de tornar-se quase insustentável a permanência na mesma FD. Em ambos os casos, tanto na diferença quanto na divergência, as distinções se dão no modo com que as posições-sujeito se relacionam entre si e com a forma-sujeito da FD em que estão inscritas.

Moreira e Silva (2007, p.44) pontua que “A diferença abre para a coexistência de modos de dizer que não são homogêneos, mas que não se excluem” já a divergência “mostra



as contrariedades, o duvidoso, o controverso e aparece na maneira de questionar, de pôr em dúvida, de afirmar contrários, de comparar, de equiparar, de intensificar, de negar o outro, de constatar “evidências” e de pôr à prova”. Ou seja, os saberes regulados pela forma-sujeito da FD em questão são negociados e mantidos em um jogo de forças entre as posições-sujeitos, podendo ser esse jogo mais pacífico ou mais tenso.

No caso do artigo em estudo, a reversão é o mecanismo usual de “suavização” da diferença ou da divergência. Vejamos como.

### **Diferença**

Neste caso a diferença entre os editores é leve, e o emprego de uma palavra gera a distinção e a conseqüente reversão, de uma materialidade discursiva por outra.

s.d. 48 – “Para Negri, esta nova **denominação** (que ele batiza de ‘Império’) é constituída por redes assimétricas”

(revertida para)

s.d. 48rev – “Para Negri, esta nova **dominação** (que ele batiza de ‘Império’) é constituída por redes assimétricas”

Percebemos que na reversão realizada (troca de denominação por dominação) a diferença se dá apenas em nível interno à mesma Formação Discursiva. O que difere é o referente, ou seja, o objeto de discurso, que cada sujeito atribui a Império. Para o primeiro, o sentido evidente de Império é o nome dado a nova forma de organização da realidade sócio-econômica do mundo. Já para o segundo, o sentido evidente de Império é modo com que as estruturas de poder se fazem eficazes nesse formato “arborizado”. A diferença se dá entre duas posições-sujeito muito próximas à mesma forma-sujeito.

Em outro caso, a reversão passa a estabelecer um silenciamento quanto à adjetivação dada a um pensador, cujas afirmações entram como discurso transversal que emerge sob o efeito de verdade, dada a condição de citação de especialista, ou seja, como autor (com assinatura) legalmente responsável por um dizer.

s.d.49 - “O pensador **comunista** italiano Antonio Negri defende, em seu livro”

(revertida para)

s.d.49-rev: “O pensador italiano Antonio Negri defende, em seu livro”

Assim, o termo comunista é excluído no fio do discurso, suavizando, assim, a vinculação explícita dos discursos estabelecidos às redes de formulações que se inscreveriam na formação discursiva Comunista. Evidenciar um posicionamento político, uma ligação de ideais não seria “conveniente” ao trabalho dessa posição-sujeito por sobre a noção de globalização.

No caso de diferença entre posições-sujeito que ainda estabelecem entre si uma relação de convivência na mesma FD, vemos que uma problematiza mais os saberes, questionando-os, e acaba por relativizar as afirmações através da reversão. Então, ainda que forma-sujeito da FD do Enciclopedismo exerça uma força gigantesca sobre os sujeitos, apontando para um efeito de neutralidade do dizer, pela reversão como emersão no discurso da diferença entre posições-sujeitos, constatamos que essa neutralidade não se concretiza, sequer como efeito.

### **Divergência**

Já na divergência, que também se materializa no gesto de reversão, os sujeitos do discurso se afastam do imaginário construído acerca da escrita enciclopédica, e longe de seguir a máxima do site de “não apagar, mas sim, corrigir e ampliar”, as reversões ocorrem pela substituição completa do texto integral de cada versão do artigo. É como se não houvesse nada relevante na edição atual, devendo ela, portanto, ser desconsiderada.

Nesse percurso de autoria enquanto funcionamento discursivo onde se estabelecem gestos de interpretação, temos primeiramente um texto que materializa discursos cuja maior parte de blocos é removida integralmente pelo gesto de um autor. Em seguida, temos outro autor que reintegra todos os blocos removidos, apagando o gesto do anterior. Percebemos, então, o gesto de um sujeito em negar, ou refutar o conteúdo do artigo. Assim, ele apaga, elimina os blocos textuais com os quais discorda. Entretanto, não há como investigar de que natureza é essa discordância: se é da ordem do formato e então haveria divergência entre posições-sujeito da Formação Discursiva Enciclopédia; ou se é da ordem do sentido e então haveria divergência entre posições-sujeitos de diferentes Formações Discursivas.

Ao passo que um sujeito nega o texto, outro resgata-o integralmente, revertendo o apagamento realizado. Assim, o texto volta a estar como antes, como se a divergência não houvesse existido.

Vejamos, por fim, uma reversão por divergência, cuja edição revertida modificava boa parte da extensão do artigo. Nesta reversão, o texto revertido está em ampla tensão com o texto que “fica”, permanece. Ainda que pertencentes à mesma FD, as posições-sujeito estão em conflito. A posição-sujeito revertida mobiliza os mesmos saberes que a outra, porém, o modo como os discursiviza a coloca quase à borda da FD. Ainda assim, a identificação com a mesma forma-sujeito se torna evidente.

s.d.50 – “Parece absurdo pensar nisso, mas a temperatura de seu corpo nesse exato momento, é preservada por uma roupa produzida graças ao trabalho de milhares de pessoas em vários países do mundo”

(revertida para)

s.d.50-rev – “A “globalização” é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política, com o barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo no final do século XX e início do século XXI”

O sujeito formula na primeira pessoa do plural, algo que deveria ser conteúdo enciclopédico, neutro, imparcial... assim, se entrevê que a interlocução estabelecida entre sujeitos (percebidos na condição de autor e leitor) não é tolerada como possível numa enciclopédia. Mais do que isto, a forma de contato com o leitor/internauta entra num conflito com o modo regulado pela FD dominante. Portanto, a divergência aqui se instaura entre as posições-sujeito entre relação com a FD do Enciclopedismo na qual se inscrevem, e não com as outras FDs das quais mobilizam amplamente saberes a serem discursivizados nos artigos.

Deslocando um pouco o olhar (até aqui focado na edição por reversão), e detendo-o em um último mecanismo de edição na Wikipédia, podemos ter uma visão mais ampla da relação entre os sujeitos e a ocupação do lugar discursivo de wikipedista: trata-se da **alteração**. O processo de construção de um artigo da Wikipédia também apresenta um funcionamento bastante relevante, não do ponto de vista quantitativo, mas sim, qualitativo, pois as relações histórico-ideológicas que são travadas no fio do discurso deixam-se aparecer pela escrita com **alterações**.

Essas alterações de que falamos aqui, são mudanças, modificações, tanto em palavras específicas quanto em largos blocos textuais. Assim, sem fazer uso da reversão (um gesto de apagamento) os editores exercitam sua autoria numa modalidade mais próxima do que seria a proposta da forma-sujeito almejada na discursivização da Wikipédia pela Wikipédia, a de uma

autoria em colaboração entre leitores, mais uma vez, tanto a divergência quanto a diferença vêm a marcar o gesto de edição.

s.d.51 – “é um projeto das empresas e empresários americanos, em especial das grandes empresas transnacionais.”

(alterada para)

s.d.51alt – “é um projeto das empresas e empresários do mundo inteiro, em especial das grandes transnacionais”.

Aqui, o sujeito do discurso preocupa-se em amenizar o poder dos discursos que apontam para um país em especial, os EUA, como o mais poderoso e causador da globalização. Assim, ao alterar *americanos* por *do mundo inteiro* há a necessidade de significar este “mundo inteiro” por “empresários alemães e tigres asiáticos”, fechamento de sentido apresentado no comentário sobre a alteração feita.

Um caso específico de alteração do artigo se presentifica na imagem da “**REVISÃO DO ARTIGO**”. Portanto, passamos a analisá-la mais detidamente.

Geralmente solicitada por um dos administradores através do uso de tags (etiquetas) que apontam para a necessidade de revisar o verbete como um todo, ou partindo apenas da vontade de um dos editores, muitos artigos passam por ações de “revisão”. A revisão busca adequar o texto aos padrões estabelecidos pela Wikipédia que regulam e delimitam as possibilidades de organização dos textos como “enciclopédicos”. Trata-se de uma espécie de higienização do verbete, bem como de uma formatação.

O artigo em análise aqui teve sua primeira revisão realizada aproximadamente vinte meses após sua criação. Considerando a rapidez das alterações feitas continuamente, muitas vezes com diferenças de pouquíssimas horas entre si, a revisão levou certo tempo até que fosse objeto de dedicação de um editor.

Ainda que a indicação amplamente difundida e preceituada da Wikipédia seja “não apague (...) corrija e acrescente”, mais uma vez, assim como nas alterações anteriores, o que de fato ocorre na revisão do artigo é a predominância de ações sobre blocos textuais inteiros, e não sobre os “conteúdos” inerentes aos blocos. Pontualmente, pode-se concluir que a revisão do artigo “globalização” caracterizada por três grandes e recorrentes ações: o **deslocamento**, a **retirada** e a **inserção** de blocos textuais, geralmente parágrafos inteiros. Para um leitor comum essas ações seriam tomadas como algo pontual, o meio pelo qual os editores simplesmente “mexem” no texto do artigo. Entretanto, discursivamente, essas ações dizem

respeito crucialmente às determinações dos sujeitos pelo trabalho da ideologia na língua. Assim, desnaturalizamos a “vontade” do editor e passamos a compreender o jogo de forças no estabelecimento dos sentidos, o confronto entre posições discursivas e entre formações discursivas. Esta percepção redimensiona o gesto de interpretação (a autoria) na enciclopédia online e problematiza o efeito de neutralidade tão almejado.

Não havendo alterações internas aos trechos (orações e frases) tampouco variações e mudanças no emprego de expressões lingüísticas, o que demandaria confrontos discursivos regionalizados; sistematicamente, para fins de análise, o texto submetido à revisão foi dividido em 39 blocos textuais (podendo estes conter apenas títulos, referências ou parágrafos) e o texto revisado em 45 blocos textuais. Assim, pode-se perceber as ações de revisão através dos movimentos realizados com esses blocos. Dos 39 blocos iniciais, permaneceram na versão revisada do artigo 15 blocos intactos em sua superfície lingüística. Destes 15, 9 foram deslocados de seu “lugar” na superfície textual, ou seja, foram deslocados mais para o início ou para o final do texto.

Discursivamente, esses deslocamentos são motivados por uma tentativa de “despersonalização” dos posicionamentos acerca da globalização. No texto submetido à revisão, logo após uma conceituação inicial do que seria a globalização e de suas características, era priorizado o subitem “**teorias da globalização**” e nomes de alguns pensadores como **Antonio Negri**, **Benjamin Barber** e **Samuel Huntington** eram citados acompanhados de pequenas resenhas de suas opiniões sobre a globalização. No artigo já revisado, todos os blocos textuais que davam conta desse elenco de pensadores foram deslocados bem mais para o final do verbete, tendo grandes blocos (inclusive novos) antecedendo-os. Há, portanto, dois marcos de esforço na autoria da revisão: despersonalizar os conteúdos, mesmo que seja mobilizando nomes próprios; e generalizar afirmações, apagando traços ideologicamente mais visíveis. Essa generalização diz respeito ao efeito de evidência dos sentidos, como algo “que todos sabem que é isso”, uma vez que ao pertencer a uma formação discursiva todos compartilham do mesmo sentido. Há, portanto, uma espécie de fortalecimento dos saberes da FD em questão.

### **Algumas considerações**

Na confecção de um artigo da Wikipédia, portanto, apenas alguns sentidos são estabilizados e emergem como discurso na formulação, porém, desses alguns, há ainda aqueles que sua permanência não é garantida, dada a sua incompatibilidade com saberes ou determinações regulados pelas formações discursivas nas quais se inscrevem. Assim, um

conjunto regular de discursos se mantém e compõe a materialidade lingüística do artigo. Estes, não geram confronto, seja com a FD dominante seja com sua forma-sujeito. Podemos perceber, então, que autoria, de fato, constitui-se de gestos de interpretação. As formulações dos sujeitos, enquanto autores-leitores da enciclopédia online, emergem trazendo pela memória discursiva, saberes do interdiscurso, regulados e “selecionados” pela FD do Enciclopedismo (a dominante), que, em constante mescla com a FD da Cibercultura, estabelecendo efeitos de sentido que ratificam ou corroboram a imagem construída e idealizada na figura do Wikipedista, aquele que, disponibiliza todo o conhecimento humano através da web. É assim que a autoria se estabelece na Wikipédia.

Mas esse movimento de estabilização de sentidos não é pacífico, tampouco natural. Há um jogo de forças bastante marcado que surge na figura da alteração. Assim, a autoria, enquanto funcionamento que culmina no efeito de singularidade e fechamento do dizer, vai sendo estabelecida pelas produções discursivas de sujeitos que exercem sua função-autor desde a determinação do que é passível de tornar-se “entrada” de artigo, isto é, assunto para uma enciclopédia, até a escrita ou eliminação de blocos textuais e imagens que vem a constituir o artigo. Função-autor esta, garantida pela busca da unidade e da coerência, jamais pela assinatura, pois se trata de autoria, em tese, colaborativa.

Essa colaboração, na verdade, mostra-se mais como negociação, uma vez que sujeitos-autores dispõem suas formulações nas páginas de um artigo e já outros sujeitos-autores avaliam, concordam, discordam, eliminam, advertem, aqueles que vierem a ler o artigo em questão. Essa relação delicada e nem sempre cordial entre os wikipedistas é regulada pelo mecanismo virtual da alteração, como mencionamos antes. Assim, uma formulação pode ser alterada em diferentes extensões textuais e, inclusive, em sua totalidade. Pela interpretação, gestos de leitura configuram os sentidos pelos pontos de deriva existentes pelo trabalho da história na língua, e então entre a multiplicidade de sentidos, apenas alguns podem permanecer, mas sempre deixando “pistas” para os outros sentidos possíveis. São por esses vestígios deixados que a interdição ou o silenciamento encontram espaço e razões para coexistirem com o que permanece no efeito-texto, um todo com significado.

A alteração exerce esse encargo: de eliminar da superfície textual o que não é aceitável ou que exige mudança. Há uma gradação entre as alterações. Em geral, o artigo é escrito, isto é, tecidos discursivos são costurados formando uma rede aparentemente una e homogênea, pelo acréscimo e/ou retiradas de trechos/parágrafos inteiros. Como um empilhar de tijolos. Outra alteração, que predomina no artigo em análise, é a reversão. Isto é, a mudança para um estado anterior do verbete que pode ser realizada mediante a interpretação de que uma

determinada formulação seja “vandalismo”, ou pode ser realizada “sem razões textuais pontuais”, isto é, discursivas. Deste modo, a diferença ou a divergência entre posições-sujeito regem a reversão, pois a superposição entre os saberes da posição-sujeito enquanto posição-autor com a forma-sujeito da FD dominante deve ser a mais correlata possível. Por fim, há ainda uma escrita com alterações que buscam mais a construção de um texto, delineando, então, negociações no campo do discurso. Entretanto, pelas análises, pudemos verificar que há apenas função-autor no percurso de autoria da enciclopédia on-line, não havendo, entretanto, efeito-autor, uma vez que os sujeitos se colocam na origem do dizer, dando unidade e coerência a ele, mas sem atribuir um efeito de autoria na qual emerge uma nova FD. Como vimos, a FD dominante permanece sendo a do Enciclopedismo que regula as práticas de textualização.

Podemos compreender, então, o quanto o sujeito está em relação direta com o sujeito-autor, enquanto característica a todo sujeito, em sua capacidade de dizer. Já a função-autor atribui a esse dizer do sujeito-autor o efeito de originalidade e singularidade que lhe cabe. O discurso, por sua vez, é que vai se relacionar com o efeito-autor, aquilo que faz com se veja o “um” de um discurso, seu efeito de totalidade e que se aproxima da forma-sujeito. O sujeito, ao exercer a função-autor (sua ausência absoluta seria o non-sens) vai “costurando” discursos na busca de aproximar-se cada vez mais de um efeito-autor (ainda não alcançado). Há níveis nesse percurso, o que dá efeitos diferentes na autoria. Ou seja, há efeitos “mais de autor” do que outros. E é o percebemos na enciclopédia online.

Nela, a autoria colaborativa traz um formato historicizado (a enciclopédia) que vai regular essa busca pelo efeito-autor. Além do “padrão” enciclopédico, por ser uma mídia diferente, há uma mudança nessa forma de escrever verbetes, mas há também um esforço gigantesco para manter-se no formato historicizado, garantido, conhecido e seguro. Assim, os sujeitos estão no processo de “gênese” de um efeito-autor, de uma construção de uma nova discursividade, já que não são enciclopedistas, mas também não são usuários da web regidos pela cibercultura como outros (chats, blogs, navegadores).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar a Wikipédia como objeto de estudo, podemos concluir que se trata de um agregador e gerenciador de conhecimentos e saberes, sendo que a noção de conhecimento está diretamente ligada a um movimento de repetição e repetição da repetição que vincula ao longo dos tempos os sentidos, ora configurando-os de um modo, ora de outro. Assim, o conhecimento é o saber repetido, modificado, alterado, em redes de filiações de enunciados que se atualizam em formulações outras; como um efeito de sapiência, de saber sobre.

Como vimos, um dos modos de produção e circulação de saberes na web é a enciclopédia online, entre muitos outros modos, mediante a formulação e circulação do conhecimento sob a forma de conteúdos disponibilizados pelos internautas na Wikipédia, ou seja, os discursos estão dispostos e emaranhados nesse universo, em redes, e os sujeitos os fazem emergir a partir da autoria.

Dada a força contemporânea da web como espaço de produção circulação de discursos, foi preciso refletir sobre a internet em sua historicidade, em sua relação com o computador, artefato que presentifica a busca do homem pela solução matemática, exatidão e disputa tecnológica. No universo da internet, a Wikipédia, como os demais sites constituídos por suas inúmeras páginas, se apresenta sob a forma de hipertexto. O hipertexto, tão discutido e aclamado como uma mudança paradigmática na escrita e leitura, tem os sujeitos como seu cerne, pois são eles com seus “cliques” que o configuram como tal. Discursivamente, o hipertexto é mais um texto, e deve tomado com um recorte de um universo de sentidos, onde cada bloco recortado remete a algo também presente em outros lugares, outros textos, e com os quais mantém forte relação de dependência ou oposição. Esse universo de sentidos posto em jogo pelo hipertexto, na verdade, ocorre sempre em todo dizer, não sendo, portanto, exclusividade do formato hipertextual.

Tudo isto levou-nos a perceber que a internet/o hipertexto não constituem uma nova materialidade, mas sim um novo suporte para a materialidade discursiva, assim, como também o são (e sempre foram) os textos, as imagens, a música. Nos hipertextos (e não na internet em si) nos deparamos com a materialidade sobre a qual os discursos se configuram, e mais precisamente, com a materialidade sobre a qual a enciclopédia emerge como tal.



Sobre a enciclopédia, seja ela como artefato ou como idealização, vimos que há um imaginário que a acompanha, significando-a, o da busca por abarcar todo o conhecimento, todos os saberes. O conhecimento enciclopédico, então, emerge como aquilo que cabe a todos a saber, vindo a compor uma enciclopédia. Esta é uma rede de repetições historicamente posta em funcionamento. Sendo a internet fruto de seu tempo, os mesmos conflitos sociais “fora da web” estão presentes no ciberespaço, a força do sentido historicizado do que é uma enciclopédia (um imaginário de conhecimento) e o que ela abarca (os saberes enciclopédicos).

Os saberes que envolvem a Wikipédia dizem respeito a um conjunto de possíveis de serem formulados. Os internautas ao editar os artigos, instauram na formulação essa relação com o que é possível de emergir no discurso, mas que tenha caráter enciclopédico neutro e padronizado, sendo esse o saber que vai reger todo o funcionamento discursivo da Wikipédia. Ao lado dele há ainda a noção da enciclopédia como repositório do conhecimento humano e a própria noção do que é conhecimento. Estes três grandes saberes elencados (Wikipédia, enciclopédia e conhecimento humano) são a base de todas as discursivizações e são os enunciados que predominam enquanto elementos de saber mobilizados nos discursos.

Esses saberes se fazem presentes nos discursos da Wikipédia e seus sentidos são estabelecidos a partir do trabalho da memória que aciona dizeres relativos aos saberes que a constituem, essencialmente determinando (e resgatando) os dizeres acerca do que cabe a uma enciclopédia “dizer”. Pela memória, também, dizeres “externos” aos saberes enciclopédicos não penetram nos discursos, escapando ao controle do sentido e da idealizada neutralidade. O que leva a constatar a produção dos artigos da Wikipédia como enunciados, cuja existência fora viabilizada pela presença do enunciável (ainda que não enunciado), postos em relação pela memória e pelo arquivo a ler (a versão em língua portuguesa da Wikipédia). Os saberes mobilizados mediante as condições de produção dizem respeito ao nível vertical que, pela memória, se atualizam no nível horizontal, nas formulações e textos da enciclopédia on-line.

Como em Análise do Discurso os dispositivos nunca são os mesmos, uma vez que a questão formulada pelo analista frente um discurso a analisar determina a mobilização de certos conceitos e a realização de certos recortes; o constructo teórico-analítico sobre a Wikipédia norteia-se aqui por questões específicas (saberes, sujeitos e autoria colaborativa), o que garante sua especificidade e singularidade. Nosso universo de discursos se limita ao discurso do conhecimento, a enciclopédia virtual Wikipédia é tomada como objeto de estudo e seus elementos constitutivos (os artigos) configuram o arquivo.

Nesse percurso de análise, foram de três grandes espaços do website o material empírico convertido em objeto discursivo do qual obtivemos os recortes: (1) páginas

institucionais; (2) páginas de discussão entre os usuários e (3) a página de um artigo sobre “globalização”. O objetivo fora desestabilizar os sentidos aparentemente evidentes acerca de: autoria, autoria colaborativa, enciclopédia, enciclopédia on-line e, também, conhecimento. Assim, a Wikipédia, sendo um construto lingüístico-imagético, fruto de uma era tecnológica e tecnologizante das coisas do mundo, escrita e lida por falantes de língua portuguesa de vários países, sob a égide do formato empregado de “enciclopédia” o início do século XXI. Ela, pois, se materializa numa formação social tendo como formação ideológica dominante a Formação Ideológica do Saber, mas que se mantém em jogo com outras FI's como a da Moral, da Religião, do Mercado...

Na Wikipédia (como em outros objetos discursivos), as discursivizações são processos nos quais os sujeitos duplamente afetados se colocam na posição de sujeitos do discurso e assim, identificam-se com esta ou aquela formação discursiva pelo viés da forma-sujeito respectiva, a qual vai “fornecer” os sentidos possíveis a partir dessa região da formação ideológica. Então, a tomada de posição foi altamente relevante em nosso objeto de estudo, uma vez que, frente aos saberes mobilizados para a construção de um artigo da Wikipédia, os sujeitos se filiam a diferentes formações discursivas, entrando em seu universo de conflitos, embates ou alianças.

Na Wikipédia, portanto, deparamo-nos com um conjunto de enunciados produzidos por sujeitos enunciadorees que identificados com uma ou outra formação discursiva, dela obtém a evidência do sentido para aquilo que dizem, produzindo o efeito-sujeito no discurso, sob o efeito de ineditismo e homogeneidade. Pela desnaturalização do sentido, via recortes discursivos, pudemos perceber, então, as tomadas de posição desses sujeitos e também o jogo de forças entre os saberes mobilizados. A partir disto constatamos que há um “tipo” específico de texto, e somente ele é um texto enciclopédico, há uma permanente busca pela neutralidade da enciclopédia, o que subjaz e determina todas as discursivizações, além da busca de um universo aparentemente estabilizado da ciência verificável e indiscutível.

No jogo de forças entre FD's, percebemos que duas se sobressaíam na leitura do corpus: a Formação Discursiva do Enciclopedismo, que a partir sua forma-sujeito, determina o que pode e o que não pode ser dito na Wikipédia, a cada artigo escrito ou editado e Formação Discursiva da Cibercultura, a partir do qual o próprio espaço virtual e os sujeitos envolvidos são significados.

Frente ao domínio da Formação Ideológica do Saber, duas formações, a do Enciclopedismo e a da Cibercultura, vão reger a produção e a circulação dos discursos, bem como a estabilização provisória dos sentidos. Sob o elemento “conhecimento” e seus

desdobramentos (saberes envolvidos) se instaura a negociação dos sentidos a partir dessas duas formações: uma forçando os saberes referentes ao que é conhecimento humano, como deve ser o texto, a necessidade de aparente neutralidade... já a outra forçando os saberes referentes ao que é uma página, uma comunidade de usuários, a acessibilidade... ambas marcadas pela heterogeneidade e por um forte conflito entre elas.

No jogo pela determinação do sentido, a configuração de imagens (que determina e é determinada pelo lugar discursivo) no plano discursivo através das posições discursivas ocupadas pelos sujeitos do discurso, em sua relação com as situações reais de existência, mostrou-se muito pertinente, e permitiu visualizar o trabalho de formações imaginárias distintas. De um lado, a imagem do enciclopedista: aquele que escreve enciclopédias, e de outro, a imagem do internauta: aquele navega pela rede mundial de computadores. A partir dessas duas imagens bastante diferentes entre si, pudemos constatar que as formulações vão ser construídas no espaço do verbete, por sujeitos do discurso que, buscam atender a essas duas imagens simultaneamente, passando a uma idealização que culmina na figura de uma terceira imagem: a imagem do wikipedista. Portanto, é o wikipedista a correspondência no plano da designação, de uma construção imaginária da figura do internauta como aquele que se vale de todos os recursos da web e que tem liberdade para expressar-se e trocar com outros internautas e que é um enciclopedista dentro do universo virtual. Essa designação reforça e entrelaça a íntima relação entre a FD do Enciclopedismo e a FD da Cibercultura, entre as quais há conflito e estranhamento, a ponto de às vezes um absorver e deslocar elementos pertencentes ao outro.

Podemos concluir que os sujeitos envolvidos com a configuração de uma enciclopédia virtual, então, são da ordem dessa relação da linguagem com a ideologia, uma vez que é a linguagem que constitui e compõe a Wikipédia sustentando-a como tal; e é a linguagem o correspondente na dimensão psíquica do sujeito das suas condições reais de existência pelo trabalho da ideologia.

Pelas análises das seqüências que constroem a discursivização da própria enciclopédia online, mobilizando saberes, percebemos haver dois sujeitos predominantes neste espaço discursivo virtual: o sujeito leitor, aquele que simplesmente navega e consulta as páginas do site mas que não “interfere” nos artigos da enciclopédia; e o sujeito editor, sendo que este segundo apresenta-se como coletividade. Além destes, há ainda um sujeito discursivamente idealizado: o sujeito wikipedista, aquele que edita e que se identifica, participando ativamente da escrita dos artigos e que se relaciona constitutivamente com a imagem do wikipedista, imagem esta construída sobre um efeito de apagamento da existência de práticas de edição

distintas e de modos diferentes pelos quais os sujeitos se relacionam com a enciclopédia. As práticas discursivas se relacionam com os aspectos do dizer desse sujeito na busca por imparcialidade, neutralidade, objetividade, bem como com a condição desse dizer, de liberdade e responsabilidade, e com os saberes mobilizados nesse dizer, o conhecimento.

A imagem do Wikipedista na relação entre os sujeitos com a forma-sujeito se dá de modo também fragmentado, disperso, nas redes de discussão travadas e pelas análises que priorizaram o aspecto da imparcialidade e da originalidade do dizer (fontes verificáveis) percebemos que os seus princípios são também seus maiores conflitos.

Na Wikipédia, portanto, temos duas naturezas distintas: a da idealização, na qual há uma imagem construída e sobre a qual uma série de princípios são produzidos para regular os dizeres e os saberes acerca do conhecimento humano (o wikipedista); e a da realização, na qual os sujeitos dos discursos (dotados de inconsciente e pela ideologia interpelados) vão produzindo seus dizeres e mobilizando saberes acerca do conhecimento humano na tentativa (nunca concretizada) de total enquadramento na imagem construída (os editores).

A Wikipédia tanto se constitui como um espaço de acessamentos quanto um espaço de autorização e acomodação dos sentidos. No processo de elaboração de um artigo, apenas alguns sentidos (e não todos) são provisoriamente acomodados e passam a constituir o texto disponibilizado na página, mediante a modalidade de escrita colaborativa. Tomando os artigos como textos, podemos tomar os editores como autores e o processo de escrita como trabalho de autoria.

Entendemos a enciclopédia online como um acontecimento trabalhado nesse jogo da memória, onde o novo, o *cibercultural* emerge e desestabiliza o que já está regulado, mas que ao mesmo tempo sofre uma força de acomodação, na aproximação com o enciclopédico. Sendo a autoria um gesto de interpretação, o texto do verbete é um espaço discursivo heterogêneo, no qual não há trabalho de um único sujeito, mas sim, de conjuntos de sujeitos que, inscritos em diferentes formações discursivas, negociam os sentidos pelos gestos de interpretação e dão o efeito de aparente neutralidade e suposto caráter enciclopédico. Ao produzi-lo, cada sujeito exerce uma função enunciativa de autor, constituindo-se como sujeito-autor.

Tomado sob duas óticas distintas, um mesmo artigo foi submetido à análise, em seu efeito-texto, como um todo acabado, em seu processo de escrita colaborativa, como uma costura entre diferentes discursos, podemos concluir então, que o movimento de estabilização de sentidos não é pacífico, tampouco natural. Assim, modos distintos de edição do artigo marcam o funcionamento discursivo da autoria. Há um jogo de forças bastante marcado que

surge na figura da alteração do artigo. Inclusive, a autoria sob a modalidade de colaboração, na verdade, mostra-se mais como negociação. Há diferença ou divergência entre posições-sujeito, que acabam regendo a reversão. Por fim, há ainda uma escrita com alterações que buscam mais a construção de um texto, delineando, então, negociações no campo do discurso. A função-autor se sobressai na produção dos sujeitos que, de fato, se colocam na posição de autores e vão costurando as redes discursivas travadas em cada verbete, entretanto, não há efeito-autor no artigo que venha a instaurar uma nova FD a partir do confronto de duas outras. O que há, e que trata-se de uma hipótese, é deparamo-nos com a gênese de um efeito-autor no que se refere à própria enciclopédia online, pelo confronto de duas FDs ( a FD do Enciclopedismo e a FD da Cibercultura), concretizando-se na imagem do wikipedista. Porém, essa imagem ainda não tem força determinante na discursivização dos artigos, que se submetem, as mais das vezes, à FD do Enciclopedismo, como a dominante.

Por estas constatações chegamos ao término deste estudo com a certeza de que muito há por ser estudado quanto a essa enciclopédia online tão difundida pelo mundo virtual, entretanto, cremos ter realizado um apanhado significativo acerca do seu funcionamento discursivo, pelas redes de discursos que se tecem na relação entre os sujeitos e os saberes mobilizados e constitutivos da Wikipédia.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Págs.105-142

BARRIQUELLO, Viviane. <http://www.tramasdiscursivas.com.br/blog/autoriaeleitura>. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAZARIN, Ercília Ana. *Heterogeneidade Discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L.I.Lula da Silva*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

COLLINOT, A.; MAZIÈRE, Francine. A língua francesa: pré-construído e acontecimento lingüístico. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: UNICAMP, 1994. Págs.185-199.

COURTINE, Jean-Jacques. Définition D'Orientations Théoriques et Construction de Procédures en Analyse du Discours. In : *Philosophiques*, vol. IX, número 2, Octobre 1982.

\_\_\_\_\_. El concepto de formación discursiva. In: BARONAS, R.L. (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzatto, 1999. p.15-22.

\_\_\_\_\_. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n.62, p.9-127, juin/1981.

CRUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*. Natal, 2002, 7 (1), págs. 143-149. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>> Acessado em 10/09/2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Portugal: Vega, 1992.

GADET, Françoise. Prefácio. In: *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997. Págs. 7-11.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? In: *Linguagem em Discurso*. Tubarão, vol. 1, no.2, p.61-70, jan/jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Sobre a estrutura e o evento. In: \_\_\_\_\_. *Texto: como apre(e)nder esta matéria? análise discursiva do texto na escola*. Campinas, 1994. TESE (Doutorado em Linguística – Unicamp). Sem número de páginas.

\_\_\_\_\_. *Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva*. Blumenau: Nova Letra, 2008.

GRIGOLETTO, Evandra. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas Discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. Págs.47-65.

GUIMARÃES, Eduardo. Apresentação. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento, volume 1 (Estado, Mídia, Sociedade)*. Campinas: Pontes, 2001. Págs. 07-10.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET,F.;HAK,T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed.da UNICAMP, 1997. Págs. 13-38.

INDURSKY, Freda. *A evolução da noção de sujeito em Análise do discurso*. II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999. Anais Cd-rom, Florianópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo. *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: EDUCAT, 2001. p.27-42.

\_\_\_\_\_. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R.L. (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas Discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. Págs.9-33.

KOHELER, Henrique. *Pequeno Dicionário Escolar Latino-Português*. Porto Alegre: Ed.Globo, 1960.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu.In: ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Págs.97-103

LANDOW, George P. *Teoria del hipertexto*. Barcelona: Paidós, 1997.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. A trama enfática do sujeito. In: *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. págs. 101-108.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (coord.) *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. O ciberespaço como um passo metaenunciativo. In: MARTINS, Francisco M. & SILVA, Juremir M. (orgs.). *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004. Págs.157-170.

LIESTØL, Gunnar. Wittgenstein, Genette y la narrative del lector in hipertexto. In: LANDOW, George (org.). *Teoria del hipertexto*. Barcelona, Paidós, 1997.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. Sujeito e discursos contemporâneos. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Clara Luz, 2009 (no prelo).

MITTMANN, Solange. Redes e ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, Lucília Marília Sousa; GASPAR, Nádea Regina. *Discursos Midiáticos: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. Págs.113-130.

MORALES, Blanca de Souza Vieira. Sujeito: imaginário, simbólico e real. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas Discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. Págs.34-46.

MOREIRA e SILVA, Carla Letuza. *O referendo do comércio de armas no Brasil: diferenças e divergências no discurso jornalístico sobre*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NIELSEN, Jakob. *Hypertext and hypermedia*. Boston: Academic, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp: 2000.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e circulação do Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.



\_\_\_\_\_. Introdução: a leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998. Págs. 07-24.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy.(orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. Págs. 11-31.

\_\_\_\_\_. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>> Acesso em 23/04/2009.

PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'analyse de discours. In: COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n.62, p.9-127, juin/1981.

\_\_\_\_\_. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise. L'inquiétude di discours: texts de Michel Pêcheux. Chapitre IX. Éditions des Cendres, 1990. p.285-293.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In : ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1994. Págs. 55-66.

A Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997. Págs. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997a. Págs. 61-161.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In : ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas, SP : Pontes, 1999. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997. Págs.163-252.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine & HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. Págs. 13-31.

PFEIFFER, Claudia. Escola e divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento, volume 1 (Estado, Mídia, Sociedade)*. Campinas: Pontes, 2001. Págs. 41-58.

RASIA, Gesualda dos Santos. Entre a indeterminação e a determinação: o discursivo na materialidade lingüística. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas Discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. Págs.154-173.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. In: IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (FELIN) - *Língua Portuguesa, educação e mudança* Outubro/2007.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, v.17, nº1, p.113-127, jan/jun 2005. Disponível em <<http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2005-1-Cap8.pdf>> Acessado em 15/09/2008.

SAN MARTÍN, Patricia. *Hipertexto: seis propuestas para este milenio*. Buenos Aires: La Crujia, 2003.

SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, Carme R.; RÖSING, Tania M.K.(org.).*Questões de escrita*. Passo Fundo: Editora UPF, 2005. Págs.138-156.

SCOTTA, Larissa. *Da Enciclopédia enquanto um círculo que se fecha à Wikipédia enquanto uma rede que abre: um gesto interpretativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

**ANEXO A - LISTA DAS PÁGINAS ANALISADAS**

<http://pt.wikipedia.org/> (Wikipédia)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal) (Wikipédia- página principal)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Boas-vindas> (Wikipédia – boas vindas)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Pol%C3%ADticas\\_da\\_Wikip%C3%A9dia\\_lus%C3%B3fona](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Pol%C3%ADticas_da_Wikip%C3%A9dia_lus%C3%B3fona) (políticas da Wikipédia)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco\\_pilares](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco_pilares) (cinco pilares)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aids> (aids)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:S%C3%ADndrome\\_da\\_imunodefici%C3%Aancia\\_adquirida](http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:S%C3%ADndrome_da_imunodefici%C3%Aancia_adquirida) (aids – discussão)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o> (globalização)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Antiglobaliza%C3%A7%C3%A3o> (antiglobalização)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:Globaliza%C3%A7%C3%A3o> (globalização – discussão)

[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Discuss%C3%A3o:Rio\\_de\\_Janeiro\\_\(cidade\)&oldid=9756918](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Discuss%C3%A3o:Rio_de_Janeiro_(cidade)&oldid=9756918) (Rio de Janeiro – discussão)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_Internacional\\_para\\_Padroniza%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:Organiza%C3%A7%C3%A3o_Internacional_para_Padroniza%C3%A7%C3%A3o) (ISO – discussão)

## ANEXO B – QUADRO: LISTA DE ÍNDICES E LINKS DOS ARTIGOS “GLOBALIZAÇÃO” E “ANTIGLOBALIZAÇÃO”

Artigos WIKIPÉDIA (pt)			
“GLOBALIZAÇÃO”		“ANTIGLOBALIZAÇÃO”	
<b>Índice</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 história</li> <li>2 impacto               <ul style="list-style-type: none"> <li>2.1 comunicação</li> </ul> </li> <li>3 qualidade de vida</li> <li>4 teorias da globalização               <ul style="list-style-type: none"> <li>4.1 Antonio Negri</li> <li>4.2 Benjamin Barber</li> <li>4.3 Daniele Conversi</li> <li>4.4 Samuel P. Huntington</li> </ul> </li> <li>5 antiglobalização</li> <li>6 referências</li> <li>7 bibliografia</li> <li>8 ver também</li> <li>9 ligações externas</li> </ul>	<b>Índice</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 manifestações</li> <li>2 definição</li> <li>3 notas e referências</li> <li>4 bibliografia</li> <li>5 ver também</li> <li>6 ligações externas</li> </ul>
<b>links</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>econômica, social,cultural, política</li> <li>Século XX</li> <li>século XXI</li> <li>aldeia global</li> <li>mercados</li> <li>descobrimientos (2x)</li> <li>revolução industrial</li> <li>revolução tecnológica</li> <li>século XV</li> <li>século XVIII</li> <li>O Repórter Esso</li> <li>Nações Unidas</li> <li>Comunidade Européia do Carvão e do Aço</li> <li>BRIC</li> <li>Primeiro mundo</li> <li>Tigres asiáticos</li> <li>Japão</li> <li>Paul Singer</li> <li>Maria da Conceição Tavares</li> <li>Mercado financeiro</li> <li>Internet (3x)</li> <li>Democracia (2x)</li> <li>China (2x)</li> <li>Protesto na Praça Tiananmen em 1989</li> <li>CNN</li> <li>BBC</li> <li>Taiwan</li> <li>Tibete</li> <li>Irã, Arábia Saudita</li> <li>Orkut e My Space</li> <li>Longevidade <i>dos</i> países emergentes</li> <li>África Sub-saariana</li> <li>América Latina</li> <li>Índice de Liberdade Econômica</li> <li>ONU</li> <li>Prêmio Nobel <i>em economia</i> Stiglitz (2x)</li> </ul>	<b>links</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Capitalistas – liberais</li> <li>Globalização (5x)</li> <li>NAFTA</li> <li>ALCA</li> <li>Capitalismo</li> <li>Socialismo</li> <li>Comunismo</li> <li>Nazismo</li> <li>Corporativismo</li> <li>Anarquia</li> <li>Estados Unidos</li> <li>Ação Global dos Povos</li> <li>18 de junho</li> <li>Fundo Monetário Internacional</li> <li>30 de novembro, Seattle (3x)</li> <li>Organização Mundial do Comércio</li> <li>Países</li> <li>Delegados</li> <li>Índia (2x)</li> <li>Uruguai</li> <li>1998</li> <li>G8</li> <li>Anarquistas</li> <li>Comércio justo</li> <li>Feministas</li> <li>Marxistas</li> <li>Pacifistas</li> <li>Política econômica</li> <li>Cimeiras</li> <li>Fórum Econômico Mundial</li> <li>26 de novembro de 2000</li> <li>Ação Tributária das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos</li> <li>Fórum Social Mundial</li> <li>Porto Alegre (2001)</li> <li>Carlo Giuliani</li> </ul>

<p>Outsourcing Era da Informação MIT Sustentáveis Nanotecnologia <i>ou</i> fusão nuclear Países Baixos UE (<i>União Européia</i>) Sociedades História Bloco socialista Guerra Fria URSS Segunda Guerra Mundial Occidental Consenso de Washington Italiano Antonio Negri Redes Corporações, ONGs, terroristas Estado Partidos Jihad (2x) Religião islâmica Estados Unidos (2x) Samuel P. Huntington Antiglobalização Movimentos antiglobalização Meios de comunicação Atentados de 11 de setembro</p>	<p>Banco Mundial Sociologia Cultural Economia Meios de comunicação e transporte Mercados Transnacionais Livre-comércio Estado Fenômeno capitalista Revolução Industrial Portugueses Descobertas Segundo Guerra Mundial Revolução Tecnológica Stiglitz Consenso de Washington ONU Desigualdades econômicas OECD Estados Unidos América Latina Oriente Médio Norte da África China Distribuição de renda Neoliberal Mundo Demônio PIB</p>
<p><i>Total: 64 sintagmas diferentes</i> <i>Total: 72 links</i></p>	<p><i>Total 65 sintagmas diferentes</i> <i>Total: 72 links</i></p>

## ANEXO C – EXEMPLOS DE QUADROS DE EDIÇÃO

### 1) Quadro de Edição – Acréscimo de blocos textuais

<a href="#">Edição tal como às 01h30min de 28 de Novembro de 2004 (ver código)</a> <a href="#">Mateuse (discussão   contribs)</a> <a href="#">← Ver a alteração anterior</a>	<a href="#">Edição tal como às 01h27min de 3 de Dezembro de 2004 (ver código)</a> <a href="#">Pedro Aguiar (discussão   contribs)</a> m (incluído texto de lavra própria) <a href="#">Ver a alteração posterior →</a>
<b>Linha 1:</b> A Globalização é um processo de facilitação na integração de países no final do [[Século XX]], é um fenómeno observado na necessidade de formar uma [[Aldeia Global]] que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.	<b>Linha 1:</b> A Globalização é um processo de facilitação na integração de países no final do [[Século XX]], é um fenómeno observado na necessidade de formar uma [[Aldeia Global]] que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.
	A rigor, as [[sociedade]]s do mundo estão em processo de "Globalização" desde o início da[[História]]. Mas o processo histórico a que se denomina "Globalização" é bem mais recente, datando (dependendo da conceituação e da interpretação) do colapso do bloco socialista e o conseqüente fim da [[Guerra Fria]] (entre 1989 e 1991), do refluxo capitalista com a estagnação econômica da [[URSS]] (a partir de 1975) ou ainda do próprio fim da [[Segunda Guerra Mundial]].
* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.	* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.
	==Teorias da Globalização==
	===Antonio Negri===
	O pensador [[Itá italiano]] [[Antonio Negri]] defende, em seu livro "[[Império (livro) Império]]", que a nova realidade socio-política do mundo é definida por uma forma de organização diferente da hierarquia vertical ou das estruturas de poder "arborizadas" (ou seja, partindo de um tronco único para diversas ramificações ou galhos cada vez menores). Para Negri, esta nova dominação (que ele batiza de "Império") é constituída por [[rede]]s assimétrica, e as relações de poder se dão mais por via cultural e econômica do que uso coercitivo de força. Negri entende que entidades organizadas como redes (tais como [[Corporação corporações]], ONGs e até grupos [[Terrorismo terroristas]]) têm mais poder e mobilidade (portanto, mais chances de sobrevivência no novo ambiente) do que instituições paradigmáticas da modernidade (como o [[Estado]], [[partido]]s e empresas tradicionais).
	===Samuel Huntington===
	O cientista político [[Samuel Huntington]], ideólogo do neoconservadorismo norte-americano, enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que conduziria inevitavelmente a um "choque de civilizações".
	===Zygmunt Bauman===
	===Immanuel Todd===
- <b>{{esboço}}</b>	==Veja também==
	*[[Capitalismo]]
	*[[Pós-moderno]]

## 2) Quadro de edição – vandalismo

<p><a href="#">Edição tal como às 16h38min de 24 de Abril de 2007</a> (ver <a href="#">código</a>)  <a href="#">333</a> (discussão   contribs)  (Revertendo para a revisão 5772060 de 2007-04-22 16:03:37 por Der kenner usando <a href="#">popups</a>)  ← Ver a alteração anterior</p> <p><b>Linha 5:</b>  As principais características da globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] supostamente "universal", entre outros.</p> <p>- ===Teorias da Globalização===  ===Antonio Negri===</p>	<p><a href="#">Edição tal como às 01h38min de 28 de Abril de 2007</a> (ver <a href="#">código</a>)  200.233.238.126 (discussão)  (→Teorias da Globalização)  Ver a alteração posterior →</p> <p><b>Linha 5:</b>  As principais características da globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] supostamente "universal", entre outros.</p> <p>+ ===Teorias da Globalização. <b>COPIE E COLE, ENGANE O IDIOTA DO SEU PROFESSOR</b>===  ===Antonio Negri===</p>
--	--

## 3) Quadro de edição – reversão

<p><a href="#">Edição tal como às 16h31min de 15 de Maio de 2005</a> (ver <a href="#">código</a>)  201.7.2.172 (discussão)  ← Ver a alteração anterior</p> <p><b>Linha 3:</b>  As principais características da Globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] universal, entre outros.</p> <p>* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.</p> <p><b>Linha 13:</b>  ===Antonio Negri===  O pensador <b>comunista</b> [[Itá italiano]] [[Antonio Negri]] defende, em seu livro "[[Império (livro) Império]]", que a nova realidade socio-política do mundo é definida por uma forma de organização diferente da hierarquia vertical ou das estruturas de poder "arborizadas" (ou seja, partindo de um tronco único para diversas ramificações ou galhos cada vez menores). Para Negri, esta nova dominação (que ele batiza de "Império") é constituída por [[rede]]s assimétrica, e as relações de poder se dão mais por via cultural e econômica do que uso coercitivo de força. Negri entende que entidades organizadas como redes (tais como [[Corporação corporações]], ONGs e até grupos [[Terrorismo terroristas]]) têm mais poder e mobilidade (portanto, mais chances de sobrevivência no novo ambiente) do que instituições paradigmáticas da modernidade (como o [[Estado]], [[partido]]s e empresas tradicionais).</p> <p>===Benjamin Barber===</p> <p><b>Linha 21:</b>  ===Samuel Huntington===  O cientista político <b>norte-americano</b>[[Samuel Huntington]] enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental, <b>da democracia</b> e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que <b>poderia conduzir</b> a um "choque de civilizações".</p>	<p><a href="#">Edição tal como às 17h56min de 15 de Maio de 2005</a> (ver <a href="#">código</a>)  Campani (discussão   contribs)  (revertendo por parcialidade)  Ver a alteração posterior →</p> <p><b>Linha 3:</b>  As principais características da Globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma [[cultura de massa]] <b>supostamente</b> "universal", entre outros.</p> <p>* É dado a [[Internet]] o principal meio de conexão tecnológico e viabilizador da Globalização.</p> <p><b>Linha 13:</b>  ===Antonio Negri===  O pensador [[Itá italiano]] [[Antonio Negri]] defende, em seu livro "[[Império (livro) Império]]", que a nova realidade socio-política do mundo é definida por uma forma de organização diferente da hierarquia vertical ou das estruturas de poder "arborizadas" (ou seja, partindo de um tronco único para diversas ramificações ou galhos cada vez menores). Para Negri, esta nova dominação (que ele batiza de "Império") é constituída por [[rede]]s assimétrica, e as relações de poder se dão mais por via cultural e econômica do que uso coercitivo de força. Negri entende que entidades organizadas como redes (tais como [[Corporação corporações]], ONGs e até grupos [[Terrorismo terroristas]]) têm mais poder e mobilidade (portanto, mais chances de sobrevivência no novo ambiente) do que instituições paradigmáticas da modernidade (como o [[Estado]], [[partido]]s e empresas tradicionais).</p> <p>===Benjamin Barber===</p> <p><b>Linha 21:</b>  ===Samuel Huntington===  O cientista político [[Samuel Huntington]], <b>ideólogo do neoconservadorismo norte-americano</b>, enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que <b>conduziria inevitavelmente</b> a um "choque de civilizações".</p>
---	---

## 4) Quadro de edição – alteração

<p><a href="#">Edição tal como às 19h37min de 14 de Março de 2006 (ver código)</a>  <a href="#">62.169.125.226 (discussão)</a>  (→Conceito e avaliação)  ← Ver a alteração anterior</p> <p><b>Linha 1:</b>  A "globalização" é <b>um dos processos de aprofundamento da integração econômica e social dos países do Mundo no final do [[Século XX]], é um fenómeno observado na necessidade de formar uma [[Aldeia global Aldeia Global]] que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.</b></p>	<p><a href="#">Edição tal como às 20h19min de 18 de Março de 2006 (ver código)</a>  <a href="#">Carlito.almeida (discussão   contribs)</a>  Ver a alteração posterior →</p> <p><b>Linha 1:</b>  A "globalização" é <b>a interdependencia dos países,sendo ela comercial ou não,através dos meios de transporte e comunicação.</b></p>
--	---